

ALCIDES DO VALLE CAMARGO FILHO

**IMPLICAÇÕES DA PERCEPÇÃO SOCIAL DO CORPO
NA APRENDIZAGEM**

Centro Universitário FIEO - UNIFIEO

Osasco

2008

ALCIDES DO VALLE CAMARGO FILHO

**IMPLICAÇÕES DA PERCEPÇÃO SOCIAL DO CORPO
NA APRENDIZAGEM**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Psicologia Educacional do Centro Universitário FIEO, para obtenção do título de mestre em Psicologia Educacional, tendo como área de concentração Psicopedagogia, inserido na linha de pesquisa Psicopedagogia e Instituições, sob orientação da Prof^a Dr^a Cleomar Azevedo.

Osasco

2008

ALCIDES DO VALLE CAMARGO FILHO

**IMPLICAÇÕES DA PERCEPÇÃO SOCIAL DO CORPO
NA APRENDIZAGEM**

Osasco, 24 de março de 2.008.

Prof. Dr. Antonio da Costa Ciampa

Profª Drª Márcia Siqueira de Andrade

Profª Drª Cleomar Azevedo – Orientadora

Prof. Dr. João Clemente de Souza Neto (suplente)

CAMARGO FILHO, Alcides do Valle.
Implicações da percepção social do corpo na aprendizagem/ Alcides do Valle Camargo Filho; orientação Prof.^a Dr.^a Cleomar Azevedo. Osasco, 2008, 164f.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós Graduação Stricto Sensu em Psicologia Educacional (área de concentração: Psicopedagogia), do UNIFIEO - Centro Universitário FIEO.

1. Psicopedagogia; 2. Corpo; 3. Percepção social; 4. Trabalho; 5. Aprendizagem.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Maria José e Alcides (*in memoriam*)
aos meus filhos Jiddu, Shiva e Rishi,
aos meus amigos Márcia, Gustavo e Marcela.
Ao meu passado, ao meu presente,
àqueles que virão.

AGRADECIMENTOS

Há uma história de vida dando suporte às idéias e aos desejos que tenho hoje. Durante uma vida de relações nas quais assimilei conhecimentos, debati conceitos, desfiz preconceitos, despertei emoções e aprendi a controlar as minhas paixões.

Há tantos cúmplices em minha vida, que a intensidade dos vínculos não consegue distingui-los em importância e nem estabelecer uma ordem de ocorrência no tempo e no espaço, pois cada qual teve a sua contribuição na construção de minha alma, pela fé e pela luz, durante a chama de suas existências.

Agradeço aos meus pais com quem aprendi, através do vínculo estabelecido, o significado de compromisso, perseverança, dedicação e amor.

Agradeço aos meus filhos com quem aprendi, através das críticas severas, a moldar, para melhor, a minha adolescência inacabada.

Agradeço aos meus amigos de coração com quem aprendi a ver realidades diferentes das minhas, respeitá-las e cultivá-las.

Agradeço à minha orientadora de mestrado, Prof^a Cleomar Azevedo, com quem aprendi, através da sua suave postura, o quanto pode ser reconfortante a paciência.

Agradeço a todos os envolvidos nessa pesquisa com quem aprendi, através das suas demandas, a querer ser cada vez melhor.

RESUMO

CAMARGO FILHO, Alcides do Valle. **Implicações da Percepção Social do Corpo na Aprendizagem.** [Dissertação de Mestrado]. Osasco: UNIFIEO, 2008, 164p.

Esta pesquisa procurou compreender o fenômeno humano da percepção social do corpo, pois esse fenômeno poderia contribuir, com seu maior entendimento, para a melhoria do processo de aprendizagem de estratégias de defesa, que vão auxiliar na prevenção do Distúrbio Osteomuscular Relacionado ao Trabalho - DORT, doença ocupacional de maior incidência nesses últimos anos, segundo o INSS. A partir da análise ergonômica da realidade vivida por trabalhadores acometidos do DORT, procuro demonstrar qual é a percepção social que eles têm do corpo e como essa percepção poderia estar influenciando em sua aprendizagem de estratégias de defesa para se proteger dessa doença ocupacional. A área do conhecimento escolhida foi a Psicologia Educacional, pois a atuação psicopedagógica além de considerar, interdisciplinarmente, os diversos agentes atuantes no fenômeno estudado, permite o reconhecimento, o tratamento e a prevenção de possíveis distúrbios nos processos de aprendizagem. Além disso, a Psicopedagogia encara o trabalhador como um sujeito aprendente, capaz de apreender, elaborar e aplicar conhecimento em sua realidade. Parto, metodologicamente, da Pesquisa-ação para examinar o fenômeno da percepção social do corpo, fazendo uso de instrumentos como o Relato de Vida Profissional, a Entrevista Semi-estruturada, a Autoscopia e o Relato sobre o Adoecimento em Situação de Trabalho. Realizo uma análise do material produzido com um olhar geral embasado em conhecimentos científicos, que dão o suporte teórico, e outro olhar específico com a perspectiva da percepção social do corpo como fator, também, determinante de posturas corporais, de repetição de movimentos e de intensidade do esforço físico despendido nas atividades de trabalho. Concluindo, procuro fazer uma reflexão sobre a importância do estudo mais apurado da percepção social do corpo e de como esse estudo poderia influir na melhoria do processo de aprendizagem de questões, que como no caso do DORT, envolvem o corpo orgânico, a sua imagem e a sua significação social.

Palavras chaves: psicopedagogia, corpo, percepção social, trabalho, aprendizagem.

ABSTRACT

CAMARGO FILHO, Alcides do Valle. **Implications of the Social Perception of the Body in the Learning.** [Master's degree dissertation]. Osasco: UNIFIEO, 2008, 164p.

This research tried to understand on the human phenomenon of the social perception of the body, because that phenomenon could contribute, with your largest understanding, for the improvement of the process of learning of defense strategies, that it will aid in Osteomuscular's disturbance prevention Related to the Work - DORT, occupational disease of larger incidence on those last years, according to INSS. Starting from ergonomic analysis the reality lived by attacked workers of DORT, I try to demonstrate which is the perception that they have of the body and as that perception it could be influencing in your learning on himself, on the other ones and on how it could be if protecting against the disease. Educational Psychology is the chosen approach, because the performance Psychopedagogical besides considering, among the matters, the several agents that actuate in the studied phenomenon, allows the recognition, the treatment and the prevention of possible disturbances in the learning processes. Besides, Psychopedagogy faces the worker as an autonomous person, capable to apprehend, to elaborate and to apply knowledge in your reality. It starts, methodologically, of the Research-action to examine the phenomenon of the social perception of the body, making use of instruments as the Report of Professional Life, the Semi-structured Interview, "Autoscopia" (filming) and the Report on Illness in Situation of Work. I accomplish an analysis of the material produced with a general point of view based in the scientific knowledge, that give the theoretical support, and other specific glance with the perspective of the social perception of the body as factor, also, decisive of corporal postures, of repetition of movements and of intensity of the effort physical spent in the work activities. Ending, I try to do a reflection on the importance of the most select study of the social perception of the body and of as that study could influence on the improvement of the process of learning of subjects, that as in the case of DORT, it involves the organic body, your image and your social significance.

Palavras chaves: psychopedagogy, body, social perception, work, learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
I O TRABALHADOR EM SEU AMBIENTE DE TRABALHO	14
1.1 TRABALHADOR: UM SUJEITO ABSTRATO.....	19
1.2 TRABALHADOR: UM SUJEITO CONCRETO.....	23
1.3 TRABALHADOR: UM SUJEITO PERCEPTIVO.....	31
1.4 TRABALHADOR: UM SUJEITO LABORIOSO.....	36
II APRENDIZAGEM E O SUJEITO APRENDENTE	46
2.1 CONTRIBUIÇÃO DA PSICOPEDAGOGIA PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM.....	52
III METODOLOGIA	64
3.1 GRUPO DE ESTUDO DA PESQUISA.....	66
3.2 INSTRUMENTOS.....	67
3.2.1 Histórico de Vida Profissional.....	67
3.2.2 Entrevista.....	67
3.2.3 Registro Fotográfico do Ambiente de Trabalho.....	68
3.2.4 Autoscopia.....	68
3.2.5 Relato Pessoal dos Problemas de Saúde em Situação de Trabalho.....	69
IV DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	70
4.1 ANÁLISE DE DADOS DA PESQUISA.....	75
4.1.1 Discurso de Helena.....	76
4.1.1.1 Histórico de Vida Profissional.....	76
4.1.1.2 <i>Entrevista</i>	77
4.1.1.3 <i>Autoscopia</i>	79
4.1.1.4 <i>Relato Pessoal dos Problemas de Saúde em Situação de Trabalho</i>	80
4.1.2 Discurso de Clarice.....	82
4.1.2.1 <i>História de Vida Profissional</i>	82
4.1.2.2 <i>Entrevista</i>	83
4.1.2.3 <i>Autoscopia</i>	89
4.1.2.4 <i>Relato Pessoal dos Problemas de Saúde em Situação de Trabalho</i>	91
4.1.3 Discurso de Alice.....	93
4.1.3.1 <i>História de Vida Profissional</i>	93
4.1.3.2 <i>Entrevista</i>	95
4.1.3.3 <i>Autoscopia</i>	104
4.1.3.4 <i>Relato Pessoal dos Problemas de Saúde em Situação de Trabalho</i>	105
V ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	128
ANEXOS	130

INTRODUÇÃO

MOVIMENTO HISTÓRICO DO VIVIDO

Praticamente, 40 anos transcorreram-se desde o momento em que passou pela minha mente a idéia de criar algo novo, algo que ainda não tivesse sido inventado por ninguém. Uma decepção após outra ao, paulatinamente, perceber que já haviam inventado tudo aquilo que eu imaginava.

De súbito senti-me só. Sem pai, sem mãe, sem as três irmãs. Fora o falecimento de meu pai em 1987, ainda vivem minha mãe e minhas irmãs. Creio que recuperei meu pai antes de seu falecimento e minha mãe, da qual me sinto responsável. Porém, com minhas irmãs ainda encontro muitas dificuldades para uma convivência “normal”.

A solidão parece ter início após um momento sofrido em ambiente escolar. Não me parece ser o único acontecimento naquele ano de 1963. Recordo-me que brincava muito e não ficava atento às regras escolares e às punições, embora poucas, foram profundamente sentidas. Uma cena me vem à mente: - “estou colando um pequeno bilhete nas costas de um colega que sentava na minha frente na sala de aula, pois por indução fiz aquilo que tinham acabado de fazer comigo (parecia muito divertido); então, aconteceu... a professora me pegou, levou-me para fora da sala, e enquanto ela conversava com outra professora, eu mastigava o bilhete. Com muita dificuldade, engoli o gosto amargo de uma brincadeira. Tão intensa fora também a dificuldade de perdoar aquelas professoras, mães, mulheres, enfim, seres humanos que merecem respeito. Me dói ao perceber que minha voz ficou muito tempo presa na garganta pela presença do bolo amargo a que se reduziu o bilhete brincalhão.

Sem dúvidas, 1963 foi um ano marcante pelas escapulidas escolares, pelas brincadeiras e pelas excitações com os contatos físicos e visuais com minhas irmãs, pois deixamos de tomar banho juntos e eu, em minha inocência, não entendia o motivo. Foi tão marcante este fato quanto o fora a minha repetência naquela escola do bilhete. Uma ruptura aconteceu. Tudo e todos ficaram tão distantes.

A notícia de minha repetência foi, pelo que entendo hoje, uma grande decepção para o meu orgulhoso pai militar. Ele me trouxe para casa, segurando-me pelas mãos, tão rígido, tão sombrio e tão silencioso, após ter sido informado da minha repetência.

Um abismo imenso se abriu entre o meu mundo e o de minha família. Enquanto comemoravam a passagem de ano de minhas irmãs, eu estava isolado sem entender. Só, com meu sofrimento. E ninguém conseguia ver a minha dor. Mas, como isso poderia acontecer? Ninguém ver a minha dor! Mas ela era tão forte... tão doída...

Atualmente, meu trabalho está voltado a eliminar ou diminuir o sofrimento humano. Eu não sinto a dor das pessoas, mas considero-me capaz de perceber a sua presença. Fisionomias, comportamentos, expressões corporais, olhares, reações espontâneas diversas, sons emitidos, cheiro, movimentos intencionais, relatos espontâneos são indicativos, para mim, do que pode estar pensando ou sentindo uma pessoa. Reparar mais atentamente nesses elementos indicativos faz parte do meu procedimento de coleta de dados para programar ações de intervenção na área de saúde do trabalhador. Hoje, acabo tendo uma atitude que gostaria que as pessoas tivessem tido em relação a mim, ou seja, captar o que eu sentia e compreendessem não só o meu sofrimento, mas também as minhas alegrias.

Passei a desejar algo diferente, ter algo diferente, fazer algo diferente, mas como naquela época minha família não tinha condições de suprir essas necessidades pretendi, então, eu mesmo criar, inventar. Na tentativa de descobrir algo novo foi-me possível através da minha solidão conviver intensamente com as minhas imagens mentais, minhas fantasias, meus devaneios, enfim, ter uma plasticidade mental para elaborar representações e alavancar possibilidades de ocorrências de fenômenos. Cheguei a ponto de me sentir um predestinado, pois elaborava tantos caminhos, tantas ações possíveis relacionando-as, que algumas delas, inevitavelmente, tinham de ocorrer na realidade. Vários exemplos eu tive de conclusões acertadas a partir dessas correlações com as informações que captava do meu mundo vivido. Com o tempo as coletas de informações, as visões dos fatos de vários ângulos, os exames das situações, as experiências e os conhecimentos acumulados tomavam um caráter mais complexo, mais rico e mais instigante.

Em 1964, ao retornar ao 2º ano do primário, acabei sendo o primeiro aluno da classe (de medalha e tudo), juntamente com uma linda menina da qual só me lembro da calcinha, que se revelou quando se debruçou sobre a carteira para bajular a professora. Nunca consegui falar com ela, sem uma grande dose de vergonha.

A palavra amor, da mesma forma que qualquer palavrão, foi um tabu para mim. Até o fim de minha adolescência era incapaz de pensar e muito menos de pronunciar. Ainda hoje, na verdade, não sei como me referir ao amor casando conceito e sentimento.

Sonhos, cheiros, sombras, palavras e ações soltas, sentimentos, fome, curiosidade sexual, monotonia, doenças, visitas de parentes, saídas aos domingos para ir ao cinema, participação no grupo de jovens espíritas, reuniões espíritas em casa, brigas com colegas... Tudo chega ao mesmo tempo em minha mente.

Acreditava-me um menino tão bom, que só pude concluir (em uma época religiosa) pela possibilidade de eu ser a própria reencarnação de Jesus Cristo. Mas, a hipótese foi sendo desfeita pelo confronto com outras ações que inviabilizaram a realização de feitos como as de Jesus de transformar os homens. Na verdade, não pude ser tão bom quanto julgava poder ser ou desejava ser, mas o que mais me abalou foi a incapacidade de despertar o “amor” das outras pessoas. Bem, isso não se efetivaria, pois era tão tímido e tão envergonhado que não conseguia me expressar, e, sem comunicação, como eu poderia ser visto?

Eu queria me mostrar por inteiro. Tudo dentro de mim queria sair para mostrar o que eu era, como me sentia, pensava, desejava. Não entendia porque os outros não compreendiam. Mas conclui, muitos anos depois, que era necessário me mostrar por partes. Assim, os outros iriam saber do que sou feito e do que sou capaz. Porém, por mais que fale, ainda hoje não sou compreendido. Preciso sempre refazer a minha fala, mostrando outros ângulos, outros pontos de vista, outras formas de apresentar o mundo por mim interpretado (com outro enfoque ideológico). Uma possibilidade de me mostrar por “inteiro” surgiu quando a minha fala se uniu à ação, fazendo com que meu “discurso” transmitisse a mim mesmo de forma mais completa e real.

A capacidade de comunicar chegou muitos anos depois, ou melhor, apenas iniciou-se, já que ainda dedico muito empenho em comunicar-me bem. O esforço para sair do meu mundo interno, harmônico e coerente foi tão desgastante, que por vezes acreditei estar muito próximo da loucura. Crises na pré-adolescência, crises

da adolescência, crises do início da maturidade quando se é exigido como homem social, crises no casamento e quase pânico completo, quando foram chegando os filhos (três). Tantos e fortes momentos tiveram de ser encarados. Não houve maneira de conservar-me em meu paraíso subjetivo.

A cada passo a caminho de minha exteriorização fui tentando harmonizar as novas representações, que iam surgindo, com os meus bem guardados esquemas internos. Conflito inevitável entre dois mundos.

Uma das etapas mais sofridas da minha caminhada foi a saída de casa. Uma frase de meu pai me marcou muito. Um dia muito aborrecido (+/- 9 anos) sai pela porta da sala em direção à rua: - “- Zezé (minha mãe), disse meu pai: Deixa-o ir, pois quando sentir fome ele voltará”. Essa frase marcou-me como se marca na pele um ferro em brasa. Pensei: - “Um dia não sentirei fome”. Puro engano. Hoje ainda, com os olhos molhados, vêem que a minha fome de amor paterno e materno persiste.

Em 1972, quase 10 anos após o fato da fome, saí de casa. Fui estudar em uma Escola Militar, tão militar quanto militar era meu pai. Vi-me achado, mas estava totalmente perdido. Sem família, sem cidade (a escola ficava em outra cidade), sem raízes. Encontrava-me vagando por um mundo estranho. Tanta era a confusão e ansiedade que só a religião me dava alento, mas foi por pouco tempo. Minha capacidade de crítica entre os 17 e os 21 anos era tremendamente forte (e ainda hoje não creio ser muito fraca). Tudo era passível de crítica, até a religião, seja ela qual fosse, já que várias delas acabei por visitar.

Surge, então, a filosofia no meu caminho, mas não a filosofia tradicional. O destino promove o meu encontro com Jiddu Krishnamurti. Entrei um dia na biblioteca e por indicação de um colega fui procurar um livro do Jiddu. Perguntei ao bibliotecário sobre um livro daquele autor, ele me olhou de baixo para cima (pois estava agachado) e levantando-me disse: - “É esse aqui, pode pegá-lo”. O livro “A educação e o significado da vida” de Jiddu Krishnamurti estava em suas mãos e pelo que pude intuir, à minha espera.

Na década de 70, pensava que ao iniciar meus estudos filosóficos, que considerava de um nível muito superior por me levar além dos mundos existentes, poderia chegar a um grau de desenvolvimento mental e espiritual próximo da perfeição. Mas, eu não contava com as instabilidades emocionais, que por vezes me levavam ao mais supremo sentimento de satisfação, mas em outros momentos me faziam acreditar no inferno obscuro de um labirinto, tremendamente angustiante.

Ao exercer uma crítica mais consistente, por ter iniciado uma visão mais cósmica e integradora, pude questionar a vida militar, seus objetivos, meus sentimentos, desejos e expectativas futuras, decidindo em 1975 abandonar a vida militar, que já se desenrolava na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, Rio de Janeiro.

Foi, sem dúvida, uma decisão sofrida, pois estava deixando quatro anos de amizades, conceitos, vitórias, conquistas, formação de caráter, orgulho militar, estabilidade financeira e carreira garantida. Dois pontos foram decisivos para minha saída. A primeira foi a permissão, a aceitação da minha decisão pelo meu pai e a segunda foi o momento em que estando recolhido em meu mundo interno acabei vendo imagens até então criadas pela experiência militar, se desmoronarem. Como um castelo de ilusões toda a realidade, toda falsa realidade que eu estava vivendo foi, paulatinamente, se desmoronando. Simplesmente, saltei em direção ao nada, ao tudo por vir.

Da Escola Militar para a Academia Militar e depois para a Psicologia. Chegou o trabalho como Técnico de Segurança do Trabalho mesclado com aulas revigorantes para minha formação em Administração de Empresas e na seqüência uma especialização em Psicopedagogia. Da Segurança do Trabalho houve um salto para a docência em Psicologia para o segundo grau e uma rápida passagem pela docência em Filosofia, convite inesperado que aceitei com muito gosto. A volta à Segurança do Trabalho foi inevitável em vista de uma situação econômica incômoda, mas algumas aulas de Psicologia foram mantidas no período noturno, simplesmente para a minha satisfação pessoal.

O meu trabalho na área de Segurança parecia infrutífero, os resultados não vinham, embora todos os esforços nos treinamentos preventivistas eram aplicados. Surge a idéia de melhorar as técnicas de aprendizagem de maneira a permitir que o trabalhador passasse a ter um comportamento preventivista e aplicasse os conhecimentos adquiridos. Não fazia sentido. O corpo sofria, mas as ações não mudavam e o adoecimento aumentava. Talvez a percepção do corpo sofresse a interferência da percepção social do corpo e também passasse a interferir em sua aprendizagem. Talvez o estudo mais aprofundado da percepção social do corpo nos trouxesse uma resposta a minha indignação.

“Mas, houve o dia em que tudo fez sentido”.

I - O TRABALHADOR EM SEU AMBIENTE DE TRABALHO

O ambiente de trabalho é constituído de diversos elementos integrados de maneira sistêmica, dando coerência e uma ordem. Faz-se necessário discriminar cada um desses elementos fundamentais de composição, para que possamos identificar aqueles que serão os eliciadores da resposta de defesa, em forma de estratégia, do trabalhador, sujeito de minha investigação.

Mas, como este ambiente de trabalho é constituído? O ambiente de trabalho é constituído, a princípio, por um objetivo específico, ou seja, produzir algo para ser vendido a alguém ou prestar um tipo de serviço a alguém. A consequência dessa produção ou prestação de serviço é o ganho, o lucro da aplicação de capital financeiro nesses setores da economia.

Este raciocínio simplista nos dá uma idéia de que o ambiente de trabalho tem antes de tudo este principal objetivo: dar retorno financeiro à aplicação do capitalista.

Porém, ao se constituir um ambiente de trabalho seja no setor produtivo ou no setor de serviços, muitos outros fatores ou fatos ocorrem, além daquele principal motivo, pelo qual o ambiente foi construído.

Observemos a constituição de um ambiente de trabalho no setor produtivo. Um empresário quer investir em uma fábrica de vasos e para isso:

- primeiro, faz um estudo de viabilidade econômica, estudando o mercado, a região do país (Estado ou Município), onde localizará sua sede de negócio, levantando custos, legislação, suporte financeiro, mão-de-obra, sistema de distribuição, fontes de matéria-prima, etc. Com isso, mobilizam outras instituições para realizar esse trabalho, inclusive instituições governamentais.

- segundo, após as primeiras definições, contrata uma empresa de engenharia para construir a fábrica, movimentando bens de capital, bens de produção e gerando empregos indiretos;

- terceiro, contrata mão-de-obra especializada e adquire seus equipamentos, conseguindo alimentar ou aquecer outras indústrias;

- quarto, estabelece normas, regras, procedimentos de trabalho, consolidando tanto a parte administrativa como a operacional, integrando, sistemicamente, desde a legislação pertinente a suas atividades, passando pela entrada da matéria-prima, processos e distribuição do produto final;

- quinto, contrata a mão-de-obra operacional, providenciando treinamento, definindo cargos, tarefas e atividades, salários, etc.

Como podemos ver, agora, a constituição de uma empresa, além de gerar lucro para um investimento aplicado, também passará a gerar um movimento de capital e produtos na sociedade, uma fonte de empregos, uma fonte de impostos, um grupo social/institucional diferenciado, um incremento no movimento sindical, um maior volume de ações trabalhistas, um aquecimento nos segmentos terceirizados de prestação de serviços, de manutenção, de saúde, etc.

Focalizando a fonte de emprego com determinados postos de trabalho veremos a posição do trabalhador em seu ambiente de trabalho. O trabalhador recebe da organização empresarial uma série de treinamentos específicos, que deve obedecer. São as obrigações impostas para cumprir sua parte no contrato de trabalho. Além do comportamento, digamos técnico/burocrático, o trabalhador precisa desenvolver um comportamento social em relação a outros trabalhadores, que possuem níveis de chefia, subordinação ou equivalente ao seu. Em resumo, o trabalhador passa a ter de dar respostas a situações não criadas por ele, mas impostas pela situação de trabalho. Ou seja, o trabalhador vai ter que responder de maneira padronizada (segundo normas e políticas da empresa) ao ambiente físico e ao ambiente social.

Sendo o trabalhador um ser humano de múltiplas possibilidades, a sua vida não se restringe apenas ao trabalho. O trabalho faz parte de sua vida, mas não é a sua vida. Contudo, o trabalho assume uma importância vital, uma vez que, é fonte de recursos financeiros, para garantir a sua sobrevivência e de sua família.

Assim, o trabalho passa a ser imprescindível para a vida de qualquer cidadão. Embora a situação de trabalho não seja composta de um ambiente natural para uma vida saudável do homem, ele é o seu meio de sustento. Passa, então, a ser a única opção que tem. Desta forma, o trabalhador é obrigado a: aceitar a empresa, que não construiu; operar a máquina, que não criou; executar as atividades, que não

planejou; conviver com outros trabalhadores, que não escolheu para estar junto; acompanhar os ritmos, os tempos e os métodos de trabalho, que não determinou; enfim, é de certa forma obrigado a submeter o seu corpo e a sua mente a situações artificiais, culturalmente determinadas, que muitas vezes são inadequadas às suas necessidades psicofisiológicas.

Como o conjunto de tudo o que chamamos de ambiente de trabalho foi concebido para dar lucro e não para dar satisfação às pessoas, consideramos que deve existir uma defasagem entre a situação físico-social criada nesse ambiente e a situação ambiental adequada às características humana. Essas defasagens entre estas duas situações precisam ser equilibradas, senão, ou o produto não sai com a qualidade esperada, ou o homem não sai do trabalho e chega em casa com a saúde e a disposição necessária para dar prosseguimento a sua vida.

Esta pesquisa tem por objetivo contribuir para a compreensão da importância da percepção social do corpo, enquanto fenômeno humano, para a aprendizagem de normas de segurança, consideradas como estratégias de defesa, elaboradas a partir dos conhecimentos técnicos de segurança do trabalho, como os de ergonomia, e dos conhecimentos elaborados pelos próprios trabalhadores, para a prevenção do Distúrbio Osteomuscular Relacionado ao Trabalho (DORT).

Para o Ministério da Previdência e Assistência Social através da Diretoria do Seguro Social, que aprovou a Norma Técnica sobre o DORT em sua Ordem de Serviço nº 606, de 05 de agosto de 1998, a conceituação do DORT, ou LER como é mais comumente conhecida, se restringe a “uma síndrome clínica, caracterizada por dor crônica, acompanhada ou não por alterações objetivas e que se manifesta principalmente no pescoço, cintura escapular e/ou membros superiores em decorrência do trabalho”. Entre as patologias que compõem os DORT estão: bursite, dedo em gatilho, epicondilite, síndrome do canal cubital, síndrome do canal de Guyon, síndrome do túnel do carpo, tendinite, tenossinovite.

Podemos também dizer, mais especificamente, que o DORT consiste de um conjunto de afecções do aparelho locomotor decorrentes de atividades laborativas, que acometem músculos, fâscias musculares, vasos sanguíneos, tegumentos, tendões, ligamentos, articulações e nervos. Assim, podemos observar que o DORT está intimamente ligado ao corpo e este corpo está em permanente relacionamento com o meio ambiente de trabalho.

Quando falamos em prevenção estamos nos referindo a uma prática diária de transmissão de conhecimento, de observação atenta e de percepção dos fatores de risco nos ambientes de trabalho. Esta prática tem por finalidade a conscientização do trabalhador, para que ele possa ter condições de promover uma atitude pró-ativa frente a certas situações de risco à sua saúde, que podem dar origem a doença ocupacional, nesse caso, especificamente, o DORT.

Como o conhecimento é considerado um dos fatores de grande peso para a conscientização e significação valorativa de ações preventivas do trabalhador, faz-se necessário que o processo de ensino-aprendizagem desse conhecimento seja cada vez mais sofisticado, de fácil assimilação e eficiente. Nessa perspectiva de melhoria do processo de ensino-aprendizagem é que a psicologia educacional e a psicopedagogia podem dar as suas contribuições.

O DORT é uma das doenças ocupacionais, que mais tem atingido os trabalhadores em todos os ramos de atividade. A preocupação com o DORT é ainda maior quando sabemos através das estatísticas fornecidas pelo site do Ministério da Previdência Social, relativas aos Acidentes do Trabalho, que as Doenças Ocupacionais ligadas ao DORT, tais como: sinovite e tenossinovite; lesões no ombro; e, dorsalgia, representam juntas, nos anos de 2004, 2005 e 2006, por mais de 45% das Doenças Ocupacionais registradas no Brasil.

O número de casos de DORT vem se mantendo alto ao mesmo tempo em que as organizações passam por algumas mudanças, que contribuem para este quadro, tais como; o aumento da tecnologia na área de informática, com o aumento significativo das informações e a necessidade de respostas mais rápidas do corpo e da mente; segundo, a sobrecarga de trabalho, que desequilibra a organização adequada em vista de uma corrida alucinante contra a concorrência fomentada pela globalização; e, terceiro, a dificuldade técnica de estabelecer onexo causal entre o DORT e sua origem no ambiente de trabalho, que normalmente é múltipla, exigindo conhecimentos de várias ciências numa visão interdisciplinar.

Portanto, no caso do DORT o melhor controle é o da prevenção. Sem dúvida nenhuma, a prevenção é a opção mais recomendada, e isso fica claro quando levantamos o custo econômico do tratamento do acidentado do trabalho, quando falamos na incapacitação do trabalhador, dando fim à sua vida produtiva para o país;

e, quando falamos do desequilíbrio familiar como consequência do adoecimento, por vezes irreversível.

Sendo, portanto, inegável a importância da prevenção é que se procura dirigir esforços para aprimorá-la. Mas, os conhecimentos científicos, que estão voltados a preocupação com a prevenção do DORT, já não estão sendo suficientes para construir medidas preventivas eficientes. E é, justamente, na questão da prevenção, como processo de aquisição de conhecimento para a conscientização do trabalhador, que a psicologia educacional e a psicopedagogia podem dar a sua contribuição. Na medida em que, ao abordar os problemas de aprendizagem como elementos dificultadores da preparação do trabalhador, para adquirir conhecimentos e competências com o objetivo de se defender dos riscos ambientais adoecedores nas organizações, tanto a psicologia educacional como a psicopedagogia se dispõem a ajudar a compreender melhor o fenômeno humano da percepção social do corpo como um dos fatores, que podem estar contribuindo para tornar o processo de ensino-aprendizagem sobre o DORT mais eficiente.

A conscientização sobre o DORT, a princípio, deveria ser facilmente constituída já que é uma doença ligada ao corpo, porém os sintomas não são percebidos por outras pessoas, mas apenas sentidas pelo portador. Não é possível se pensar, que o trabalhador só compreenda a doença e se previna contra ela após contrai-la.

É, então, importante desvendar melhor o fenômeno humano da percepção social do corpo, que pode estar interferindo, significativamente, na conscientização do trabalhador para a prevenção de uma doença, o DORT, que é, em nossos dias, uma preocupação não só de trabalhadores e de empresários, mas também, de governantes e da sociedade em geral.

Nesta caminhada, a procura de explicações sobre o fenômeno da percepção social do corpo e sua ação sobre a aprendizagem, necessito determinar, primeiramente, quais são as múltiplas imagens do trabalhador, ator do processo de ensino-aprendizagem e sujeito desta pesquisa.

1.1 TRABALHADOR: UM SUJEITO ABSTRATO

Ainda me causa espanto ao ver como alguns anos transcorridos podem modificar, tão radicalmente, a nossa visão sobre o mundo e sobre os fenômenos a ele pertencente, embutidos em sua existência eterna e resguardados em significações humanas no momento histórico em que é captado.

Ver o mundo é fazê-lo entrar dentro de nós através dos nossos sentidos, da nossa intuição e da nossa espiritualidade. Concebemos o mundo subjetivamente. Ele está aí fora, palpável, concreto, mas também, está dentro de nós, harmonioso, completo e repleto de significações.

Cada significado atribuído pertence a um aspecto único que se encontra na realidade do mundo. Ao estabelecer este nexos (mundo externo – mundo interno), criamos um vínculo e mantemos contato com os fenômenos físicos, através do fenômeno, puramente, humano, a subjetividade humana.

Para encarar o fenômeno da percepção social do corpo é preciso antes de tudo, abraçar este e qualquer outro fenômeno próximo, passível de confusão, com a afinidade com o conhecer, com a elaboração do conhecimento, com uma filosofia, que antes de justificar, quer apenas compreender.

O fenômeno humano, que estamos procurando investigar em sua totalidade, é percebido e captado pelo sujeito consciente no tempo vivido, no momento em que lhe é dado. Por isso se diz que toda a consciência intencional é inevitavelmente e desde suas manifestações mais elementares (na percepção) uma síntese no tempo. A percepção do objeto supõe a percepção da sua identidade ao longo de uma sucessão temporal de imagens. Toda percepção implica a memória e a antecipação, o significado do objeto depende do que recordamos dele (e de objetos semelhantes) e do que esperamos ver dele sob diferentes ângulos. Todo ato de consciência reúne, diferencia, compara e sintetiza no tempo.

A análise fenomenológica precisa, necessariamente, se pautar por uma descrição rigorosa e detalhada do fenômeno de forma que uma descrição fenomenológica bem sucedida deverá ser capaz de trazer à luz os significados ocultos, que dificilmente vêm à luz.

No entanto a consciência intencional é, originalmente, uma consciência de outros sujeitos que são apreendidos como fontes de irradiação de intenções e atos livres que se expressam em posturas corporais, gestos, palavras, obras, etc. A expressão é a primeira coisa que o homem percebe no que existe fora de si. Sua auto-representação, igualmente, é mediada pelo sistema simbólico, como diz Figueiredo (2000, p. 178): “Toda percepção de si só se realiza quando o que deve ser percebido se transforma em tendência expressiva”.

O mundo é o leque de possibilidades onde se projeta o ser aí ou ser no mundo e que o definem. O sujeito é obrigado a escolher, e é constrangido a assumir a responsabilidade pelas suas escolhas, no enfoque da fenomenologia. O ser no mundo, sendo essencialmente este horizonte de possibilidades de ser, é, portanto, fundamentalmente, inacabado. E é no seio destas possibilidades de ser que definem o existir humano, o homem projeta e nega a sua situação original de ser alienado.

Encontramos, por princípio, na visão fenomenológica que o homem é o ser cuja existência precede a essência. O homem não é uma totalidade, acabada e determinada, mas um processo essencialmente incompleto de totalização. A existência (humana), porém, está perenemente ameaçada pela presença do outro. Se eu sou um centro de organização e uma fonte livre de atribuição de sentido, existem no meu campo de existência outros sujeitos igualmente dotados da mesma liberdade. O que eu faço e o que eu me faço aparecem para o outro como objeto. O meu processo incessante de totalização é sistematicamente congelado pelo outro que, me objetivando, me reduz a uma totalidade acabada. Ou seja, o outro me empobrece, enquanto um ser rico em possibilidades.

O homem deixaria de preservar a sua existência autêntica na medida em que, afasta-se da sua produção por não se ver naquilo que produziu, tornando-se alienado. A questão produção humana no trabalho passa a ser uma condição de existência real no mundo ou uma condição de alienação.

Entrar na essência do fenômeno humano e ao mesmo tempo nos envolvermos com sua dinâmica abre a porta para um mundo extremamente complexo. As explicações não poderiam ser mais simplistas, já que não só distorceria nossa percepção do real como perderíamos o nosso próprio referencial. Em um mundo como o nosso, onde o caos e a ordem se movem dialeticamente, a

razão não pode mais aceitar as junções parciais, mas se faz necessário antever o todo em tudo que sujeito pode tocar.

E quem nos traz alguns questionamentos sobre a complexidade e tenta dar respostas para a sua compreensão é Morin (2001, p. 20), que assim a define: “a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o nosso mundo fenomenal”.

Para encarar os fenômenos pelo prisma da Complexidade Morin (2001, p. 95) fala da nossa ciência, ao encarar o sujeito fonte dos fenômenos humanos, que, “...na visão tradicional da ciência onde tudo é determinismo, não há sujeito, não há consciência, não há autonomia”.

Ao colocarmos o sujeito no centro de nossa investigação sobre os fenômenos humanos, vamos considerar a noção do que é ser sujeito na perspectiva de Morin (2001, p. 96): “ser sujeito é colocar-se no centro do seu próprio mundo, é ocupar o lugar do “eu”. Ser sujeito é ser autônomo, sendo ao mesmo tempo dependente”.

Considerar a visão da Complexidade no momento de análise dos fenômenos humanos nos faz crer que estaremos encarando o sujeito em sua totalidade, inseparável dos agentes sociais e das organizações sociais. Neste sentido, Morin (2001, p. 126) considera a complexidade através das organizações:

Não há de um lado o indivíduo, do outro a sociedade, de um lado a espécie, do outro os indivíduos, de um lado a empresa com o seu diagrama, o seu programa de produção, os seus estudos de mercado, do outro, os seus problemas de relações humanas, de pessoas, de relações públicas. Os dois processos são inseparáveis e inter dependentes.

Ao considerarmos o fenômeno humano no mundo rico de alternativas complexas, temos a questão da ordem e da desordem que tanto nossos sentidos procuram para nos orientar no mundo. Assim, num universo de ordem pura, não haveria inovação, criação, evolução. Não haveria existência viva nem humana. Do mesmo modo, nenhuma existência seria possível na desordem pura, porque não haveria nenhum elemento de estabilidade para aí basear uma organização. As organizações têm necessidade de ordem e necessidade de desordem. Num universo onde os sistemas sofrem no aumento de desordem e tendem a desintegrar-se, a sua organização permite reprimir, captar e utilizar a desordem.

O sujeito precisa da organização, como também precisa da desorganização para dar um salto qualitativo na sua evolução. Dialeticamente, o movimento da

ordem e da desordem permite o rompimento do conhecimento atual organizado, para elaboração de um novo conhecimento, através da nova desordem.

O sujeito, em sua subjetividade, tem a capacidade de separar no mundo interiorizado os elementos desorganizadores dos seus instintos, dos elementos racionais, que organizam suas estratégias de sobrevivência, passando então a confrontá-los para obter uma estabilidade interna, conseguindo, assim, melhores condições de suportar o mundo exterior.

Diante dessa ação de enfrentamento do mundo exterior o sujeito cria um dispositivo mediador entre sua realidade interior e sua realidade exterior. Contudo, esse elemento mediador não é capaz de definir o próprio ser humano, tornando-o alienado.

Na atividade alienada o sujeito, não se sente como o agente atuante da sua atividade; experimenta, isto sim, o resultado de sua atividade – e como que algo “pairando”, distinto de si, acima de si e contra si mesmo. Na atividade alienada o sujeito de fato não age; ele é atuado por forças externas ou internas. Torna-se distinto do resultado de sua atividade.

Na atividade não alienada, o ser humano sente-se como o sujeito de sua atividade. Atividade não alienada é um processo de dar à luz a alguma coisa, de produzir alguma coisa e permanecer relacionado com ela.

Nossas motivações conscientes, idéias e crenças, são uma mistura de informações falsas, tendenciosas, insensatas, racionalizações, preconceitos, em meio ao que algumas parcelas de razão flutuam e de certo modo garantam, embora falsamente, que toda a mistura é real e verdadeira. O processo de pensar tenta dar ordem a todo esse acervo de ilusões de acordo com as leis da lógica e da plausibilidade. Este roteiro falso não é reprimido. O que é reprimido é o conhecimento da realidade, o conhecimento do que é verdadeiro.

Como, então, ocorre a repressão da realidade? Morin (2001, p. 105) tenta responder: “O inconsciente é basicamente determinado pela sociedade, que produz as paixões irracionais e proporciona a seus membros os diversos tipos de ficção e assim obrigando a verdade a tornar-se prisioneira da pretensa racionalidade”.

Percebemos a realidade e não podemos ajudar a que a percebam. Assim como nossos sentidos são organizados para ver, ouvir, cheirar e tocar quando nos

defrontamos com a realidade, nossa razão é organizada para reconhecer a realidade, isto é, para ver as coisas como elas são, quer dizer, para perceber a verdade.

Como uma forma de encarar o ser humano e a verdade que ele traz em si, observa-se que a identificação com os outros é mais visível e substanciada pela presença do corpo. Através do sentimento de posse do corpo é que as leis e as normas são obedecidas, já que o corpo sofre com as punições e com o desrespeito.

Respeitam-se as leis não apenas porque se tenha medo, mas também por nos sentirmos culpados por sua desobediência. Esse sentimento de culpa só pode ser vencido mediante o “perdão” que só a própria autoridade pode conceber. As condições para esse perdão são: o pecador se arrepende, é punido, e pela aceitação do castigo de novo se submete. A seqüência pecada (desobediência) – sentimento de culpa – nova submissão (castigo) – perdão, é um círculo vicioso, tanto mais que cada ato de desobediência leva a desobediência maior. Como a punição precisa ser sentida, é através do corpo que ela se expressa.

O uso do nosso corpo no espaço de trabalho obedece às normas de controle, pois o sujeito tem o seu corpo, que é transformado em instrumento de trabalho, cedido por contrato nas organizações, que o utiliza em seu espaço e há seu tempo. O sujeito, através do seu corpo, se adapta àquela organização se organizando interiormente, afetando seu modo natural de ser, que é real para si, não só na organização, mas também em qualquer sistema relacional que participa.

Existe uma necessidade do sujeito assumir, novamente, a posse do seu corpo, pois é através dele que o mundo se faz presente. Precisamos rever a nossa evolução tanto do ponto de vista filogenético como do ponto de vista ontogenético, para resgatarmos as conquistas do passado e não virmos a nos perder no futuro.

1.2 TRABALHADOR: UM SUJEITO CONCRETO

A sociedade clama por liberdade democrática, mas acaba por produzir um sistema que confina, regula e domina as ações do corpo. Uma vez que o corpo produz paixão, desejo e subjetividade, características humanas incompatíveis, em sua plena existência, com o sistema organizacional, pois é através dele que os

controles são exercidos. Acabamos por transformar o soma biológico do homem de um harmonioso convívio com a natureza numa relação antinatural, que levará o corpo a ser visto e tratado como objeto de produção. Para examinar esta questão é necessário nos atermos à visão biológica, filogenética e ontogeneticamente, determinada pela natureza própria do ser humano. Precisamos abordar o corpo em sua porção estritamente biológica, indo de encontro à essência de sua natureza, na tentativa de encontrar a explicação para a evolução do homem primitivo mais próximo da natureza até o homem civilizado, cuja constante capacidade de aprender a partir da libertação e uso maior de suas mãos.

A mão, como órgão de apropriação e relação com o real é uma “ferramenta” fundamental ao desenvolvimento psicológico. A mão humana permitiu ao homem a capacidade de construir e fabricar instrumentos, razão fundamental do fenômeno humano. Tendo estas capacidades o homem pode cada vez mais se envolver com variados aspectos da realidade, passando a ser estimulado a fazer uso do seu mecanismo cerebral. Ou seja, o corpo recebendo estimulações do meio ambiente ativa e processa o funcionamento do cérebro. E explica Fonseca (1998, p. 84) o seguinte: “O resultado da filogênese da motricidade não é a expansão do cérebro, mas sim a sua reestruturação... as transformações são resultantes da antropogênese, que compreende três aquisições de grande importância: aprendizagem, fabricação de instrumentos e linguagem”.

O cérebro estimulado se expande, se organiza, aumenta a sua complexidade, fazendo com que o ser humano atue mais amplamente na natureza. Para isso, necessita desenvolver a sua capacidade de aprender para apreender o mundo. Memória, noção de tempo e espaço, elaboração de símbolos, atribuição de significados são alguns elementos da cognição que leva o homem a agir e promover mudanças. Nesse processo de aprendizagem é necessário que se estabeleça uma conexão entre estímulos e respostas, da qual resulta a percepção. É necessário que se estabeleça uma conexão entre estímulos e respostas, da qual resulta a percepção, só possível pela capacidade seletiva da atenção, ou seja, a concentração em estímulos sensoriais relevantes, eliminando ou inibindo os estímulos irrelevantes. Todo esse processo no desenvolvimento do homem é acelerado através do convívio social, no mundo das relações sociais ricas e

complexas, formando o sistema sócio-cultural, que contextualiza as ações para as adaptações necessárias a sua sobrevivência.

Nesse contexto sócio cultural é que o homem constrói a sua consciência, permitindo a ele produzir uma ação direcionada a preservação da vida.

Fica evidente esse fato quando Fonseca (1998, p. 108) se refere à relação entre a vida sócio-cultural e o desenvolvimento das funções psíquicas do seguinte modo: “A consciência tem a sua raiz no “espaço exterior”, na relação com os objetos e com os outros, ou seja, nas condições objetivas da vida social. Primeiro é intrapsicológica e depois interpsicológica”.

Ao agir no meio em que vive o homem realiza trabalho de forma dialética, enriquecendo-o não só individual, mas coletivamente. Nesse processo desenvolve-se cognitivamente e aumenta sua capacidade de aprendizagem e de criar cultura relativa, elaborações gestuais e formas de linguagem.

Sobre os gestos e a linguagem Fonseca (1998, p. 190) discorre estabelecendo uma forte relação, pois as pessoas se comunicam primeiro pela expressão corporal, significada socialmente e em seguida constrói a linguagem resignificando os gestos: “Em muitas situações, a comunicação gestual substitui a própria fala, pois não podemos negligenciar o sentido antropológico da emergência da linguagem, que decorre do gesto à palavra”.

Em uma seqüência temos que as ações mentais são decorrentes das ações do sujeito sobre o ambiente, que permite a construção do mundo das representações, mesmo antes da aquisição da linguagem.

Os gestos, bem como a postura corporal, têm a significação construída através da evolução biológica e social. E como se refere Fonseca (1998, p. 192) em sua observação filogenética:

A postura bípede é considerada um fenômeno locomotor sem paralelo nos mamíferos, cujas mudanças e transformações no esqueleto pós-craniano são responsáveis pela expansão cerebral que tornou o ser humano no vertebrado dominante e falante.

Relevante é a conquista pelo ser humano da postura bípede, que promove a libertação das mãos para o desenvolvimento da inteligência prática, que deu condições de construir instrumentos e cultura. Na medida em que o homem cria

instrumentos passa a transformar o ambiente, e, dialeticamente, transforma a si mesmo, cria consciência.

A consciência surge como produto das ações motoras, ou seja, da ação intencional para resolver problemas. Na relação com os outros homens e com os objetos, na relação e inter-relação de uma dinâmica interpsicológica é que aparecem as formas de comunicação e de aprendizagem.

A capacidade de transformação do homem, através do trabalho, não só muda o mundo, mas muda a si mesmo, sua consciência, sua razão e sua emoção. Isto é, ao se considerar os aspectos emocionais e cognitivos, encaramos a evolução do ser humano como uma sucessão de integrações cognitivo-motoras em formas cada vez mais organizadas. A formação da vida mental está tanto ligada ao desenvolvimento da cognição, como ao desenvolvimento das emoções e do corpo, que estão ligados às estimulações dos elementos da motricidade. Para Fonseca (1998, p. 230): “O desenvolvimento do eixo corporal está em estreita relação com a manutenção do sistema nervoso central e, por conseguinte, todo o seu desenvolvimento influencia o desenvolvimento psicológico geral”.

Ressalta-se a grande importância do fato de que: todo conflito ou inquietude deve suscitar uma reação muscular, que é de defesa. Da mesma forma uma perturbação psíquica deverá gerar uma alteração motora, considerando-se que o ser humano funciona como uma totalidade.

São nessas interações entre o psíquico e a reação corporal provocada, que são consideradas as dimensões psicossomáticas, onde se manifestam a afetividade, a emotividade, a cognição e a motricidade.

Na relação dialética entre o corpo e o meio ambiente são memorizadas as ações através da tonicidade. Assim, se estabelece uma relação com o mundo, quando, então, os comportamentos se manifestam. Esses comportamentos determinados pelas expressões, que tendo um fundo emocional, revelam as atividades conscientemente estruturadas. O comportamento é conscientizado quando as emoções promovem o surgimento das representações, ligando experiência corporal, elaboração de símbolos e significados afetivos.

Na relação sujeito/mundo pelo trabalho não podemos, também, deixar de relacionar a questão do corpo, da percepção, das representações mentais, da

afetividade, do cognitivo e da aprendizagem humana, de maneira a verificarmos como a natureza humana funciona de forma organizada, pois para se desenvolver adequadamente qualquer atividade humana, o estado de alerta e de vigília é fundamental. Só em condições mínimas de alerta e de vigília é possível receber e integrar informação intra e extracorporal.

A atividade intencional exige certa excitabilidade ideal, para que a atividade normal para o sujeito ocorra de forma organizada. As ações humanas são dirigidas para certos fins específicos, ou seja, tem uma intencionalidade. As ações são determinadas por necessidades biológicas, enquanto no ser humano são guiadas pela consciência, por intenções e por motivações individuais e sociais. O homem programa o seu comportamento para que seja compatível a sua ação com a situação, logo após, memoriza os passos a serem dados no transcurso da sua ação, fazendo uma análise se o que pretendia foi alcançado ou não. Caso não tenha sucesso continua, em vista da necessidade que precisa ser satisfeita, a procurar meios de atingir o seu objetivo.

Toda a atividade mental se processa de forma global, formando um sistema completo. O cérebro do homem não funciona por partes isoladas, mas todos os elementos, que o compõe agem coordenadamente de acordo com as necessidades e as intenções. E, para que o sistema mental, que é complexo, funcione adequadamente, faz-se necessário um funcionamento integrado e normal das estruturas.

Podemos, agora, nos ater ao fato de que para haver o funcionamento mental satisfatório o cérebro não pode estar lesionado e nem pode estar recebendo informações distorcidas, provocando distorção na percepção ao nível dos receptores das estimulações internas e externas.

A percepção tem, então, um caráter integrativo das estimulações, que é ativo, ligado à atividade motora em vista da característica dos órgãos dos sentidos, promovendo com sua capacidade de agrupar, um movimento único de corpo inteiro, por assim dizer.

As informações, do meio ambiente, captadas e transformadas em sensações são selecionadas pelo sistema de codificação da linguagem. Com a seleção e a codificação ocorre o processo perceptivo que integram, estruturam e organizam a

resposta a ser dada ao ambiente, bem como irão compor a incorporação mental do objeto em forma de representação.

Existe uma dinâmica constante na relação da atividade mental com o ambiente através do corpo. Essa relação não é estática, ela pressupõe movimento. Assim por exemplo a postura não é percebida por si só, mas através de uma relação.

A resposta do homem ao ambiente se dá pela tensão causada pela estimulação e o deslocamento muscular, fazendo com que ocorra a expressão, tanto corporal quanto psicológica.

As exigências de algumas atividades de trabalho requerem que o trabalhador permaneça em determinadas posições, estados corporais, por um tempo além do limite suportado pelo corpo (quando ocorre a fadiga muscular). Mas o corpo, por suas características próprias, necessita da alternância dos estados de repouso e os estados de atividade. Quando esta situação não é satisfeita causa efeitos na função tônica, provocando alterações emocionais e no estado de atenção. Continuando esta situação de acumulação de resíduos de tensão haverá alterações na atividade psicomotora através de gesticulações, tiques, instabilidade emocional, e também, haverá alterações no nível geral de atividade.

Tal como a atenção, o sentido orientativo, a adaptação do sujeito ao meio exige o envolvimento da função do tônus muscular, que faz a mediação entre o corpo, o cérebro e o meio ambiente. Essa mediação acaba sendo a base da organização de todas as informações sensoriais, que passa a ser muito significativo em termos de aprendizagem.

Considerando os fatores como movimentos corporais, biomecânicos e energéticos veremos que o corpo sofrerá maior desgaste em seus músculos quando ele for submetido a desvios.

Uma vez que os desvios da posição corporais implicam em desgaste, esse desgaste será percebido, para que seja avaliado pelo cérebro e seja providenciada a mudança necessária. A mudança corresponderá a um movimento do corpo em relação às condições ambientais, para, então, assumir uma nova postura aliviando ou eliminando o desgaste. Esse processo faz parte do processo de aprendizagem.

Para o corpo se orientar no espaço é necessário obter informações, que são neurosensoriais, sobre o próprio corpo e os seus movimentos. Se o sistema que capta a tensão e a condição de tempo, de espaço sofrer uma disfunção, então haverá uma regulação corporal com informações sensoriais inadequadas. Por exemplo, se houver distorção na captação e no processamento de informações sensoriais o corpo não promoverá uma postura adequada, sem tensão e sem desgaste. Isso também distorceria o seu processo de aprendizagem. Sobre este aspecto Fonseca (1995, p. 164) diz o seguinte:

Para que o organismo aprenda, ele tem primeiro de ser capaz, através de uma adequação energética própria, de ampliar e inibir estímulos, processar informações e agir. Sem o domínio postural, o cérebro não aprende, a motricidade não se desenvolve e a atividade simbólica fica inequivocamente afetada. Com instabilidade postural, nenhum conhecimento é apropriável, na medida em que se perdem todas as referências para que o cérebro processe a informação.

Determinando a relação entre atividades posturais e atividades mentais, que implicará na contribuição para entender o processo de aprendizagem, Fonseca (1995, p. 164) continua, “as atividades posturais e motoras precedem as atividades mentais, depois atuam conjuntamente, assistindo-se mutuamente, até que mais tarde a atividade motora se subordina à atividade mental”.

A aprendizagem envolve conhecimento e o conhecimento implica em informações simbólicas, que fazem parte da consciência humana, tanto quanto as informações vindas do próprio corpo. Mas, haverá uma inibição das informações do próprio corpo, para que as informações simbólicas, que são mais complexas, possam ser elaboradas.

Isso terá influência na noção de corpo, pois esta noção é construída a partir das informações vindas do próprio corpo, que, como vimos, pode em determinado momento estar sendo inibido, por necessidade de uma elaboração mental mais complexa. Segundo o referencial de Fonseca (1995, p. 181): “a noção ou imagem do corpo estrutura-se a partir dos estímulos periféricos e das preferências do movimento corporal” .

A noção do corpo resulta da organização e da estruturação de percepções formadas a partir das estimulações corporais e das representações do corpo existente na memória. A noção de corpo faz com que o corpo se transforme num

instrumento do pensamento e da comunicação. Se através do corpo nós nos reconhecemos, então ele é um construto psicológico.

O corpo ao se apropriar das emoções e das representações faz, também, com que a comunicação aconteça e possibilite a aprendizagem. Assim se refere Fonseca (1995, p. 185):

O fator da noção do corpo interfere como potencial de aprendizagem. As informações visuais, táteis, cinestésicas e vestibulares reunidas na imagem do corpo são um alimento indispensável do cérebro, pois privando-o dessa multiestimulação ele pode desorganizar-se e manifestar desordens de processamento da informação ou mesmo desordens de comportamento.

Se nos prendermos a noção de corpo como um conceito socialmente construído, poderemos examinar a influência das imagens visuais dos outros corpos. Fonseca (1995, p. 188) também se refere a isso desta maneira: “A visão, que inicialmente se confunde com o tato e com o sentido cinestésico, destaca-se deles progressivo para construir, quer na ação, quer na representação, outros níveis mais complexos de noção de corpo”.

Como se pode observar o processo de aprendizagem depende da capacidade de organizar e estruturar o espaço físico, que por sua vez determinam a posição do corpo nesse espaço a partir da elaboração de conceitos compostos por informações visuais, do tato e do movimento, todos integrados.

A imagem do próprio corpo está intimamente relacionada à imagem do corpo do outro, que passa a ser um corpo social repleto de significações e de valores atribuídos culturalmente, como Schilder (*apud* Fonseca 1995, p. 201) assegurou: “O modelo postural do nosso corpo está conectado com o modelo postural dos corpos dos outros”.

Falando, especificamente, da mão no ato de trabalhar, a mão transforma-se num eficaz meio de exploração do mundo e do próprio corpo. A mão e a inteligência mantêm uma relação que é também dialética. A inteligência dá um salto na evolução a partir do momento que a mão ganha liberdade para agir e passa a construir instrumentos para transformar o mundo. A precisão, a velocidade e a coordenação recíproca das mãos não estão fora da organização postural, dada a importância da sua integração sensório-motora nas formas mais complexas de organização perceptiva, como descreve, sumariamente, Fonseca (1995, p. 259): “Filogenética e

ontogeneticamente, a percepção é inseparável da ação. A percepção emerge da ação e depois guia-a e orienta-a."

O ser humano possui um aparato motor psiquicamente organizado e sócio-culturalmente estruturado. Tem a capacidade de captar e reagir a estímulos do meio ambiente, que lhe permite se adaptar e garantir a sua sobrevivência.

Observamos que, no desenvolvimento do sujeito a sua constituição biológica permitiu uma integração natural entre os fenômenos corporais e os fenômenos mentais. Da mesma forma, os fenômenos mentais interagiram com os fenômenos sociais, havendo um salto quantitativo e qualitativo na capacidade adquirida do sujeito em transformar o mundo e a si mesmo. Um dos fatores mediadores entre as estimulações captadas pelo corpo e a representação mental do mundo físico e social foi o fenômeno da percepção.

1.3 TRABALHADOR: UM SUJEITO PERCEPTIVO

O processo perceptivo leva o trabalhador a ser consciente dos objetos e das relações no ambiente físico e social a sua volta. Essa consciência também depende dos processos sensoriais, que precisam estar funcionando adequadamente para enviar as mensagens fidedignas para o cérebro processar. Vygotsky (1994, p. 44) aborda a questão perceptiva dizendo que "a percepção é parte de um sistema dinâmico de comportamento; por isso, a relação entre as transformações dos processos perceptivos e as transformações em outras atividades intelectuais é de fundamental importância".

O corpo é percebido através dos vários sentidos, como qualquer outro objeto no ambiente físico da pessoa. E como está próximo dos nossos olhos ocupando grandes áreas de nosso campo visual, próximo de nossa audição, próximo de nosso olfato, passa o corpo a desempenhar um papel central em nossas percepções. A percepção do corpo está tão firmemente estabelecida, que mesmo modificações drásticas podem não provocar, imediatamente, transformações correspondentes. Assim ao falarem sobre a percepção não só externa como do interior do corpo, Kretch e Crutchfield (1976, p. 233) citam que:

O corpo não é percebido apenas através dos receptores externos – olhos, ouvidos, nariz, pele – mas, também através de receptores internos, que dão informações específicas a respeito do ambiente interno e do funcionamento do corpo. Outros estão encaixados em músculos, articulações de esforço e tensão, das quais decorrem as percepções de posição e movimento.

Com essa colocação podemos nos referir a uma "fala" interna do corpo, pois os receptores internos quando transmitem com fidelidade, sem distorções pelo meio do caminho, as informações sobre o que realmente está ocorrendo, permite ao cérebro encontrar a solução para uma necessidade emergente. Por exemplo, ao sentirmos que temos uma dor de cabeça, que a musculatura está fatigada, que o movimento repetitivo dos braços é muito rápido e traz uma sensação de incômodo, o cérebro através de uma análise dessas informações conjuntamente com as informações das condições do meio ambiente, pode encontrar a fonte provocadora do sofrimento, providenciando esquemas para eliminá-la ou diminuir os seus efeitos sobre o corpo. As percepções através do corpo se organizam a partir dos receptores dos estímulos e formam uma percepção una e total do corpo na situação do momento em que se encontra.

Krech e Crutchfield (1976, p. 234) falam, especificamente, das propriedades do corpo como objeto de percepção:

Como no caso de qualquer tipo de objeto físico, percebemos nosso corpo como possuidor de determinado tamanho, de forma, organização e cor. Percebemos, também, que nossos corpos têm uma "estrutura", isto é, são constituídos por várias partes e por diversas relações entre as partes. Nossos corpos são também dotados de importantes atributos de tipo mais complexo: uma pessoa pode perceber que seu corpo é forte ou franzino, bonito ou feio, deselegante ou gracioso. Além disso, há qualidades de energia na percepção do corpo. Percebemos a ação de nossos corpos em outras coisas, ou como capazes de realizá-las. Percebemos a "causalidade", na maneira pela qual o corpo interage com o ambiente.

Podemos colocar que a maneira específica – deformada ou não – pela qual o indivíduo percebe o próprio corpo (imagem de si) pode ter conseqüências psicológicas importantes. A noção de papel social tem parte considerável na consciência que cada indivíduo tem de si mesmo. O sistema de elaboração da noção de papel social traz ao sujeito um suporte, uma significação, uma constatação existencial. Essa consciência do existir corresponde, também, a certos conteúdos relativos aos aspectos, funções, propósitos segundo os quais o sujeito se apresenta a si mesmo: corpo próprio, atributos pessoais, estima de si, ação ou valor.

Examinando mais detidamente esse fenômeno da imagem de si, diremos que essa imagem se estabelece progressivamente, solidariamente às do corpo de outrem. Podemos dizer que a imagem do corpo é muito fortemente socializada e, até, culturalizada, pois seus modelos variam segundo o sistema interpretativo dos grupos humanos.

A consciência de si, da forma como é vivida, é sempre contemporânea e faz parte de sua constituição a percepção social, que temos de nós mesmos a partir da percepção social que temos dos outros. Tanto nosso passado como nossos projetos de futuro são poderosamente influenciados pelos quadros sociais e pelos contextos relacionais em que se desenrola nossa vida. A imagem de nós mesmos se projeta num cenário de identificações e de opções dinâmicas inseparáveis de nossas atitudes sociais e de nossa consciência de nós mesmos, que é carregada de afetividade e de apreciação.

Para haver a percepção social, ou seja, as percepções daqueles comportamentos de outra pessoa que revelam suas atitudes, sentimentos ou intenções, faz-se necessária a ocorrência do processo de interação social e é, nesse processo, que as pessoas interagindo, percebem-se mutuamente, aprendem umas com as outras.

O processo perceptivo vai envolver uma série de variáveis que se interpõem entre o momento da estimulação sensorial e a tomada de consciência daquilo que foi responsável pela estimulação sensorial. Então, a seletividade perceptiva em que nossos órgãos sensoriais são, simultaneamente, atingidos por uma variedade de estímulos. As experiências prévias e conseqüentes disposição para responder, bem como nossas representações sociais adquiridas, fazem com que nossas experiências passadas facilitem a percepção de estímulos com os quais já tenhamos entrado em contato. A familiaridade gera uma disposição a responder mais prontamente e como fala Moscovici (2004, p. 20): "... o propósito de todas as representações é tornar algo não familiar, ou a própria não-familiaridade familiar". Estímulos ambientais, físicos ou sociais, conhecidos são mais facilmente comunicáveis, e determinadas disposições a responder podem ser aproveitadas para maior eficácia na comunicação e no processo de aprendizagem. Podemos considerar que fatores contemporâneos ao fenômeno perceptivo, que são certos

estados específicos do percebedor num determinado momento, assim como a experiência passada, influi no processo perceptivo.

É relevante dizer que os fatores presentes, situacionais, também são capazes de predispor a pessoa a determinadas percepções, muitas vezes distorcidas da realidade. Em uma abordagem da psicologia social, enfocando a psicofísica e a psicofisiologia na formação da percepção, temos que os estudos a respeito dos estímulos físicos estão bem mais desenvolvidos do que os estímulos sociais, cuja capacidade de influenciar o comportamento não é menos potente. Moscovici (2004, p. 131) acredita que,

A percepção social poderia ser estudada da mesma maneira que a percepção auditiva ou visual; fenômenos sociopsicológicos, tais como processos de influência, de mudanças de atitude ou de solução de problemas em grupo não seriam nada mais do que casos especiais de princípios condicionantes ou motivacionais, aos quais se poderiam aplicar as leis gerais da aprendizagem.

Na formação da percepção temos estimulações do ambiente físico e estimulações do ambiente social. Em situações sociais seja para a formação da imagem social dos outros ou para a formação da imagem social de si mesmo, consideramos diversos fenômenos sociais como status social, status econômico, classe social, estereótipos, preconceitos, hierarquizações profissionais, expectativas de comportamentos em determinadas situações, etc. Já em situações onde o sujeito se relaciona com o ambiente físico temos o organismo sendo estimulados por diversas fontes atingindo os órgãos do sentido. Tanto em uma situação como em outra a formação da percepção parece ser complexa, não podendo na sua formação haver separação, mas apenas discernimento da consciência sobre qual estimulação deve ser atendida em primeiro lugar.

Vemos, então, que: valores, atitudes, tendenciosidades cognitivas, etc., são capazes de influir na formação do percepto tornando-o mais complexo e exigindo uma aprendizagem capaz de permitir que encontremos soluções rápidas e eficientes para os nossos problemas, sejam esses problemas de ordem física ou de ordem social.

Da mesma forma que nós significamos e valorizamos as nossas ações, nós passamos a significar e valorizar a percepção das ações dos outros, pois encontramos uma consistência nessas ações. Quando nossas ações são expressas pelo corpo, o corpo, em seu comportamento, passa a ser significado e determinado

socialmente. A esse respeito Moscovici (2004, p. 97) comenta: “Um estudo posterior tratou das representações sociais do corpo. Ele mostrou que nossas percepções e concepções do corpo não eram mais adequadas à realidade que ia surgindo e que uma revolução importante era inevitável”.

Na dinâmica das organizações, enquanto grupo social diferenciado, as relações sociais devem levar em conta uma análise de como lidam, controlam e usam o corpo nos ambientes de trabalho. Esta análise pode contribuir para explicar as resistências às mudanças após um período de aprendizagem. Mas na complexidade das relações sociais podemos levar em conta as imagens formadas em nossa mente e que acabam nos guiando. Estas imagens precisam ser revistas, pois da forma que foram sedimentadas não permitem, por vezes, diferenciar estímulos orgânicos e sociais, bem como não permitem uma flexibilização para outras alternativas mais adequadas de comportamento. Caminhando neste sentido, mas tendo uma perspectiva a partir da representação social, Moscovici (2004, p. 100) assim se expressa:

Reações emocionais, percepções e racionalizações não são respostas a um estímulo exterior como tal, mas à categoria na qual nós classificamos tais imagens, aos nomes que nós damos a elas. Nós reagimos a um estímulo à medida que, ao menos parcialmente, nós o objetivamos e o re-criamos no momento de sua constituição. O objeto ao qual nós respondemos pode assumir diversos aspectos e o aspecto específico que ele realmente assume depende da resposta que nós associamos a ele antes de defini-lo. Em outras palavras, representações sociais determinam tanto o caráter do estímulo, como a resposta que ele incita, assim como, em uma situação particular, eles determinam quem é quem.

Fica mais evidente o processo perceptivo das situações sociais quando focalizamos a ação do sujeito em ambientes sociais mais restritos como nas organizações. As organizações além de manterem vivas as normas atuantes na sociedade ela cria e alimenta normas próprias de conduta. Ela cria sub-cultura com seus modos próprios e específicos de conduzir os seus negócios e o seu aparato material, técnico administrativo, financeiro e humano. Assim, a organização criará sistemas próprios de controle social, controle do corpo, que influenciarão a percepção social do sujeito em situação de trabalho.

1.4 TRABALHADOR: UM SUJEITO LABORIOSO

O trabalho é inerente ao homem, pois através das suas ações para transformar a realidade ele cria novas perspectivas para a vida, seja a sua própria, ou seja, para os demais sujeitos de sua comunidade. Dentro das organizações a ação humana não é diferente. Porém, existe um fenômeno que ocorre neste espaço de trabalho, que interfere em muito na análise da realidade, exigindo do sujeito laborioso outras estratégias para alterar as condições dadas para a melhoria de suas ações transformadoras. Este fenômeno que ocorre dentro das organizações e que tende a influenciar a percepção da realidade física e social do sujeito laborioso é a burocracia. Fenômeno, que tem a capacidade de fazer com que os relacionamentos humanos se tornem frios, disciplinados, organizados e distantes entre si, evitando o envolvimento emocional.

Embora o termo burocracia possa ser utilizado em vários sentidos, Motta (2000, p. 07) resume burocracia como sendo: “poder, controle e alienação”. E, ainda comenta algumas características da sociedade moderna, que em sua visão é uma sociedade formada por organizações burocráticas, assim:

A população se integrou em grandes organizações impessoais, em pirâmides de cargos; o trabalho perdeu qualquer significação intrínseca; as necessidades dos indivíduos são manipuladas; as pessoas não mais aprendem a viver em sociedade, mas sim em organizações... (p. 08)

Ao falar da subordinação do homem à máquina, cujo ritmo de produção é determinado pelo capitalista e, também, ao falar da cooperação entre os trabalhadores para alcançar a produção dentro das organizações, coloca-se que os trabalhadores são estritamente vigiados em seu ritmo de trabalho, na sua interdependência e em todos os aspectos do seu comportamento. Existe, portanto, todo um comportamento social que é imposto pela máquina e controlado pela burocracia, segundo Motta (2000, p. 31):

A burocracia, como um tipo de organização, permeou, gradativamente todas as instituições sociais... toda a divisão do trabalho é deliberada e conscientemente planejada de acordo com os princípios burocráticos. Um conjunto de regras assegura a disciplina no trabalho: as exigências da produção subordinam o trabalhador.

É evidente que a burocracia é um tipo de organização objetiva, que limita extremamente a liberdade e a espontaneidade dos membros de uma empresa. A

burocracia favorece o desenvolvimento de um tipo de personalidade limitada, oposta ao ideal do homem culto. A burocracia, que traz em seu objetivo primeiro a racionalização do mundo, traz também, o desencantamento desse mundo e uma irracionalidade básica: desaparecem os deuses e demônios, que por tanto tempo vêm povoando o mundo, desaparecendo a valorização do sentimento, da emoção e do desejo.

Ao falarmos sobre a questão da identidade individual, das relações desiguais e das relações de submissão dentro das organizações influenciadas pelo sistema burocrático, podemos, então, observar que nas organizações, os indivíduos procuram uma identidade social, como de resto todas as pessoas procuram uma identidade. A organização burocrática oferece modelos que possibilitam imaginar que se obteve essa identidade. As pessoas se identificam com funções, com departamentos e, em última instância, com a organização. A organização é uma estrutura de poder que torna a submissão uma atitude, um comportamento ou uma prática socialmente compartilhada, aceita por todos como normal. A reprodução das idéias e imagens que se tem das relações sociais na organização só é possível se houver institucionalização das relações de submissão, isto é, se elas forem percebidas como possíveis e necessárias.

Reconhece-se, também, que a forte dominação psicológica das empresas sobre seus colaboradores internos se dá através de uma combinação de imposições e vantagens oferecidas. As imposições e as vantagens não estão diretamente ligadas a um comportamento determinado e preciso, mas no cumprimento de um ideal coletivo proposto pela organização e imposto pelo sistema burocrático. Como as pessoas precisam adequar a sua conduta humana natural ao padrão ideal de conduta artificial imposto pela organização, cria-se, nesta dinâmica, uma situação de insegurança permanente. Segundo o pensamento de Motta (2000, p. 51), podemos observar melhor o conflito gerado nas pessoas dentro das organizações:

Por razões econômicas, política, ideológica e psicológica instaura-se um processo de submissão que é sempre reforçado e que se caracteriza pela perda da finalidade, sentido e crítico, pela despersonalização das relações entre os indivíduos e pela atribuição de uma personalidade à organização. O indivíduo passa a experimentar uma situação de engrandecimento e liberdade, pela identificação com a organização, ao mesmo tempo em que se sente prisioneiro e inseguro.

Os controles burocráticos levam, portanto, à dominação, que é um “estado de coisas” na qual as ações dos dominados (trabalhadores) aparecem como se estes houvessem adotado como seu, o conteúdo da vontade manifesta do dominante (organização burocrática). Ou seja, o trabalhador passa a não se ver mais através da natureza humana, mas sim, através da concepção burocrática classificatória dos comportamentos humanos dentro das organizações. Inicia-se um processo de alienação.

Dentro desta questão da alienação promovida pela ação da organização burocrática, o trabalhador vai se tornando cada vez mais pobre em sua humanização, dando mais valor aquilo que produz do que a si mesmo como produtor. Assim, a valorização do mundo das coisas aumenta em razão direta da depreciação do mundo dos homens. E Motta (2000, p. 72) lembra que:

[...] o relacionamento do operário com sua própria atividade é alienado em sua ação, na qual ele se torna estranho a si mesmo. Isto se dá porque se trata de uma atividade exterior ao sujeito, à natureza do homem, de modo que o operário só se realiza fora da esfera do trabalho. Além disso, constitui uma atividade forçada, que não lhe pertence, mas pertence a outrem. Aqui não é o objeto que se torna estranho, mas o próprio trabalhador que se torna estranho a si mesmo.

A burocracia passa a instituir uma situação, que tem por objetivo a canalização dos desejos humanos no trabalho eficaz, no investimento produtivo e profissional, definindo uma divisão, no tempo e no espaço, que vai reduzir o comportamento humano de cada trabalhador no ambiente organizacional.

A organização burocrática é o sistema social mais formalizado da sociedade. As organizações não só produzem bens e serviços, mas embora às vezes seja esquecido, também produzem formas de comportamento e modos de pensar. As organizações passam a ser, nessa perspectiva, mecanismos de produção de cultura e de controle social.

No processo de adaptação dos trabalhadores às organizações, ocorre a renúncia a uma ampla margem de liberdade. A renúncia da liberdade é consentida pela concordância implícita das exigências da organização, que limita uma série de comportamentos disponíveis para o indivíduo.

As necessidades humanas, as paixões do sujeito laborioso ficam aprisionadas nas interações entre os sistemas institucionalizados da burocracia e os sistemas

administrativos das organizações. As representações mentais, os valores e os significados se perdem num sistema de trabalho desumanizante.

O trabalhador passou a ficar habituado a desempenhar funções repetitivas com se fosse uma máquina, sendo necessário um grande esforço para aprender a desenvolver uma atividade criativa, digna de um ser humano, que convive com outros seres humanos construindo cultura.

O sujeito laborioso, o trabalhador, deixa de obter prazer com aquilo que faz, com aquilo que cria, enfim com aquilo que o integra, realmente, no mundo. Surge, então, o sofrimento do trabalhador nos ambientes de trabalho. Um sofrimento originado na atividade laboral acima da capacidade orgânica do trabalhador de suportá-lo. E o corpo do trabalhador não suportando o sofrimento, adocece.

Para analisar da realidade complexa do ambiente de trabalho adoecedor, faremos uso da abordagem ergonômica e da abordagem psicodinâmica do trabalho.

Etimologicamente, o termo ergonomia é formado por duas palavras de raízes gregas: *érgon*, que significa trabalho, e *nomos*, que significa lei, então a ergonomia está se referindo a normas e regras da organização do trabalho.

Há 27 séculos, o poeta Hesíodo escreveu os versos do Erga (Os Trabalhos e os Dias), diferenciando dois tipos de trabalho: um era Pónos, que significava trabalho árduo, fatigante, que humilha o homem; e o outro era Érgon, dizia respeito ao trabalho relacionado à subsistência e dignificação do homem. Então, utilizando a raiz grega *érgon*, o engenheiro inglês Murrel, em 1949 cunhou o termo ergonomia, para significar o estudo sistemático do trabalho tendo como referência o bem-estar do homem.

Ergonomia está, portanto, conceitual e eticamente comprometida com o ser humano. Visa a sua humanização do homem através da humanização do trabalho, aplicando conhecimentos relativos ao homem, como: fisiologia, psicologia, sociologia e as ciências a fins, com o objetivo de adaptar as condições de trabalho às características humanas.

Ergonomia não é uma especialidade médica, pois se constitui, em vista da complexidade do ser humano, num conjunto de conhecimentos, exigindo um enfoque multidisciplinar, ou seja, não existe uma categoria profissional capaz de dar uma solução ergonômica completa. Visão esta semelhante ao da Psicopedagogia

em termos de abordagem multidisciplinar dos fenômenos ligados à aprendizagem, como é o processo de conscientização do trabalhador, para a prevenção do DORT, proposto pela ergonomia.

Couto (1995, p. 11), define ergonomia como: “um conjunto de ciências e tecnologias que procuram a adaptação confortável e produtiva entre o ser humano e seu trabalho, basicamente procurando adaptar as condições de trabalho às características do ser humano”.

Contra-pondo-se a uma visão humanista do homem em situação de trabalho, vamos observar na história do desenvolvimento industrial, em que medida a desumanização do trabalhador se dá. Veremos que no desenvolvimento do processo industrial e da produtividade a partir dos princípios de tempos e método a seleção médica era muito rigorosa, privilegiando os fisicamente mais capazes e mais hábeis. O princípio máximo era adaptar o homem ao trabalho.

Por este prisma, a prioridade era construir a máquina e o posto de trabalho. A tarefa seguinte era procurar o trabalhador, que a ele se adaptasse. A organização de trabalho priorizava a rapidez, a produção máxima, muitas vezes de maneira irracional. Criou-se o superespecialista, que trabalhava numa linha de produção, muitas vezes tendo aprendido a fazer apenas uma tarefa, muitas vezes alienado do restante do processo de produção e desumanizado pela máquina. Surgem nestas circunstâncias as doenças ocupacionais.

Ao falar sobre a ergonomia como um instrumento de adequação do meio ambiente de trabalho ao homem, prevenido as doenças ocupacionais, Couto (1995, p. 17) acentua que empresas contemporâneas de primeira linha têm tido a ergonomia em alta prioridade, descrevendo os seguintes motivos:

necessidade de se prevenir os problemas músculo-ligamentares (DORT), que reduzem muito a produtividade das pessoas, geram afastamentos prolongados e deixam a empresa em situação de fragilidade perante eventuais reclamações trabalhistas; mentalidade já existente, de que trabalhar com o nível correto de conforto tem como consequência natural uma melhor produtividade por parte das pessoas; mentalidade já existente entre as mesmas da importância de se trabalhar sem desenvolver fadiga; neste sentido, a ergonomia significa uma evolução enorme em relação à higiene industrial, pois enquanto as regras de higiene ocupacional se preocupam em não permitir que o trabalhador fique doente, a ergonomia tem um propósito muito mais ambicioso: conseguir com que o trabalhador, no final do seu dia, esteja apenas com o nível de fadiga próprio de ter trabalhado 8 horas, nada a mais; assimilação, por parte destas empresas, da importância da ergonomia para os programas atuais de qualidade.

Atendo-nos a questão de prevenção dos problemas do DORT, verificamos que a ergonomia é utilizada para eliminar situações nos ambientes de trabalho que são fontes principais para o desenvolvimento dessa doença. São situações que obrigam o trabalhador a assumir uma postura inadequada ou antinatural, a desenvolver atividades com repetitividade dos movimentos; a exercer um esforço físico excessivo; e submeter o corpo ao contato com superfícies anti-anatômicas de máquinas e equipamentos sofrendo uma compressão mecânica das estruturas osteomusculares.

Couto (1995, p. 22) aponta cinco requisitos fundamentais para, realmente, se considerar uma solução, ergonomicamente, correta:

Requisito epidemiológico. Ela deve ser capaz de reduzir a incidência de problemas de coluna, de fadiga, do DORT e outros; Requisito biomecânico. Estudando-se o trabalhador executando sua tarefa na nova posição, percebe-se claramente que a mecânica humana está funcionando melhor; Requisito fisiológico. Na nova situação, o trabalhador se cansa menos; Requisito psicofísico. O trabalhador aceita bem a solução; Requisito de produtividade. Na nova situação não ocorre nenhum prejuízo de produtividade; ou até mais, a produtividade aumenta.

Outra visão da análise dos ambientes de trabalho para a elaboração de sistemas preventivos ou para as adequações às características humanas é a de Dejours. Suas concepções partem da análise ambiental através do discurso do trabalhador, momento no qual traduz, pelo conhecimento da realidade que vivencia, as fontes de sofrimento que atingem seus estados físicos e mentais.

Dejours (1994, p. 24), que dá ênfase, na análise do trabalho, aos fatores psicodinâmicos, fala sobre a relação (dialética) homem-trabalho, apontando algumas considerações:

O organismo do trabalhador não é um “motor humano”. O trabalhador não chega a seu local de trabalho como uma máquina nova. Ele possui uma história pessoal que se concretiza por uma certa qualidade de suas aspirações, de seus desejos, de suas motivações, de suas necessidades psicológicas, que integram sua história passada.

Devemos entender por condições de trabalho as pressões físicas, mecânicas, químicas e biológicas do posto de trabalho. As pressões ligadas às condições de trabalho têm por alvo principal o corpo dos trabalhadores, onde elas podem ocasionar desgastes, envelhecimento e doenças somáticas. Com certeza os aspectos mentais, emocionais e racionais inerentes ao trabalhador também ficam, automaticamente, comprometidos nestas situações. Portanto, as condições devem

ser analisadas para se verificar o grau de participação, que tem no adoecimento dos trabalhadores.

Se, por um lado, as condições de trabalho têm por alvo principalmente o corpo, a organização do trabalho, por outro lado, atua ao nível do funcionamento psíquico. Em relação à expressão “funcionamento psíquico”, vamos partir de um modelo de homem que faz, um sujeito sem outro igual, portador de desejos e projetos enraizados na sua história singular que, de acordo com aquilo que caracteriza a organização de sua personalidade, reage à realidade de maneira estritamente original. Por isso é natural que haja conflito permanente entre as condições inadequadas à natureza humana e o homem (somático e psíquico) em ação nos ambientes de trabalho. Falando, especificamente, de conflitos psíquicos originados na atividade laboral, Dejours (1994, p. 127) diz que:

O conflito entre organização do trabalho e funcionamento psíquico pode ser reconhecido como fonte de sofrimento, ao mesmo tempo como chave de sua possibilidade de análise. Mas o sofrimento suscita estratégias defensivas. A descoberta empírica mais surpreendente foi a das estratégias defensivas construídas, organizadas e gerenciadas coletivamente.

Na verdade, essas estratégias de defesa construídas de forma coletiva ou individualmente levam à modificação, transformação e, em geral, à desconsideração da importância da percepção, que os trabalhadores têm, da realidade que os faz sofrer. Tudo se passa como se, por falta de poder vencer a rigidez de certos conceitos organizacionais rígidos e inevitavelmente perigosos, os trabalhadores conseguissem, graças a suas defesas, minimizar (distorcer) a percepção, que eles têm dessas pressões, fontes de sofrimento. Seria essa ação coletiva ou individual de defesa do trabalhador uma maneira de exercer “um certo” controle sobre o medo do perigo, a que estão expostos, e assim, poder manter a capacidade de realizar o trabalho.

Ao surgir o sofrimento no trabalhador cria-se uma possibilidade dele sair do sistema fechado que vivia, que o afastava de sua própria natureza, enfim, que o alienava. Porém, isso só poderá ocorrer se o trabalhador reconhecer que o seu sofrimento é decorrente das condições inadequadas de trabalho, permitindo-lhe elaborar estratégias de defesas para tornar essas condições adequadas. Em relação ao modo de observar a realidade, Dejours (1994, p. 130) se posiciona da seguinte forma:

O risco relativo da alienação, porém, continua grande. Há casos em que a estratégia defensiva torna-se ela mesma tão preciosa para os trabalhadores que ao se esforçarem para enfrentar as pressões psicológicas do trabalho acabam por transformar esta estratégia em um objetivo em si mesma. O sofrimento não pode mais ser reconhecido como decorrente do trabalho.

Para sair da alienação, que prende o trabalhador, mas também tem a função de o equilibrar para viver a sua pobre vida, são criadas as estratégias coletivas e individuais de defesa, em virtude do sofrimento compartilhado ou sentido individualmente. As estratégias de defesa, que reequilibram o trabalhador diante do sofrimento causado pelo conflito, oriundo da ação sobre o ambiente de trabalho, são abordadas por Dejours (1994, p. 139), e que, segundo ele, possuem a seguinte finalidade: "... eufemizar a percepção que os trabalhadores têm do risco, com vistas a atenuar seu medo e seu sofrimento ..."

Focalizando nossa atenção sobre a elaboração coletiva de estratégias de defesa, a partir das pesquisas de Dejours, podemos observar que a ergonomia tem um caráter psicossocial, pois está inserida no ambiente de trabalho, que é um ambiente essencialmente social, reunindo coletividades para a realização de atividades.

Tanto a metodologia de abordagem do ambiente do trabalho pela ergonomia de Couto, como a abordagem através da psicodinâmica do trabalho de Dejours, tem como objeto principal o respeito à natureza humana no momento da sua ação sobre o mundo, promovendo sua transformação. Portanto, os aspectos tecnológicos da ergonomia como a psicodinâmica do trabalhador dentro das organizações está dentro do contexto psico-social.

Dentro desta perspectiva veremos que as dificuldades encontradas em incorporar a ergonomia dentro dos objetivos organizacionais, bem como os fracos resultados obtidos na aquisição de novas tecnologias, revelam a necessidade de considerar-se a interação entre o contexto psico-social e a tecnologia dentro da organização.

A análise ergonômica e psicodinâmica do trabalho procura quantificar a carga de trabalho de um indivíduo em uma determinada situação de trabalho. O que poderia determinar a carga de trabalho são elementos como: a tarefa a ser cumprida; as condições de execução da tarefa; e as características do homem que interferem na sua atividade. A análise do trabalho, conduzida de maneira ampla,

procura observar o contexto organizacional, permite identificar e avaliar como as diversas condicionantes tecnológicas, econômicas, organizacionais e biossociocultural afetam o trabalhador.

À medida que vão aumentando os conhecimentos sobre o homem, mais se conhece sobre suas vontades, desejos, expectativas, etc. Estas variáveis para se realizarem, são dependentes do meio ambiente e, conseqüentemente, modificam-se com ele. Essa situação nos leva a considerar de extrema importância a relação dos fenômenos humanos com os fenômenos físicos para a aquisição de conhecimentos sobre o homem e sua psicodinâmica no trabalho.

A organização que trata do conteúdo e da dimensão das tarefas, dos intervalos e descanso, dos horários de trabalho, das questões de hierarquia e responsabilidade, das questões sociais do homem no ambiente de trabalho e fora dele, das questões de organização do processo produtivo em si, das questões de poder e de outras, tem sua base de conhecimentos apoiada em dois pontos principais: um rígido, normativo, típico de engenharia e de administração; e um outro mais crítico, envolvido com as ciências sociais.

Partindo-se do princípio de que a única maneira aceita pela ergonomia de adaptar o homem ao trabalho é através da formação, ou seja, da qualificação para tornar o trabalhador competente na execução das suas atividades. Seria interessante proporcionar condições para a auto-análise do trabalho, dar condições ao trabalhador para conscientização através do trabalho. Assim, como observamos, o problema da saúde ocupacional passa, necessariamente, pela educação. A aquisição de conhecimento através do processo de aprendizagem do sistema educacional proporcionaria a auto-proteção da saúde, conseqüência da conscientização para a importância da prevenção advinda do conhecimento de estratégias de defesa contra o risco inerente ao ambiente de trabalho.

O aumento do nível de conhecimento do homem no trabalho pode permitir que o mesmo faça melhor uso de sua atividade e aumente o seu poder de interferência no trabalho. E podemos abrir uma discussão sobre qual é o real significado do trabalho para o homem e como ele é organizado na sociedade moderna. Pois, se tem constatado que o sentido do trabalho, hoje, é de um instrumento de desumanização e de embrutecimento do ser humano, trabalhador, principalmente nos trabalhos menos valorizados socialmente.

Quando falamos do trabalho como prática social, observamos que, cada vez mais, a ergonomia se interessa pelas dimensões sociais do trabalho, compreendendo questões relacionadas ao trabalho coletivo, comunicações, relações intersubjetivas, contexto organizacional e organização do trabalho.

Podemos colocar como uma das tarefas da ergonomia a de compreender e transformar o trabalho, implicando, antes de tudo, compreender o trabalho como uma atividade qualitativamente diferente das atividades fisiológicas e cognitivas que lhe servem de base, ou seja, como uma prática social.

Isso mostra como no contexto que é colocada a ergonomia, hoje, se dá cada vez mais espaço para tratar dos aspectos sociais do trabalho. Nessa tendência ressalta-se as inter-relações entre trabalhadores, focando-se o trabalho coletivo em equipes operacionais, que revela as formas de relações coletivas das atividades, a formação de sub-cultura na forma de diálogos e formas de comunicações características das coletividades num determinado ambiente de trabalho, a construção de representações sociais próprias do grupo e as formas específicas de organização do trabalho.

Se aceitarmos a concepção do trabalho como prática essencialmente social e não, apenas, socialmente situada, novas tarefas teóricas e práticas se apresentam à ergonomia. Como é o caso da psicopedagogia, que nos apresenta o trabalhador como um sujeito aprendente, capaz de elaborar conhecimento e apreender a realidade, tal como a ergonomia tenta apreender, para agir sobre ela, adequando-a a vida.

Portanto, a capacidade de aprender não pode estar tolhida, caso contrário, o trabalhador não avaliará as situações de risco, realisticamente, e não se defenderá dos perigos existentes nos ambientes de trabalho, que ameaçam sua integridade física e mental.

II - APRENDIZAGEM E O SUJEITO APRENDENTE

O olhar da Psicologia Educacional sobre as questões relativas à aprendizagem humana, procura estudar o processo de ensino-aprendizagem tanto em crianças como adultos, não só os seus mecanismos, mas também a eficiência, as táticas e estratégias de transmissão de conhecimento. A psicologia educacional, também, dedica-se ao exame psicológico do educando, do educador e dos processos educativos, elaborando e sugerindo instrumentos, programas e condições adequadas, para que a transmissão de conhecimentos possa ter o melhor resultado.

Passamos, agora, a abordar a noção de que o processo aprendizagem, ou capacidade humana de aprender, é inerente ao homem, pois é uma ação caracteristicamente humana, intencional, auto-alimentadora já que procura formas de melhorar a própria aprendizagem e como nos diz Pfromm Netto (1987, p. 3) “a aprendizagem é um processo tão freqüente, tão constante em nossas vidas, que praticamente nos acompanha do berço ao túmulo”. Tendo, então, um suporte natural, orgânico e psíquico, o processo de aprendizagem passa, de forma geral, pelo sentir, perceber, interpretar, selecionar, memorizar, discriminar, generalizar, recordar, etc., segundo fatores ambientais físico-socio-cultural.

Aprender é um processo de aquisição de conhecimentos, habilidades, valores e, essencialmente, de desenvolvimento da capacidade de pensar, julgar e empregar conceitos que conduzam às mudanças de atitudes e de comportamentos. E, também, como afirma Rodrigues (p. 176) “É através da aprendizagem que o ser humano ajusta-se ou transforma o meio em que vive”.

Com base nestas afirmações podemos inferir que o trabalhador ou se adapta ao meio ambiente de trabalho ou o transforma para poder nele sobreviver, desempenhando suas atividades de forma saudável com consciência de maneira a não vir a adoecer. O trabalhador não só pode como deve ou, em última instância, tem necessidade de adequar o seu ambiente físico ou social, às suas características naturais.

Rodrigues (p. 177) aponta, que:

A aprendizagem sempre, e invariavelmente, supõe mudança de comportamento e, não só isso, quanto mais passível de suscitar mudanças é um fato ou situação, maior motivação terá o indivíduo para envolver-se nele. Isto significa que o ensino para alcançar êxito, deve ser necessariamente dinâmico e susceptível de comportar mudanças.

Acabamos por nos colocar diante de uma reflexão bastante séria sobre a questão da aprendizagem do trabalhador em um meio ambiente, artificialmente, construído para se viver. Ambiente em que a aprendizagem parece ser só considerada ou conceituada como processo de aquisição de habilidades para desenvolver atividades pré-programadas, rigidamente determinadas e controladas. A visão do trabalhador passa a ser formatada por uma percepção social bem definida, inflexível tanto no ideário do grupo de trabalho, como individualmente. Isso impediria ou dificultaria o trabalhador de elaborar conhecimentos de acordo com as situações imprevistas, ou seja, retirando dele a oportunidade de “aprender” ou encontrar soluções práticas para os problemas, que atingem diretamente sua saúde física. Esse impedimento não deixaria sua aprendizagem se completar, já que não obteria a capacidade de transformar ou de se adaptar, não adoecendo, no meio ambiente. E ainda, ao se observar a contínua incidência da doença, constatamos que a aprendizagem das técnicas preventivas resultaram em poucas mudanças de comportamento, mas não ocorreram por inteiro. Para Pfromm Netto (p. 1):

A aprendizagem, essencialmente, é um processo interno e pessoal, que acontece dentro do aprendiz. Mas só as ações manifestas ou os comportamentos do aprendiz – o que este faz, diz ou produz – permitem a um observador externo concluir se houve ou não houve aprendizagem, na extensão e com a proficiência desejáveis.

Essa capacidade de flexibilizar, diante das mudanças ambientais, e de praticar seus conhecimentos favorecem a aprendizagem e as alterações necessárias para preservação da sua saúde tanto física como mental. Rodrigues (p. 178) ao falar sobre a influência prática na aprendizagem cita que “... não só a capacidade de associação de idéias, a experiência, o pensamento lógico e a sensibilidade facilitam a aprendizagem, mas também as práticas fortalecem as conexões mentais”.

Não podemos deixar de reparar que a prática na aprendizagem deve ser constante e dinamizada pela motivação extra dada pelos resultados obtidos nesta aprendizagem, ou seja, a capacidade de se adaptar ou transformar. Bem, como já vimos, os sistemas organizacionais permitem muito pouco as alterações tão

necessárias para adaptação do meio ambiente de trabalho às características e necessidades humanas.

É oportuno esclarecer que o meio ambiente de trabalho foi concebido de forma a permitir ao homem atuar sobre ele, diante de certos parâmetros, diante de certos procedimentos e normas, ou seja, as expectativas de atuação criaram o perfil do trabalhador, bem como arquitetou a percepção social do corpo no meio ambiente de trabalho. Com o passar do tempo notou-se o surgimento de doenças, comprovadamente, originárias das situações de trabalho. Estas situações adoecedoras, não previstas ao longo do tempo, exigiram ações prevencionistas, que precisam ser eficazes, chegando no momento certo para o resguardo da saúde do trabalhador. Mas, diante da rapidez das transformações tecnológicas, a velocidade com que o conhecimento prevencionista chega aos trabalhadores não é suficiente. A transformação necessária dos ambientes adoecedores não chega a tempo, da mesma forma que a visão do perfil e da percepção social do corpo do trabalhador não se altera, e assim, não permitindo com que ele se liberte do que é programado e construa o conhecimento necessário para sua atuação prevencionista. Enfim, não há permissão para uma prática e conseqüente aprendizagem transformadora.

A prática, como podemos observar, é capaz de fazer com que o trabalhador, sujeito do processo de aprendizagem, “veja” a finalidade ou a utilidade daquilo que aprende dando-lhe condições de mudar a sua realidade (respeitando, é claro, o parâmetro organizacional). Nessa condição, com certeza, haveria uma melhora, significativa, na capacitação do trabalhador.

Outro ponto importante a se tocar é questão da motivação da aprendizagem pelo tipo de resultado obtido seja ele prazeroso, enriquecedor, gratificante ou que, simplesmente, funciona adequadamente. Para Rodrigues (p. 188): “... a aprendizagem se verifica mais fluída, mais abrangente, mais determinante, eficaz e duradoura quando se processa de maneira agradável e gratificante”.

Dentro das organizações existem situações de aprendizagem e neste processo de aprendizagem do trabalhador não podemos deixar de falar da situação que envolve o relacionamento do instrutor (professor) com o aprendiz (aluno), bem como da relação trabalhador com o meio ambiente que, de certa forma, ensina o trabalhador a lidar com ele. Na medida em que o ambiente, tanto físico como social, é desagradável, causa sofrimento e permanece inalterável, não poderemos ter uma

aprendizagem completa e eficiente. E, quanto mais distante e impessoal ficar as relações do trabalhador com seu meio ambiente físico e social de trabalho, através de percepções sociais distorcidas, com certeza haverá maior dificuldade na aprendizagem de conceitos, valores, técnicas, etc. Bem como, haverá maior dificuldade na transferência de conhecimento obtido em sala de treinamento para ser aplicado no ambiente de trabalho.

Da mesma forma em que o professor e o aluno precisam estar em sintonia, para que o processo de aprendizagem ocorra, o trabalhador também precisa estar sincronizado com as mensagens reais emitidas pelo instrutor de treinamento ou pelo próprio ambiente de trabalho. Se a percepção social do corpo não estiver em sintonia com a percepção orgânica do corpo o trabalhador não se estabelecerá uma conexão de aprendizagem, capacitando o trabalhador a mudar seu comportamento ou alterar o ambiente, caso este lhe esteja causando alguma perturbação física ou mental.

Podemos, de certa forma, dizer que o trabalhador só poderá compreender seu ambiente de trabalho, ingressando o mais próximo possível do espaço físico, conhecendo o processo de desenvolvimento das relações sociais, que influenciam na distorção da percepção orgânica do corpo, através da construção representacional da percepção social do corpo nos ambientes de trabalho das organizações.

Na relação de construção da percepção social do corpo temos um processo de aprendizagem, que envolve todo o sistema organizacional e a cultura organizacional. Campos (p.15) nos diz que:

Se se pretende entender o comportamento e as atividades, os interesses e as atitudes, os ideais e crenças, as habilidades e conhecimentos que caracterizam qualquer ser humano, é essencial compreender o processo de aprendizagem, porque ele e a maturação constituem as duas maiores influências que afetam o comportamento humano.

Nas organizações, particularmente, diferentemente das relações da sociedade como um todo, existem construções culturais próprias e dentre elas está a imagem padronizada ou perfil do trabalhador, que influenciam o modo de ver, sentir, aprender etc., no conjunto das dinâmicas específicas de determinada organização.

Agora, Campos (p. 18) ao oferecer uma idéia inicial da complexidade do estudo sobre a aprendizagem, revela a sua visão da “necessidade de maiores

investigações sobre os fatos da aprendizagem, que ainda estão a requerer muitas pesquisas...” A partir desta revelação observamos a preocupação em desvendar novos conhecimentos ou fenômenos que interferem no processo de aprendizagem em situações específicas como é o caso dos ambientes de trabalho.

Mas, nos perguntamos constantemente sobre os resultados do processo de aprendizagem. Quando, efetivamente, podemos dizer que a aprendizagem ocorreu? No caso do trabalhador passar por programas de treinamento sobre normas preventivistas de segurança para a prevenção do desenvolvimento de doenças ocupacionais, se ele não pratica ou modifica sistematicamente seu comportamento para uma prática preventivista, efetivamente, o que supostamente deveria ter aprendido, então, concluímos que, efetivamente, ele não aprendeu. Como nos confirma Campos (p.30), quando define a efetiva aprendizagem:

... a aprendizagem pode ser definida como uma modificação sistemática do comportamento, por efeito da prática ou experiência, com um sentido de progressiva adaptação ou ajustamento. Prática significa a reiteração dos esforços de quem aprende, no sentido de progressiva adaptação ou ajustamento a uma nova situação que se oferece.

Após uma análise das definições de aprendizagem, Campos (p. 31) estabelece uma conclusão pessoal a partir dos dizeres de diversos autores, ficando assim: “Aprendizagem é uma modificação sistemática do comportamento ou da conduta, pelo exercício ou repetição, em função de condições ambientais e condições orgânicas”. Fica claro nesta conceituação que há a necessidade de acentuar que a modificação do comportamento é, também, dependente das condições ambientais e orgânicas e, que, essas condições ambientais não se referem só ao ambiente físico, mas também se referem ao ambiente social, que é dinâmico, sofre múltiplas alterações e é um forte componente motivacional para a aprendizagem.

O processo de ensino-aprendizagem dentro das organizações deve levar em conta o montante de situações conflituosas originadas pelas mudanças micro e macro ocorridas no cotidiano dos sistemas de trabalho. Estas situações conflituosas precisam ser enfrentadas como problemas cuja solução vem através da capacidade de aprender e de se adaptar. O trabalhador precisa se manter equilibrado para enfrentar as exigências de qualidade e do nível de produção. Para que isto ocorra temos que ter o trabalhador totalmente envolvido no processo de aprendizagem,

disponibilizando a cada encontro com as adversidades ambientais sua experiência intelectual, emocional, orgânica e social.

Quando Campos (p. 36) fala das características da aprendizagem e dos resultados efetivos, pontua que, como: “A acumulação das experiências leva à organização de novos padrões de comportamento, que são incorporados, adquiridos pelo sujeito. Daí se afirmar que quem aprende modifica o seu comportamento”.

Para que o trabalhador possa se adaptar às mudanças ocorridas nos ambientes de trabalho a sua aprendizagem precisa, necessariamente, causar alterações em seu comportamento seja no modo de se relacionar com os colegas, seja no modo de intervir nos processos de trabalho, seja na forma de pensar e valorizar o mundo a sua volta. O trabalhador precisa perceber, nitidamente, o que está acontecendo a sua volta. Para Campos (p.54): “A forma pela qual o indivíduo interpreta os estímulos do meio ambiente, utilizando sua experiência, suas vivências anteriores e suas necessidades presentes, constitui um ato de perceber”. E ainda falando sobre o ato de perceber diz que: “A percepção leva à aquisição de conhecimentos específicos a respeito dos objetos, pessoas e fatos, diretamente, através da estimulação dos órgãos dos sentidos”.

O ato de perceber não passa apenas pelo corpo orgânico do trabalhador, mas passa também pela forma como encara seu corpo, socialmente, determinado, ou seja, como se coloca em determinado ambiente, qual a sua postura em pé ou sentado, sua disposição corporal ao realizar uma tarefa, etc. Campos (p. 54) nos diz que:

Qualquer interpretação dada aos estímulos sensoriais, por quem percebe, é determinada por: a) sua experiência anterior; b) seu interesse pelos estímulos no momento ou seja sua motivação; c) sensibilidade dos órgãos dos sentidos para aqueles estímulos particulares, e d) pela integração, ou organização, do que ocorre.

A percepção tanto do corpo orgânico como do corpo social são fundamentais para a aprendizagem de novas situações impostas pelo mundo do trabalho. Se essa aprendizagem não ocorrer o conflito não é eliminado a tensão se instaura e possivelmente o trabalhador estará sujeito a desenvolver uma doença.

Parece ser, então, fundamental, a identificação do conflito ou situação nova no meio ambiente de trabalho, para que o processo de aprendizagem e posterior adaptação se inicie. Segundo Campos (p.54) este processo pode ser iniciado

considerando que: primeiro, “A percepção é a consciência da sensação, incluindo o significado e interpretação, que acompanham a experiência associada ao processo iniciado pelo estímulo”; segundo, “A atenção faz com que, entre os muitos estímulos do meio ambiente, o indivíduo selecione e perceba somente alguns aspectos ambientais”.

Embora o processo de aprendizagem possa ser iniciado pela seleção e identificação dos estímulos, a atenção deve ser constante, para que a seleção dos estímulos não siga um padrão único, permitindo àquele que aprende encontrar novos aspectos da realidade, que permita achar soluções mais adequadas aos problemas surgidos. E como nos revela Campos (p.55): “Nenhuma situação problemática que se apresente a um indivíduo poderá ser solucionada se o mesmo não puder perceber os elementos nela envolvidos, pois a mesma nem será percebida como um problema”.

2.1 CONTRIBUIÇÃO DA PSICOPEDAGOGIA PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

A Psicopedagogia não é apenas uma fusão da Psicologia com a Pedagogia, mas vai além das orientações metodológicas de trabalho dessas disciplinas. Aborda os problemas de aprendizagem estabelecendo um campo de análise multidisciplinar e interdisciplinar, de maneira a se apropriar de diversas áreas do conhecimento para atuar integralmente nas soluções dos problemas. Neste sentido pensa Pfromm Netto (p. 4):

A aprendizagem é um conceito nuclear, tanto na psicologia como na pedagogia. Constitui um dos temas centrais da psicologia educacional, mas aparece igualmente como importante foco de atenção em outras áreas do conhecimento e da aplicação de natureza psicológica.

Nesta linha de pensamento em que a Psicopedagogia se coloca como um ramo do conhecimento capaz de integrar várias visões sob um mesmo objeto de estudo, Pfromm Netto (1987, p. 9) expõe que: “Psicólogos e educadores em geral reconhecem que a aprendizagem é um processo complexo. Envolve muitas variáveis que se combinam de diversos modos, e está sujeita à influência de fatores internos e externos”. Acentua, ainda, a visão de Vygotsky (1994, p. 118) que “... o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento

das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas”. Estas diversas posturas sobre o processo de ensino-aprendizagem podem melhorar o conhecimento a respeito do desenvolvimento da aprendizagem humana e melhorar as tecnologias de ensino de maneira que os sujeitos da aprendizagem possam, com mais eficiência, absorver e transferir conhecimentos para sua realidade de vida.

O olhar psicopedagógico introduz no processo de aprendizagem, onde quer que ele ocorra, a figura do sujeito aprendente, cognoscente e desejante, capaz de ter autonomia nas suas escolhas, conscientizar-se da autoria de seu pensamento e assumir a responsabilidade pelas suas decisões. Então, este sujeito aprendente, personificado e contextualizado como trabalhador, é estudado e pesquisado de maneira a gerar conhecimento que auxilie no seu desenvolvimento. Andrade (2002, p. 16) assim se refere a esta relação entre a psicopedagogia e o sujeito aprendente:

A Psicopedagogia busca, construir uma teoria que dê conta de explicar o processo através do qual o sujeito aprendente articula fantasia e realidade abandonando a ilusão da onipotência para criar o símbolo e com ele a capacidade de gerar pensamento ampliando o conhecimento sobre si e sobre o mundo.

A Psicopedagogia vai trabalhar, portanto, a gerência de espaços subjetivos e objetivos que possibilitem a autoria de pensamento, e, ao falarmos do próprio autor de seu pensamento estamos falando do sujeito aprendente, sendo o trabalhador este sujeito.

Ao considerarmos o simbólico, o histórico, o material, o individual e o social, chegamos à noção de sujeito pensando que, toda entidade biológica necessita de uma organização cognitiva, que é indispensável à vida. É preciso conceber o sujeito como aquele que dá unidade e invariância a uma série de caracteres, de potencialidades, de personagens, como é o caso do trabalhador.

O trabalhador, sujeito a ser considerado pela psicopedagogia é o sujeito aprendente, que está dialogicamente relacionado ao seu meio ambiente de trabalho, considerado como ensinante na medida em que existe um movimento dialético e complementar entre o meio que ensina e o sujeito que aprende. Mas no movimento entre estes dois pólos do processo de ensino-aprendizagem existe um espaço que é ocupado por um mediador do conhecimento já que o contato do sujeito aprendente

com a realidade não se faz de forma direta. Este espaço parece ser uma zona de desenvolvimento proximal como conceitua Vygotsky (1994, p. 112):

Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinando através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

Ao se aproximar o desenvolvimento real do desenvolvimento potencial por meio da solução de problemas existentes no meio ambiente, o trabalhador tem a possibilidade de aprender e em aprendendo mudar a realidade, que está a sua volta.

A relação homem-trabalho caminha paralelamente à questão da relação homem x meio sócio-cultural, como um campo de constante aprendizagem, separando a imagem do real da própria realidade para a construção do conhecimento. Parece não ser possível fazer a análise de um aspecto sem estar tocando no outro aspecto ao mesmo tempo. Portanto, a visão social do mundo do trabalho é abrangida pela visão do mundo humano com suas inter-relações, desenvolvimento sócio-cultural e sua dimensão psico-social.

Se pudermos dizer, como Vygotsky afirma que as características tipicamente humanas resultam da interação dialética do homem e seu meio sócio-cultural, então isso se deve dar na medida em que abordamos a consciência humana como produto da história social, orientando-nos na direção da necessidade do estudo das mudanças que ocorrem no desenvolvimento mental a partir do contexto social, seja este contexto na sociedade em geral, seja este contexto dentro das organizações empresariais. Este desenvolvimento mental só é possível através do aprendizado, que ocorre neste contato do homem com o contexto social, sendo que o meio sócio-cultural criado passa a funcionar como mediador do aprendizado humano.

Observa-se que o desenvolvimento de habilidades e funções específicas do homem, assim como as origens da sociedade humana, são resultados da construção histórica do mundo do trabalho. É através do trabalho que o homem, ao mesmo tempo em que transforma a natureza (objetivando satisfazer suas necessidades), se transforma, ou mais especificamente, transforma sua forma de ação no mundo, seus conceitos, seus valores, seus significados, sua forma de pensar, sua forma de organizar o pensamento, enfim, todo seu comportamento implícito e explícito.

Através disso, é que poderemos dizer que os conceitos são entendidos como um sistema de relações e generalizações contidas nas palavras e determinado por um processo histórico cultural, que acabam ocorrendo também nos ambientes de trabalho. São construções culturais, internalizados pelos indivíduos ao longo de seu processo de desenvolvimento. Os atributos necessários e suficientes para definir um conceito são estabelecidos por características dos elementos encontrados no mundo real, selecionados como relevantes pelos diversos grupos culturais. É o grupo cultural onde o indivíduo se desenvolve que vai lhe fornecer o universo de significados que ordena o mundo real. O mundo real que é constituído por todos os elementos (psicológicos, físicos e sociais) inclui, também, os ambientes de trabalho. As relações sociais, subjetivamente, elaboradas nos ambientes de trabalho são concretizadas, internalizadas e colocadas, permanentemente, em confronto com a realidade. Este movimento, que é dialético, entre a vivência do real e as experiências internas, pode ser afetado pela percepção, que o sujeito tem de si e do mundo.

Falando sobre o desenvolvimento da percepção e da atenção Vygotsky (1994, p. 41) diz que: “a relação entre o uso de instrumentos e a fala afeta várias funções psicológicas, em particular a percepção, as operações sensório-motoras e a atenção, cada uma das quais é a parte de um sistema dinâmico de comportamento”.

A percepção humana, que é a percepção de objetos reais valorizados, indica que o mundo não é visto somente como cor e forma, mas também, como um mundo com sentido e significado adquirido através do convívio social. O aprendizado do mundo real não chega diretamente à percepção humana, mas é mediada pela cultura e pelas criações coletivas. É, portanto, por meio deste aprendizado que o desenvolvimento mental ocorre.

Vygotsky (1994, p. 44) ao afirmar que: “toda percepção humana consiste em percepções categorizadas ao invés de isoladas”, faz-nos reconhecer que a percepção real do corpo humano não é visto como objeto separado da realidade, mas, contextualizado. A percepção é parte de um sistema dinâmico de comportamento; por isso, a relação entre as transformações dos processos perceptivos e as transformações em outras atividades intelectuais é de fundamental importância. Assim, há sempre a possibilidade de mudanças no processo perceptivo em decorrência de outras mudanças em outros aspectos da cognição.

A mudança na relação entre a percepção e a ação motora interfere no comportamento de escolha, já que as oscilações nos níveis de percepção refletem-se, diretamente, na estrutura do movimento, criando dessa forma um novo foco na estrutura dinâmica da percepção. As distorções da percepção, também entram nessa dinâmica para definir a relação do corpo com o meio ambiente de trabalho.

Considerando que na relação do corpo com o meio ambiente ocorre, simultaneamente, a evolução do processo perceptivo, da atenção, da memória e da noção de tempo, temos que nessa dinâmica criam-se os signos localizados no espaço e no tempo. Entre esses signos está o corpo. Como receptor e provocador de estimulações, o corpo entra na dinâmica perceptiva, podendo ser alterada a sua significação, dependendo do momento evolutivo ou do estado em que se encontra.

Podemos fazer a observação de que uma ação do corpo capturada pela mente pode ser contaminada pelas percepções anteriores guardadas na memória, e com isso, distorcer a realidade presente e, conseqüentemente, comprometer a aprendizagem. Aprendizagem esta, necessária, para que o trabalhador construa estratégias de defesa para se prevenir do surgimento de sofrimento no corpo, que também pode estar sendo comprometida, uma vez que a informação do perigo existente nas condições de trabalho está sendo distorcida durante o processo perceptivo.

Através do corpo o trabalhador aprende. A capacidade do corpo de captar estimulações do ambiente e transformar em informações para reações adequadas de comportamento, leva-nos a acentuar a sua valorização.

Muito se tem dito sobre a evidência do corpo na ação, pois ele é o elemento concreto do resultado da ação do sujeito com o ambiente. A dissonância da relação corpo e ambiente é que cria a aprendizagem, que faz o sujeito se antecipar, prever, planejar e elaborar conhecimento.

Podemos, então, dizer que não há aprendizagem que não esteja registrada no corpo, assim como não há imagem enquanto o corpo não começa a inibir o movimento, e é o registro desta inibição o que possibilita separar o pensamento do momento em que esse movimento vai tornar-se ativo, ficando o movimento como uma marca interior, ou seja, o conhecimento é a ação significada e interiorizada por meio da representação.

Pain (1999, p. 24) levanta questões relativas a passagem do instinto ao pensamento, fazendo menção sobre um espaço em que o organismo é substituído pelo corpo. Também diz crer na necessidade de fazer uma distinção entre as características do organismo e do corpo:

O organismo é capaz de registrar na qualidade de automatismo, coordenações sensório-motoras, tendo obtido do corpo um grau de plasticidade suficiente. No discurso psicológico, o organismo permanece mudo, pelo menos até que encontre uma forma de tradução precisa entre os códigos biológicos e os códigos mentais.

Desta forma conseguimos fazer uma comparação entre o organismo como um aparelho de gravação programada e o corpo em ação como um emissor de informações. Com efeito, é pelas coordenações sensório-motoras que o trabalhador consegue construir um comportamento adaptado ao meio ambiente laboral. O seu pensamento está ligado ao organismo pela sua estrutura, e, ao corpo, por seu conteúdo. O mais simples comportamento vivido, com a participação do corpo, é já um pensamento.

E, procurando ressaltar ainda mais a diferenciação entre organismo e corpo, diz Pain (1999, p. 24), que: “a pele desse corpo está além do tecido orgânico em que a reprodução ultrapassa a sexualidade, o invólucro significativo que, ao mesmo tempo em que protege, expõe o sujeito”. Esse corpo, a que ela se refere, é aquele que se exalta, se excita, sofre e se cansa. Corpo que pode ser definido como uma construção elaborada por um sistema totalmente diferente daquele que regula o organismo. Por um lado, por ser o corpo o lugar de coordenação dos esquemas de ação que estão na base da atividade mental e, por outro, porque a postura corporal se torna o modelo, por vezes estereotipado, dos diversos comportamentos. O corpo é, por conseguinte, a elaboração significativa do funcionamento do organismo, num sistema em que cada parte é a marca simbólica de uma relação, ou com o meio físico, sentindo a si mesmo, ou com o meio social percebendo-se através da percepção dos outros corpos.

Essa relação se dá com o meio ambiente que realiza os desejos e as necessidades do corpo e o corpo devendo estar em sintonia com as necessidades do organismo. Porém, a relação alienante entre o corpo e o organismo afasta o sujeito cognoscente da real necessidade da natureza humana e, portanto, parece se

desumanizar. E, o que aqui chamamos de desumanização, desrespeito à natureza humana, se dá segundo Pain (1999, p. 24), também, pela ignorância. Segundo ela:

O organismo constitui uma ampla memória biológica, enquanto o corpo representa, na combinatória de seus movimentos, sensações e afetos, tudo aquilo que ainda é possível. As novas combinações de palavras, sons, gestos, são da competência do corpo em que se exerce o pensamento. Se o corpo pode criar é precisamente porque o organismo garante-lhe um constante funcionamento. Encontramos aí o primeiro grau da ignorância, porque nosso saber, proveniente do corpo, ignora o funcionamento do organismo.

Ao nos referirmos sobre a definição psicológica da atividade representativa colocam-se antes de tudo a questão do corpo, da inteligência e do símbolo como temas maiores. Segundo a concepção técnica a representação plástica é um processo de construção do pensamento, fundado sobre a objetivação das representações. No caso da criatividade artística, por exemplo, ela se realiza a partir de um diálogo do sujeito com sua produção e assim é criado um objeto novo cuja função é tornar-se signo. Temos, então, que na criação artística esse processo de envolvimento produtor-produção se evidencia. E da mesma forma ocorre na situação de trabalho em que o trabalhador diante da sua produção elabora signos, representações, conceitos originados do processo de relações (sujeito-trabalho-produção). Esta é a base da aprendizagem do trabalhador, da sua crítica e da sua criação.

Tanto como o artista, o trabalhador (produtor) está intimamente envolvido com as suas ações, seus pensamentos projetados, os seus instintos e suas necessidades, os seus desejos futuros, o seu momento histórico social e as suas condições reais e propícias para promover a produção. Cada cultura ou sub-cultura (como a que se encontra nos ambientes de trabalho) e cada momento histórico é representado por uma iconografia própria, que faz o modo de representar a vida laboral. Preservando as individualidades é a partir da biografia pessoal, das experiências precoces e das identificações, que o sujeito dá sentido à própria atividade e aos materiais com os quais trabalha. Para Pain (2001, p. 49): "da mesma maneira que a percepção, a imagem do objeto não pode dar conta do objeto real em sua totalidade".

No ambiente de trabalho, o sujeito, ao lidar com os objetos, mente um relacionamento de significação, o qual alimenta de detalhes os objetos em imaginação no momento da elaboração de conhecimento sobre ele. A imagem que o

trabalhador faz do objeto não pode ser confundida com a percepção que se tem dele. Para ter a noção do objeto, é preciso que as diferentes percepções, que se podem ter dele, sejam coordenadas em uma totalidade coerente, ordenada em um espaço e delimitadas, temporalmente. O sujeito não pode reviver, na falta do objeto, as sensações correspondentes, mas, ele pode reproduzir sempre os movimentos imitando o seu perfil e com isso continuar a sua aprendizagem sobre ele. E como diria Pain (2001, p. 50): "a constituição do pensamento imaginário, no período de aprendizagem, faz-se a partir da ação e da percepção, através da constituição mental dos objetos".

Se olharmos o corpo como um objeto de simples contemplação, teríamos que promover, antes, uma distinção entre imagem e símbolo. Isso porque, ainda que visássemos a imagem do eu corporal como ilusão de totalidade dada à aparência exterior, esse caráter indefinido a partir do outro parece ser próprio da imagem. Em outras palavras, toda imagem do objeto contém a imagem do próprio corpo. Ou seja, a imagem se realiza no olhar do outro.

Quando falamos do processo de criação da representação mental, vemos ainda que, o organismo é uma estrutura material que conserva a estabilidade do ser humano através de uma programação reguladora. Além da programação inata, o organismo é capaz de registrar as coordenações sensório-motoras adquiridas de modo que sejam utilizadas pelo sujeito de uma maneira automática. Desse ponto de vista, o organismo é uma memória de funcionamento. A capacidade representativa só pode se desenvolver na condição de que, uma parte de suas aquisições seja disponível sem passar pela consciência. Partindo desse enfoque veremos que existe uma diferenciação conceitual em relação ao corpo. Aqui Pain (2001, p. 53) observa a questão da consciência corporal através de planos:

O plano das coordenações sensório-motoras – o corpo é o lugar onde se realizam as coordenações sensório-motoras entre as percepções e as ações onde elas tomam um sentido. O plano dos afetos – o corpo também é o lugar de ressonância da emotividade. O plano da constituição do “eu” – o corpo constitui o lugar do “eu” corporal que é a primeira imagem de identificação do sujeito com ele mesmo.

No aspecto simbólico, quando se refere a significação subjetiva da atividade representativa, a partir do comportamento expresso pelo corpo, (Pain, 1996, p. 56) diz que: “a criação de um objeto é sempre uma aventura, um desafio dramático no

qual sujeito é o autor. É preciso vencer a matéria, fazer sair a forma a partir do amorfo, é preciso tirar um sentido daquilo que não tem nenhum”.

Ao tratarmos das análises dos problemas de aprendizagem vamos encontrar questões a respeito da patologia da representação e, substancialmente, àquelas originadas dos problemas corporais, que é resultado de uma má integração do corpo, enquanto centro das coordenações sensório-motoras, das emoções e da imagem corporal em si. Desta forma, o corpo funcionaria da seguinte maneira, segundo Pain (2001, p. 61):

Enquanto instrumento da ação – o próprio corpo, constitui o principal fator de fracasso da função representativa. Enquanto ressonância afetiva – a fadiga e as dores musculares ligadas à atividade revelam uma resistência corporal à emergência imaginativa e à dificuldade de transposição simbólica. Enquanto está ligado à imagem do “eu” – uma má identificação egóica do próprio corpo produz uma disassociação onde o corpo é rejeitado, comprometendo as possibilidades de aprendizagem.

Levando-se em conta a situação de trabalho, existe a importância da relação, que deve ser estabelecida entre a eficácia corporal e a imagem do eu. Para ser estruturante, esta relação deve representar o poder do sujeito e não somente o olhar admirado do outro. A par da questão do “eu” corporal coloca-se, também, ao nível do reconhecimento e da apropriação da obra criada pelo trabalho, visto que este objetiva, em certa medida, revelar a presença do corpo que a realizou.

Outro fato a considerar é quando nos defrontamos com a condição da recuperação do investimento de energia do trabalhador durante a realização da transformação da matéria-prima. Se esse momento de recuperação falta ou é desprezado, o trabalhador não pode recuperar a energia dedicada à transformação. Cria-se uma condição de conflito, de tensão, de ansiedade. A ansiedade originada desta situação, leva a um estado de compulsão à ação, que é acompanhado de uma impossibilidade de descanso, que permitiria a recuperação e recomposição do corpo. Nesse processo de desgaste do corpo, que é acumulativo, haverá um comprometimento não só de suas estruturas, mas também das possibilidades de aprendizagem, que só o corpo saudável pode promover.

A situação apresentada demonstra a existência da falta de sintonia entre as necessidades do corpo e o comando mental para suprir a necessidade presente. Existindo, então, uma desassociação entre o corpo e a identificação egóica do próprio corpo, podemos conceber que o corpo deixado de lado no processo de aquisição do conhecimento compromete a aprendizagem do sujeito.

Se o corpo não é identificado adequadamente pelo sujeito, cria-se uma dificuldade de entendimento, quando são colocados no processo de aprendizagem conceito e normas, que envolvem a representação mental do corpo.

Da mesma forma, quando o corpo é deixado de lado, para que a mente do trabalhador priorize a elaboração de representações mentais, acompanhadas e reforçadas pela atividade de trabalho, o corpo passa a se desgastar diante da postura, exigida pela organização do trabalho, que deve assumir. O corpo assume uma postura no ambiente de trabalho, para que o trabalhador realize uma tarefa. Em seguida o corpo assumindo a postura por certo tempo e começa a se desgastar, consumindo energia. A atenção da mente voltada para a tarefa, que está sendo executada impede, dificulta ou diminui a importância das mensagens emitidas pelo corpo, em forma de dor. O corpo se expressa, fala, mas só vai ser ouvido quando a dor aumenta muito ou quando a atenção é desviada da tarefa para o corpo novamente. Num estado de ser, como no outro, as estruturas neuromusculoligamentares, onde se desenvolve o DORT, vão sendo comprometidas no período entre o início da tarefa e a fadiga das estruturas. O corpo é obrigado a reagir para poder se recuperar. Diante dessa reação, se as estruturas do corpo não puderem se recuperar haverá, então, um aumento de tensão, fazendo com que as estruturas, pela fadiga, se degenerem, desenvolvendo a doença.

As normas e os procedimentos de segurança do trabalho, que podem ser equiparadas a estratégias de defesa adquiridas pela aprendizagem, são utilizadas pelo trabalhador para se prevenir de acidente do trabalho ou de uma doença ocupacional, como o DORT.

As estratégias de defesa adquiridas pela aprendizagem, só podem ser elaboradas e colocadas em prática, se o trabalhador construir representações mentais correspondente à realidade vivida no ambiente de trabalho. Ou seja, as representações mentais devem comportar a imagem, o conceito, o significado, a antevisão da ação a ser implementada e devem ser compatíveis com a realidade das condições de trabalho, caso contrário, não havendo a compatibilidade, as estratégias de defesa se tornariam ineficientes, rapidamente abandonadas ou esquecidas, por força das exigências da organização do trabalho, que são impostas ao trabalhador.

Para que as representações mentais sejam construídas, além de outros fatores, existe a necessidade do trabalhador perceber as estimulações ambientais, que possibilitem a identificação da fonte de risco à sua saúde, e posteriormente, possa elaborar estratégias de defesa adequada ao tipo de risco. Essas estimulações, que o ambiente de trabalho proporciona, revelam-se tanto a nível físico como a nível social.

Quando os estímulos têm origem social eles irão ser analisados, identificados, significados e valorizados através da percepção social, possibilitando a elaboração de representações mentais. A percepção social, como fenômeno humano, faz com que o trabalhador compreenda as normas, as regras de comportamento social, a organização social do trabalho, a cultura organizacional e possa conviver dentro das relações de trabalho.

Podemos dizer que o corpo do trabalhador, que adocece no ambiente de trabalho, é percebido organicamente e, também, é percebido socialmente dentro das organizações. Essa percepção social do corpo faz parte do conjunto de percepções, que funcionam integradamente para construir as representações mentais e, posteriormente, o conhecimento da realidade para nela sobreviver, preservando sua saúde. Esse processo é um processo de aprendizagem que ocorre por necessidade do trabalhador se defender dos riscos a sua saúde existente nos ambientes de trabalho, que promovem o seu adoecimento. Assim, a percepção social do corpo é um dos elementos na elaboração de estratégias de defesa, pois faz parte do conjunto de captadores e avaliadores das estimulações do organismo humano, que revelam a presença dos fatores de risco à saúde, sendo, portanto, um elemento importante no processo de aprendizagem e na elaboração do conhecimento a partir da realidade da situação de trabalho.

A percepção social do corpo, pelo trabalhador, poderia revelar que a sua postura está incorreta, o seu esforço e a repetição de movimentos estariam inadequados para a natureza corporal humana, permitindo, então, reformular suas ações, o seu comportamento e adequar o ambiente de trabalho para desenvolver suas atividades laborais sem adoecer.

Mas, um melhor conhecimento do fenômeno humano da percepção social do corpo poderia, significativamente, contribuir para uma maior eficiência do processo de aprendizagem de estratégias de defesa com a finalidade de capacitar o

trabalhador a se prevenir contra o Distúrbio Osteomuscular Relacionado ao Trabalho - DORT?

Para tentar responder a esse questionamento, supomos que o processo de aprendizagem de estratégias de defesa, como medida preventiva contra o desenvolvimento do DORT, poderia ser mais eficiente. Essa eficiência atual deve ser decorrente de um conhecimento ainda estreito do fenômeno humano da percepção social do corpo. Um melhor conhecimento da percepção social do corpo poderia evitar a possibilidade de surgimento de distorções dessas percepções, que são importantes para a elaboração de estratégias de defesa adequadas. Então, deve existir um conhecimento mais aprofundado sobre o fenômeno humano da percepção social do corpo, que permita uma melhor percepção das estimulações vindas dos fatores de riscos à saúde, existentes no meio ambiente de trabalho, para a elaboração de uma representação mental mais detalhada e mais próxima da realidade, que possibilite a formação de conceitos necessários para a aprendizagem de estratégias de defesa.

Assim colocado, pretendo investigar, através do trabalhador com sintomatologia do DORT, o fenômeno humano da percepção social do corpo e a sua influência na aprendizagem de estratégias de defesa, que é de suma importância para a conscientização do trabalhador em utilizá-la na prevenção do DORT. Especificamente, irei verificar como o trabalhador vê e valoriza o seu próprio corpo a partir da imagem do corpo do outro trabalhador. Observarei como a percepção social do corpo do outro trabalhador serve como parâmetro para assumir a própria postura corporal no ambiente de trabalho. E, também, pretendo compreender como o trabalhador, enquanto sujeito aprendente, elabora estratégias de defesa para se prevenir do adoecimento do seu corpo.

III - METODOLOGIA

A pesquisa, que proporei a desenvolver, é conseqüência do comprometimento com uma realidade de trabalho na área de saúde do trabalhador em que, como Técnico de Segurança do Trabalho, não estava encontrando eficiência nos cursos de treinamento, principalmente naqueles em que o objetivo era transmitir conhecimentos sobre as doenças ocupacionais e, a partir desse conhecimento, o trabalhador poder elaborar estratégias de defesa para preservar a sua saúde.

Para entender o que poderia estar acontecendo, para que houvesse pouco aproveitamento na transmissão de conhecimento nos cursos, foi escolhida uma doença ocupacional - Distúrbio Osteomuscular Relacionado ao Trabalho - para servir de parâmetro e, através dela, entender o processo de ensino-aprendizagem, bem como o que poderia estar interferindo nesse processo.

A metodologia escolhida para a pesquisa tem uma abordagem qualitativa, pois fornece uma compreensão mais profunda e complexa do fenômeno a ser estudado; além de enfatizar as especificidades do fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser.

A metodologia de pesquisa deverá tentar compreender o fenômeno humano em seu momento histórico, permitindo a observação e a reflexão dialética da existência humana no mundo do trabalho como um processo sempre em construção.

Neste tipo de pesquisa qualitativa, os dados significativos, principalmente, serão aqueles coletados das descrições (relatos) dos sujeitos participantes, que se referem aos fatos reais vividos. E serão através dessas descrições da realidade, que surgirá o conhecimento mais elucidativo do fenômeno humano pesquisado.

Esta abordagem deverá elevar o nível de consciência dos sujeitos, que por sua vez poderão promover uma transformação em seu ambiente social de trabalho. Com isso poderemos, também, compartilhar da idéia de que o conhecimento científico é resultante de um processo de construção coletiva.

Não poderia deixar de expor que esse processo de pesquisa, por ser intersubjetivo, permite identificar as tendências do pesquisador decorrentes da experiência individual, da inserção social comprometida e da própria história de vida.

O modelo de pesquisa escolhida foi a que tem a capacidade de permitir a um pesquisador realizar a sua pesquisa e ao mesmo tempo promover mudanças no ambiente de trabalho de modo a não só encontrar explicações dos fenômenos humanos surgidos em uma determinada situação de trabalho, mas também poder promover as mudanças mais adequadas a partir da participação de todos os agentes.

Por isso foi escolhida a Pesquisa-Ação (Barbier, 2002), já que se trata de um tipo de pesquisa com enfoque social com suporte prático e pró-ativo, estabelecendo uma relação próxima entre a conceituação, problematização e a resolução de problemas inerentes a um determinado grupo social. Outras características próprias da Pesquisa-Ação são adequadas ao campo de pesquisa dentro de uma organização, pois permitem uma participação ativa das pessoas pertencentes a um grupo de trabalho, que passam pelos mesmos problemas e necessitam de ações objetivas para resolução de seus problemas, que são coletivos. Assim pois, a Pesquisa-Ação é um modelo de pesquisa que permite uma ação deliberada de transformação da realidade, na medida em que, seus objetivos são os de transformar a realidade e de produzir conhecimentos relativos a essas transformações, da mesma forma como eu faria atuando no ambiente de trabalho como Técnico de Segurança do Trabalho.

A Pesquisa-Ação utilizada em um ambiente organizacional em que as regras são dadas e não construída pelos trabalhadores é diferenciada do modelo de Pesquisa-Ação utilizada em pesquisas sociais onde os participantes são sujeitos de uma determinada comunidade, que possuem autonomia suficiente para em conjunto construírem as suas regras e alterar a realidade de acordo com a necessidade e o desejo da maioria de forma democrática.

O pesquisador ao assumir uma pesquisa tendo como modelo a Pesquisa-Ação obriga-se a percorrer diversos campos do conhecimento. E, como diz Barbier (2002, p. 19), o pesquisador,

Não é nem um agente de uma instituição, nem um ator de uma organização, nem um indivíduo sem atribuição social; ao contrário, ele aceita

eventualmente esses diferentes papéis em certos momentos de sua ação e de sua reflexão. Ele é antes de tudo um sujeito autônomo e, mais ainda, um autor de sua prática e de seu discurso.

Acredito que a escolha desse modelo de pesquisa poderá melhor se adequar às características pessoais do pesquisador, às circunstâncias sócio-históricas em que é realizada a pesquisa dentro de uma organização e ao momento propício da demanda que a exige. Neste sentido as palavras de Barbier (2002, p. 19) vêm de encontro, quando relata que:

A pesquisa-ação é eminentemente pedagógica e política. Ela serve à educação do homem cidadão preocupado em organizar a existência coletiva da cidade. Ela pertence por excelência à categoria da formação, quer dizer, a um processo de criação de formas simbólicas interiorizadas, estimulado pelo sentido do desenvolvimento do potencial humano.

Diante da realidade vivida não creio na possibilidade de haver uma pesquisa sem a participação coletiva. Todo o ato humano dever ser primordialmente social. Creio, também, que o objeto final da Pesquisa-Ação, existencial, como considero, reside em uma mudança de atitude e de comportamento dos sujeitos envolvidos, em relação à realidade vivida no cotidiano do ambiente de trabalho das organizações.

3.1 GRUPO DE ESTUDO DA PESQUISA

Os trabalhadores, que comporão o Grupo de Estudo da pesquisa, tem origem em uma empresa pública de economia mista, cuja atividade principal é prestação de serviços ao município de São Paulo.

O que determinou a escolha do Grupo de Estudo para a pesquisa foram os seguintes requisitos:

- a) O Grupo foi formado por trabalhadores que executavam, basicamente, as mesmas atividades com as mesmas exigências físicas e mentais;
- b) A chefia imediata do grupo deveria participar, para que possa se interar do processo e se envolver com a mudança, que se espera causar;
- c) A chefia mediata deveria dar apoio institucional, garantindo a execução de todo o processo da pesquisa;
- d) Todos os participantes deveriam ter algum tipo de sintoma relacionado ao DORT.

O grupo de trabalhadores que concordou com o desenvolvimento dos trabalhos foi formado por 10 pessoas, sendo 03 homens e 07 mulheres. Um dos homens é o Encarregado, porém, como todos os outros, executava as mesmas tarefas, uma vez que sempre fazia a substituição na falta de alguém ou complementava o quadro quando o volume de trabalho era muito intenso.

3.2 INSTRUMENTOS

3.2.1 Histórico de Vida Profissional

Todos os participantes receberam uma folha sulfite tamanho ofício com o título: "Histórico de Vida Profissional", para que possam relatar, por escrito, fatos que considerassem marcantes, ocorridos desde o início da vida profissional até o momento atual.

Esse material tinha a intenção de captar as expectativas do trabalhador em relação aos ambientes de trabalho nos quais trabalhou, às relações humanas estabelecidas, ao progresso profissional que era desejado e à preocupação que tinha com a sua saúde e a sua qualidade de vida. A intenção, também, é facilitar uma comparação com a vida profissional que tem hoje.

3.2.2 Entrevista

Todos os participantes foram entrevistados. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas.

A entrevista foi semi-estruturada, composta por três perguntas básicas, que são: 1) Fale sobre o seu desenvolvimento corporal, desde o seu nascimento. Houve alguma preocupação, em particular, sobre o seu corpo? 2) Como você vê o corpo dos seus colegas. O que mais lhe chama a atenção? e; 3) Como você acha que os seus colegas de trabalho vêem o seu corpo?

A entrevista teve a finalidade de captar como o trabalhador percebia o seu corpo, qual é a imagem que tem do seu corpo, e, do corpo dos seus colegas.

3.2.3 Registro Fotográfico do Ambiente de Trabalho

O ambiente de trabalho foi fotografado, para que pudesse permitir o congelamento da imagem da postura do trabalhador no seu posto de trabalho, garantindo uma observação minuciosa das angulações realizadas pelo corpo em interação com os equipamentos de trabalho e possibilitando o registro de alguns pontos críticos, que mereceram maior atenção quando da realização da próxima técnica, que envolveu uma vídeo-gravação. Foi esperado, também, que os trabalhadores se familiarizassem com a presença do pesquisador e passassem a expressar um comportamento tão espontâneo quanto aquele que possuíam no dia-a-dia de trabalho.

3.2.4 Autoscoopia

A autoscoopia é uma técnica de coleta de dados, cuja aplicação consiste em realizar uma vídeo-gravação dos trabalhadores e, posteriormente, submetê-los à observação do conteúdo filmado, para que expressem comentários sobre ele. O participante pode, então, observar não só a sua performance individual, mas também o desempenho dos demais colegas do seu grupo, fato que, sem dúvida, poderia influenciar sua idéia a respeito de seu desempenho individual. Nessa técnica, como diz Sadalla (1997, p. 33) em sua tese de mestrado: “o indivíduo, ao se ver no vídeo, pode alterar, reorganizar ou reformular suas ações, atitudes e posturas”. Desta forma, pode compreendê-los melhor e detectar quais as causas e efeitos de seu comportamento. A pessoa pode contemplar-se no vídeo, a partir de infinitos pontos de vista, tomando consciência de si mesma, de sua imagem, do som de sua voz, de sua postura, de seus gestos e de suas atitudes, enfim, pode inclusive perceber como as outras pessoas o vêem.

Acrescento, ainda, que o fato de se ver em ação pode provocar no sujeito possibilidades de mudança de comportamento e atitudes, mesmo que este não seja o objetivo da utilização da técnica da autoscoopia. E é oportuno deixar bem claro que a realidade do vivido é mais importante do que a imagem, mas a técnica pode ser uma ferramenta que auxilia a reflexão sobre a prática vivenciada.

Em relação à utilização da autoscopia no ambiente de trabalho comenta Sadalla (1997, p. 37):

[...] além de registrar a imagem dos corpos e a voz dos indivíduos em atividade, ela permite o retorno de aspectos não observáveis, e também, os desejos e representações psíquicas que o sujeito tem de si e dos outros.

A imagem observada pode articular elementos do mundo real com elementos do mundo imaginário do trabalhador, suas vivências pessoais, suas motivações, atenções e conhecimentos. É, portanto, uma possibilidade de encontro, permitindo uma tomada de consciência na busca de uma melhor compreensão de si mesmo e do grupo a que pertence.

3.2.5 Relato Pessoal dos Problemas de Saúde em Situação de Trabalho

Foi solicitada, a cada um dos participantes, a elaboração de um relato, por escrito, sobre a maneira como vêem os seus problemas de saúde ocupacional e como compreendiam a relação desses problemas de saúde com as condições de trabalho.

IV - DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

A pesquisa se iniciou a partir de uma das etapas da Análise Ergonômica do Trabalho, que eu estava realizando em uma unidade da companhia, na qual trabalho como Técnico de Segurança do Trabalho.

A Análise Ergonômica do Trabalho, prevista para ser realizada segundo a Norma Regulamentadora número 17 - "Ergonomia" - da Equipe Atlas (1998), estava sendo executada em um posto de trabalho chamado de Agente de Vídeo-Digitação. Esse posto de trabalho é ocupado por 10 empregados, que executam as mesmas atividades durante a sua jornada de trabalho. Desses 10 empregados 07 (sete) são mulheres e 03 (três) são homens.

A Análise Ergonômica do Trabalho, que pretendi apresentar em anexo com o título de "Relatório Preliminar de Análise Ergonômica", após o término da pesquisa, é um processo que prevê uma interação entre o Técnico de Segurança do Trabalho e os trabalhadores, de forma participativa, para a resolução de problemas complexos. O problema encontrado no ambiente de trabalho, que estava chamando a atenção tanto da Gerência da área, como do Encarregado da unidade e dos demais empregados, era a presença generalizada dos sintomas do DORT em todos os empregados. Alguns empregados já tinham reconhecido oficialmente a doença ocupacional (DORT) e os demais já estavam apresentando algumas das sintomatologias da doença, porém ainda não registrada oficialmente.

O registro oficial do DORT se dá mediante o estabelecimento do nexo causal entre a sintomatologia da doença ocupacional apresentada pelo empregado e as condições inadequadas de trabalho em que é submetido e sob as quais executa as suas atividades normais de trabalho, segundo os critérios do Ministério da Previdência e Assistência Social (1998). Para, tecnicamente, estabelecer esse nexo causal é que eu me encaminhei à área para realizar a Análise Ergonômica do Trabalho. Essa análise prevê várias etapas e uma delas me chamou mais a atenção, que é verificação de alguns fatores existentes nas condições de trabalho provocadores da sintomatologia do DORT, como: a postura inadequada, o esforço físico exercido e a repetitividade dos movimentos.

Durante o desenvolvimento da Análise Ergonômica do Trabalho, percebi que os fatores que mais contribuem para o aparecimento da sintomatologia do DORT estão ligados à questão do corpo, especificamente. Porém, o corpo que eu percebia ao observar os corpos dos empregados em relação com as condições ambientais de trabalho tinha uma divergência das percepções reveladas pelos próprios trabalhadores a respeito do corpo. Essa divergência dificultava o meu entendimento do que realmente estava acontecendo no ambiente de trabalho ao mesmo tempo em que eu achava que não estava sendo bem compreendido. Surgiu-me, então, a idéia de estar ocorrendo um problema de aprendizagem, pois eu precisava aprender sobre como estava se dando a relação dos corpos dos empregados com o ambiente de trabalho para melhor definir as estratégias de defesa contra a doença a serem tomadas, como também, os trabalhadores da área precisavam aprender sobre as causas da doença, evitando-as; e aprender sobre as estratégias de defesas a serem tomadas contra a doença, prevenindo-se.

Quando, então, levantei a hipótese de que o fenômeno humano da percepção social do corpo, poderia ser melhor conhecido e, com isso, contribuir para melhor condução do processo de ensino-aprendizagem de estratégias de defesa para a prevenção do DORT, requisitei a permissão do Superintendente de Recursos Humanos e da Gerência da área, a ser estudada, para realizar a pesquisa. Após conseguir essas permissões entrei em contato com todos os 10 (dez) trabalhadores da área, obtendo a colaboração de todos para prosseguir nesse projeto de pesquisa.

Após mais dois contatos com a Gerência e o Encarregado responsável pelos empregados, estabelecemos algumas regras organizacionais para a realização dos trabalhos, tais como; subdividir o grupo para não paralisar ou prejudicar as atividades operacionais, programar com antecedência as ações de pesquisa e, principalmente, não realizar qualquer passo sem antes comunicar ao Encarregado da área. Então, pudemos começar a pesquisa.

O primeiro momento do desenvolvimento da pesquisa foi a entrega a todos os participantes, de um pequeno texto com o título de Histórico de Vida Profissional que orientava na elaboração de um relato de fatos marcantes na vida de trabalho. Fatos esses que poderiam estar ligados a situações de trabalho promotoras de doenças ocupacionais, bem como relacionados às atividades atuais, ou seja, também propícias à doença.

O texto Histórico de Vida Profissional foi entregue em 21/10/2006 e resgatado em 03/11/2006 e tinha a seguinte orientação:

Descreva, a partir dos fatos mais importantes de sua vida escolar, a sua evolução para a vida profissional, considerando suas expectativas anteriores e as atuais. Construa o percurso das atividades desenvolvidas nos diversos locais de trabalho pelos quais passou (fora e dentro da companhia). São importantes os fatos marcantes, que por certo ocorreram no transcurso da vida profissional. Os fatos carregados de sentimentos sejam eles positivos ou negativos, permitirão uma melhor avaliação da experiência vivida e dará uma substância mais consistente para revelar situações preocupantes no ambiente de trabalho.

Enquanto este material estava sendo elaborado comecei, com o consentimento de todos, a tirar fotos do ambiente de trabalho como um todo e procurando dar evidências nas fotos da relação corpo-ambiente, corpo-equipamento, corpo-mobiliário. Com isso, também consegui com que os participantes fossem se acostumando, ainda mais com a minha presença, e se descontraíndo mais, para que o próximo passo que seria a filmagem pudesse obter maior espontaneidade no desenvolvimento das atividades, e assim captasse imagens mais reais do dia-a-dia de trabalho.

As fotos foram tiradas em 29/10/2006 no período em que se encontrava o maior número de participantes e durou aproximadamente 50 minutos, incluindo tomada de posição, troca de idéias sobre atividades e movimentos realizados. A descontração foi a tônica desta atividade, que procurou promover uma maior interação. Nesse mesmo dia foi programado um período em que a filmagem seria feita. Como a filmagem não deveria interferir no andamento dos trabalhos ficou a meu encargo estabelecer, assim que o equipamento para filmagem estivesse disponível, nos dias e os horários da filmagem.

A filmagem foi realizada no período normal de trabalho nos dias 07/11/2006 e 08/11/2006. No primeiro dia filmei, por 30 minutos, no período da manhã com a presença de 06 participantes da pesquisa, sendo que procurei filmar num período maior um dos participantes, que explicou detalhadamente as suas atividades em seqüência e com maior riqueza de detalhes. No segundo dia procurei filmar no período da tarde no momento em que estavam 09 participantes, tentando captar a dinâmica do serviço e dando uma ampla visão do ambiente. Nessa segunda filmagem adaptei a filmadora para registrar 60 minutos de gravação.

Logo após as duas sessões de filmagem, recebi o comunicado que haveria a possibilidade de na semana seguinte já podermos realizar as entrevistas individuais. E sabendo, antecipadamente, que era uma chance ótima, pois o trabalho desenvolvido nem sempre dava esta oportunidade em vista do seu volume e tempo limitado, agendei, imediatamente, o local para as entrevistas.

Foi negociado com o Encarregado da área os dias das entrevistas, o horário e o tempo de duração. As entrevistas foram realizadas em dois dias no período da manhã, especificamente, nos dias 12/11/2006 e 13/11/2006. A primeira turma de entrevistados foi composta por 05 participantes e a segunda turma por 05 participantes. Cada entrevista foi gravada com o consentimento do participante e seguiu um roteiro básico com as seguintes questões: "Fale sobre o seu desenvolvimento corporal. Houve alguma preocupação em particular sobre o seu corpo?"; "Como você vê os corpos dos seus colegas? O que mais lhe chama a atenção?"; e "Como você em particular, claro, acha que os seus colegas de trabalho vêem o seu corpo? O que você acha que eles pensam?"

Nas entrevistas tentei explorar uma visão, que é comum ao trabalhador, uma visão normal de todos os dias, mas que não é colocada em discussão. Em vista deste fato é que persisti no enfoque, para que os entrevistados pudessem se familiarizar com expressões, tais como; postura corporal, movimento do corpo, força exercida e dimensões do corpo no espaço físico; e também pudessem resgatar imagens das situações vividas no ambiente de trabalho. Para que pudesse fazer algum tipo de relação entre o que estávamos pesquisando sobre a percepção social do corpo e as experiências que tinham nas atividades em grupo.

Como havíamos previsto, uma série de circunstâncias ocorreram em termos de intensidade de trabalho e em termos de paradas, pois já avançávamos para o final do ano, quando as festas interrompiam a seqüência normal de trabalho. Com isso só pudemos retomar em janeiro de 2007, quando programamos três sessões de exibição da filmagem, que foram realizadas todas no dia 29/01/2007, pois só foi possível ausentar do local de trabalho grupos de três participantes por vez. A exibição da filmagem faz parte da técnica da autoscopia e foi previsto, no momento da exibição, primeiro; a gravação de comentários espontâneos do grupo que assistia, e em um segundo momento; a elaboração de um pequeno texto, para que os participantes descrevessem com mais detalhes o que observaram na filmagem.

Em relação à gravação, os comentários durante a exibição do filme, ela foi realizada em grupo de três participantes, e, portanto, na transcrição, não há identificação dos autores das falas.

Os comentários individuais enriqueceram ainda mais os comentários feitos em grupo durante a filmagem, pois os participantes se empenharam em tecer os seus comentários no mesmo dia após a exibição do filme, preservando na memória imediata as imagens e re-significando os comentários anteriormente feitos. Podemos observar nos relatos uma complementação significativa dos dados já obtidos.

Como último momento do levantamento de dados, solicitei a todos os participantes para que escrevessem um texto intitulado "Relato Pessoal dos Problemas de Saúde em Situação de Trabalho" com a seguinte orientação:

Conte, com a maior riqueza de detalhe possível, a visão que tem do desenvolvimento de seu problema de saúde ocupacional, que, no seu entender, possa ter origem no ambiente e nas condições de trabalho, seja por causa do mobiliário, dos equipamentos, do volume de trabalho, da organização do trabalho, da intensidade de trabalho, das relações interpessoais com colegas ou chefia, entre outros.

Esse relato teve a intenção de aproveitar esse momento, para que cada participante refletisse sobre o seu estado de saúde ocupacional, conscientizasse da sua situação de trabalho e pudesse promover uma reavaliação de sua realidade esperando contribuir para a abertura de uma perspectiva de mudança. Em decorrência das diversas exigências organizacionais do momento o prazo de entrega foi prorrogado e todos os textos foram recolhidos em março de 2007.

Todo o processo de levantamento de dados teve por objetivo trazer à consciência dos participantes as lembranças da trajetória de vida, incluindo o desenvolvimento profissional, promovendo uma aproximação entre os acontecimentos do passado e os do presente. Essa aproximação visa a observação da evolução histórica dos fatos ou fenômenos ocorridos na vida de cada um. De certa forma a entrevista complementa essas informações na medida em que o entrevistado busca em diversos momentos da vida a experiência necessária para entender os acontecimentos, que se passam no presente.

Com o realce do momento presente ocorre a presentificação do passado estabelecendo-se alguns nexos reforçados pela técnica da autoscopia, quando o trabalhador ao se ver e ao ver o outro, reavalia seus conceitos, reformula as

imagens que tinha de si mesmo e do outro. Confronta o imaginado com a imagem da realidade filmada, permitindo, assim, causar uma mudança no seu ponto de vista. Tanto os comentários durante a exibição do filme como o relato feito em seguida tendem a despertar um estado de surpresa, uma crítica e o despertar de observações de aspectos até então não percebidos, ou seja, deve promover uma ampliação do campo da realidade vivida até o momento.

Como os participantes se expressaram de formas diferentes durante todo o processo, estabeleci critérios para selecionar alguns dos participantes para efeito de análise de dados. Os critérios adotados são: a) apresentar sintomas de DORT; b) preocupação com o corpo; c) estabelecer relação entre as condições de trabalho e a doença; d) fluidez na verbalização; e, e) participação em todas as etapas da pesquisa.

De forma a garantir a privacidade dos participantes será identificado cada um deles com nomes fictícios, que serão: Diana, Helena, Gisele, Berenice, Fátima, Clarice, Alice, Ronaldo, Silas e Jonas.

Todo o material coletado para análise vem da vivência de cada participante da pesquisa, de uma realidade que será conhecida sob outro enfoque além daquele do senso comum, e, que possibilite a construção de um novo conhecimento.

4.1 ANÁLISE DE DADOS DA PESQUISA

De acordo com os critérios estabelecidos, passo a analisar a produção dos seguintes participantes da pesquisa, a saber: Helena, Clarice e Alice.

O discurso revelado, a narrativa ou o material produzido de cada participante da pesquisa estará sendo analisado através da abordagem proposta pela fundamentação teórica e sob a perspectiva do fenômeno humano da percepção social do corpo.

O conteúdo a ser analisado, de cada participante, foi extraído do Histórico de Vida Profissional, da Entrevista, da Autoscopia e do Relato Pessoal dos Problemas de Saúde em Situação de Trabalho.

4.1.1 Discurso de Helena

4.1.1.1 Histórico de Vida Profissional

Helena inicia a sua vida profissional muito cedo e em determinado momento do seu discurso descreve as suas atividades, que faz com que imaginemos o seu corpo em ação. Mas, as atividades distintas requerem múltiplos movimentos do seu corpo e revelam um corpo dividido entre vários grupos de movimentos e de posturas assumidas. Com isso, não se pode ver o sujeito por inteiro, dono de todas as ações, interagindo com um meio físico e com um meio social.

Helena - "17/19 anos: O cargo era de auxiliar de escritório e tinha como atividades principais: emissão de notas fiscais de venda ao consumidor (pequena) e empresa (grande) e duplicatas; cotação de preço, receber e passar FAX; serviços de cartório em geral; serviços bancários inclusive pagamento de funcionários. Neste período alguns antigos funcionários em sociedade abriram sua própria empresa e me convidou para trabalhar com eles, houve mudança de emprego, mas desempenhei a mesma função".

Em meio às diversas atividades que desenvolvia e nas quais era absorvida, parece que Helena deixava transparecer algumas capacidades que a identificava, que eram reconhecidas pelo grupo de trabalho ao qual pertencia. Porém, surge a Helena como pessoa valorizada e reconhecida, não só como corpo que trabalha bem, quando é convidada a ir trabalhar com os antigos funcionários. Deixa de ser um corpo que se expressa em partes, durante diversas atividades, passando a ser um corpo por inteiro, uma pessoa desejada para fazer parte de um grupo e que acaba aprendendo mais com ele, tendo acesso a outro nível de conhecimento. Como diz Rego (1998) através dos conceitos de Vygotsky:

[...] a distância entre aquilo que o sujeito é capaz de fazer de forma autônoma e aquilo que ele realiza em colaboração com os outros elementos de seu grupo social caracteriza a zona de desenvolvimento proximal. (p. 73)

Referindo-se ao processo de aquisição de conhecimento e à aprendizagem humana, processo que ocorre por etapas e que pode ocorrer a todo momento, pois o grupo social é um mediador.

4.1.1.2 Entrevista

Em sua entrevista Helena revela que a preocupação com o próprio corpo passa por uma relação com os materiais que utiliza no ambiente de trabalho, e nessa relação vê a necessidade de fazer adaptações, identifica o que precisa e, então, age.

Helena - "As cadeiras para mim, como eu sou pequenininha a cadeira não é adequada. Então, eu sento, se eu levanto a cadeira para poder apoiar para o teclado é porque eu faço com ela balançando. Se eu abaixo a cadeira para eu apoiar as pernas eu fico com as mãos para cima, entendeu? Então, quanto a mim, eu tive sim, uma preocupação de arrumar umas caixas para colocar embaixo da mesa para poder apoiar o pé. Eu sempre tento ficar na posição reta. Eu já cheguei a sair daí com dor nas costas".

As dimensões do corpo também são avaliadas numa relação com os objetos (equipamentos e máquinas) utilizados nas atividades. Se o corpo fica mais distante ou mais próximo, ele é menor ou maior. Quando ele for menor haverá a necessidade de acessórios para compensar a diferença, como é o caso do apoio de pé.

Ver os corpos dos colegas traz, por vezes, uma dificuldade em conceituar, expressar o que se está vendo diariamente no ambiente de trabalho, pois não há um elemento de comparação para se referir se uma postura é normal ou não.

Helena - "Eu vejo todo mundo meio torto, né! Porque é um que tem dor aqui. Todo mundo muito mal acomodado. Não está claro isso: - mal acomodado, né!"

Então, surge uma alternativa para se referir sobre o corpo do outro, e é, justamente, falando sobre o seu próprio corpo em relação ao mobiliário, que passa a servir de mediador para observar o corpo do outro.

Helena - "Não, não. O Jonas mesmo. Eu vejo o pessoal muito mal acomodado, porque cada um tem um, tem uma estatura diferente. Eu sou pequena, mas tem funcionários lá que são enormes. Dá o dobro do meu tamanho. E a gente trabalha no mesmo lugar, fica na mesma mesa, na mesma cadeira. Com o mesmo equipamento. E sem ter como ajustar. Então fica eu que sou pequenininha com dificuldade e aquele que é grandão demais também tem. Então, acaba todo mundo ficando meio torto. Um senta mais torto assim, outro fica mais retinho, você entendeu? Outros já dão uma caidinha para o lado, ninguém fica direito".

Tentar olhar para si mesma através do olhar do outro resgata, novamente, a imagem que tem de si mesma. Sua autoconsciência, não só é formada pela imagem do corpo, mas também, pelas ações que exerce e as relações sociais que estabelece. Como diz Figueiredo (2000, p. 176) a consciência:

[...] é mediadora entre o sujeito e o mundo, não se coloca a solução introspeccionista, mas a captação da intencionalidade a partir de suas

manifestações corporais e comportamentais e também das suas obras e criações espirituais.

Enfim, as relações sociais permitem uma leitura de nós mesmos, corresponderem ou não à realidade passa a ser outra questão.

Helena - "Bem... eu vou entrar de novo na questão que eu sou baixinha. Então isso é uma coisa que é concreta, lá. Eles acham que eu sou pequenininha. Até pelo meu nome que eu tenho no departamento, lá, que é azinha, meu apelido, lá. Então eu sou a pequenininha, a micro. Ah!, sempre a pequenininha, né."

A visão de si mesma não se restringe às características pessoais imutáveis, mas está fortemente ligado às relações sociais estabelecidas. Os trabalhos em grupo passam da dependência das condições físicas de trabalho (quem manipula o quê?) para as relações interpessoais (quem interage com quem?).

Helena - "Uma vez já se comentou que eu tenho rapidez nos teclados. Por exemplo, para trabalho com uma pessoa tipo a Diana ou a Berenice. A gente faz filme "a dar com pau". É muito rápido trabalhar com elas. Agora, se é outro funcionário mais devagar como Ronaldo ou Jonas a gente já vai a 20 por hora. Você senta com a Diana ou com a Berenice, se for possível a gente faz 6, 7, 10 filmes dependendo, se for possível, porque a média que eles pedem é de 4 filmes por hora".

Na tentativa de se auto-definir em termos de postura, dimensão, rapidez, enfim, movimento do corpo, Helena se prende a uma comparação inevitável com o outro. Quando falta o esquema de comparação há um sentido de término, não havendo mais ao que se referir nem mesmo a outros aspectos do seu organismo.

Nesse movimento de concepção entre organismo e corpo deve estar havendo níveis diferentes de consciência do sujeito, pois a mesma informação sensorial pode estar tendo interpretações diferentes.

Helena - "Bom, vou falar de mim. Em termos de postura eu acho que está beleza. Já a dimensão, eu sou pequena demais. Força tem um pouquinho, lá, mas é um pouquinho. Movimento eu sou super rápida. Acabou, né?! Tem mais um?"

Ao encerrar a sua fala Helena coloca a existência de um espaço a ser preenchido, uma vez que, existe mais a ser dito para completar um discurso incompleto da realidade vivida.

Helena - "Não tem direito à reclamação?"

Essa pergunta embute em si uma resposta, pois deve haver direito à reclamação. Uma parte do discurso que não pode ser dita, porém deveria. Essa falta, esse vazio que aparece na consciência surge na tentativa de revelar a oposição de algo que está aí, num esforço de protesto para sair da alienação,

possivelmente reforçado por um modo pouco crítico de outras pessoas verem a realidade até o momento. Como diria Motta (2000, p. 51):

[...] por razões econômicas, política, ideológica e psicológica instaura-se um processo de submissão que é sempre reforçado e que se caracteriza pela perda da finalidade, sentido e crítica, pela despersonalização das relações entre os indivíduos.

4.1.1.3 Autoscopia

A técnica da autoscopia possibilitou a Helena confrontar as imagens que tinha de si mesma, construída através da sua experiência, umas de forma mais conscientes que outras, mas que puderam ser reavaliadas.

Helena - "Na filmagem fica claro o modo como trabalhamos, porque no ambiente de trabalho muitas coisas passam despercebidas como: Movimento dos olhos – ao me observar digitando nunca percebi o quanto abrimos e fechamos os olhos para mudar o lado que temos que olhar move para direita e esquerda; Movimento das mãos – a Diana e a Alice trabalham com o apoio (análise) e mesmo assim as mãos ficam suspensas, os dedos não param de mexer nos controles (zoom, clarear imagem, mouse); a Berenice na hora que digita fica com os cotovelos suspensos embora o punho esteja correta".

Ver a si mesma e os colegas de trabalho se movimentando em função dos equipamentos e se posicionando em relação ao mobiliário faz com que Helena exerça uma avaliação sobre o que vê e conclui, guiada pela emoção, que as imagens lhe causam, como uma fatalidade, sem alternativas para mudar.

Helena - "Após verificar que trabalhamos como robôs fiquei mal, porque percebi o quanto estou me esforçando por nada, ou melhor, para adoecer mais rapidamente e constantemente".

Essa visão do corpo como uma máquina tem um fundo orgânico, como diz Pain (2001, p. 53):

[...] além da programação inata, o organismo é capaz de registrar as coordenações sensório-motoras adquiridas de modo que sejam utilizadas pelo sujeito de uma maneira automática.

O corpo visto como um robô é, claramente, observável e comparativamente concebido dentro das disciplinas burocráticas, regulares e repetitivas, dentro das organizações onde as atividades são mecânicas e pouco flexíveis.

4.1.1.4 Relato Pessoal dos Problemas de Saúde em Situação de Trabalho

Helena ao se referir que está se esforçando para se manter saudável, porém de forma inútil, ou seja, diante de sua visão mais completa da situação, observa sua posição limitada pelas circunstâncias em que se insere. Esse olhar novo é percebido pelo contraste. Anterior a esse novo momento parece que Helena era absorvida pela situação, não se notando integralmente e só vindo a conscientizar-se do que se passava em seu corpo quando a doença se instalou, como revela em seu histórico de adoecimento.

Helena - "Eu percebi que havia algo de errado comigo quando um dia vim trabalhar e não conseguia fechar a mão para pegar na caneta, nesta época nós escrevíamos enquanto analisávamos, este foi o primeiro sintoma, passou, no dia seguinte eu estava melhor, mas algum tempo depois voltou e assim continuou até eu procurar um médico".

A identificação da doença em seu corpo não é só confirmada pela dor, mas também pela fala dos colegas de trabalho e pelo tratamento que recebia dos médicos. A forma cuidadosa com que o grupo de trabalho tinha com Helena contrasta com a forma de tratamento que ela recebia dos médicos. Tanto a forma de trabalhar, a forma de se relacionar com os colegas e a forma de ser recepcionada pelos médicos correspondiam às formas diferentes de observar o seu corpo adoentado.

Helena - "Nos vários médicos (alopatas) era sempre a mesma coisa: engessa o punho e antebraço, fisioterapia quente para depois vir trabalhar no gelado (ar condicionado), alguns nem se quer me olhavam e já diziam: - é tendinite, tome esse antiinflamatório, vamos engessar e depois fisioterapia. A receita está aqui, tchau. Quando isso acontecia, eu nem fazia o tratamento, porque não sou animal e o veterinário parece ser mais atencioso com seus pacientes que nem falam do que esse tipo de médico".

Várias fontes de informações, que são intensamente percebidas, surgem a respeito dos acontecimentos (sintomas da doença), que ocorrem em seu corpo. Afetam ainda mais seu o corpo, pela insegurança de um tratamento incorreto, como também a sua parte psicológica pelo conflito armado. Krech e Crutchfield (1976, p. 234) falam, especificamente, das propriedades do corpo como objeto de percepção na relação com o ambiente, pois "percebemos a ação de nossos corpos em outras coisas, ou como capazes de realizá-las. Percebemos a "causalidade", na maneira pela qual o corpo interage com o ambiente".

A situação aponta para um responsável, mas quem?

Helena - "Aí veio a fase do "deve ser coisa da minha cabeça", já que o meu gerente e o encarregado falavam que nós trabalhávamos revezando e o serviço não era tanto assim (só que nós trabalhávamos sábados e domingos para tirar o acúmulo)".

O não entendimento do que se passa no corpo e o não entendimento da origem do conflito psicológico causa dúvidas na solução do problema. O componente social pode apontar para a própria deficiência em superar as dificuldades normais nos ambientes de trabalho, mas pode estar, também, deslocando a incompetência da organização em oferecer um ambiente adequado para o trabalhador. Helena apreende a situação e busca solução, desvinculando-se, com muito esforço, da conduta culturalmente traçada para culpar o mais fraco na relação de trabalho.

Helena - "Passei a fazer tratamento com psicóloga e ela me indicou o homeopata, eu fiz este tratamento até nov./2001, quando a médica parou de atender adultos, junto com a alopatia eu vi resultados".

Ao procurar uma solução para o seu estado doentio Helena se depara com uma estratégia para se defender dos fatores, que dão força ao desenvolvimento da doença, através de uma ação conjunta com seus colegas de trabalho. Sobre isso revela Dejours (1994, p. 127), que: "a descoberta empírica mais surpreendente foi a das estratégias defensivas construídas, organizadas e gerenciadas coletivamente".

Helena - "Meus colegas de trabalho sempre me ajudaram, após o diagnóstico foi que eu passei a revezar com quem quisesse e ninguém fez cara feia, até porque quem tem sabe como é, nos dias que estou bem analiso, nos dias que estou não muito bem faço outro serviço".

Dejours (1994, p. 139) não só direciona seu pensamento para essa questão da elaboração de estratégias, como esclarece as finalidades delas, falando que as "estratégias coletivas de defesa visam, precisamente, eufemizar a percepção que os trabalhadores têm do risco, com vistas a atenuar seu medo e seu sofrimento". Essa afirmação nos leva a pensar que uma distorção na percepção social do corpo teria por finalidade, também, aliviar o sofrimento, o que não deixaria de ser uma contribuição para o processo de aprendizagem dessas estratégias coletivas de defesa.

4.1.2 Discurso de Clarice

4.1.2.1 *Histórico de Vida Profissional*

Em seu histórico de vida profissional Clarice se refere ao seu desenvolvimento corporal intimamente ligado às atividades esportivas, como se o corpo fosse revelado através dessas atividades.

Clarice - "Desde a minha infância gosto de praticar jogos esportivos, como o voleybol e o frescobol, ambos na praia; com isso estava sempre me movimentando".

As atividades esportivas, que para Clarice parecem dar prazer, são realizadas sob a orientação de algumas regras determinadas para um grupo. Da mesma forma as atividades de trabalho possuem regras, horários, ações disciplinares, que logo cedo precisam ser aprendidas, pois o seu entendimento é garantia de permanência nele como trabalhadora.

Clarice - "Comecei a trabalhar aos 13 anos como telefonista numa imobiliária. Estudava das 7:20 às 11:20h e trabalhava das 13:00 às 18:00h de 2ª às 6ª feiras e aos sábados das 8:00 ao meio-dia".

O mundo do trabalho extrai da vida plena do sujeito aquela característica humana, que traz prazer a suas ações. No mundo do trabalho o corpo de Clarice não é mais visto em movimento nas atividades esportivas, mas é conceituado e resignificado a partir das atividades, tarefas e funções que exerce num período de tempo bem delimitado.

Clarice - "Em 1989, comecei a trabalhar como Auxiliar de Escritório em uma firma de materiais Elétricos aonde atendia telefonemas, recebia pagamentos no caixa, datilografava num telex muito antigo, recebia e enviava fax. Em 02/90 comecei em um outro emprego de Auxiliar de escritório aonde fazia toda a rotina de escritório. Saí de lá em agosto de 1990".

O caminho profissional conduz o trabalhador desempenhar, em cada local de trabalho pelo qual passa, um grupo de atividades semelhantes onde os movimentos, as posturas, os tipos de organização do trabalho são muito semelhantes. As relações sociais passam a ter um peso significativo na formação das condutas na situação de trabalho profissional, bem como nas atitudes ao encarar a vida e de contribuir para a sua melhoria. Nesse sentido, o trabalhador como agente de mudança, segundo Rego (1998, p. 49), Vygotsky entende que, "o ser humano não

só é produto do seu contexto social, mas também um agente ativo na criação deste contexto".

Clarice - "Me dediquei de 1994 a 1996 aos estudos na faculdade e a ajudar a minha mãe na delegacia aonde ela trabalhava como escrivã de polícia e aonde eu datilografa planilhas e digitava inquéritos além de colocar em ordem o seu arquivo".

Em determinado momento do seu desenvolvimento profissional Clarice encara a questão da doença que adquiriu, passa a reconhecer em si e nos outros essa doença, relaciona a doença com a situação de trabalho, lida com suas limitações, mas ainda parece não ter encontrado um caminho para solucionar o problema situacional da doença.

Clarice - "Como podem ver todo o setor tem algum tipo de LER ou DORT. Eu fui operada em Out/01 do túnel do carpo e como prossigo fazendo o mesmo serviço de nada adiantou. Fiz fisioterapia e no momento faço Acupuntura e RPG que amenizam o problema mais não o resolvem. Tenho dores nos braços, no pescoço e na coluna e dificuldade em carregar algum peso e em alguns momentos derrubo qualquer objeto que tenho nas mãos".

Com essa declaração Clarice demonstra ter consciência de suas dificuldades e procura aprender a lidar com essas dificuldades. Ao mesmo tempo, estabelece novas relações em sua vida, pois o trabalho, o tratamento, e todas as demais atividades da vida precisam estar funcionando, para que o sofrimento diminua e novas possibilidades de atuação possam surgir.

4.1.2.2 Entrevista

Clarice, durante a entrevista ao falar sobre o seu desenvolvimento corporal e suas preocupações com ele, resgata a sua condição orgânica geneticamente determinada e alimenta o seu discurso a partir dessa base. Ela mostra a sua relação consigo mesma como prazerosa o que parece favorecer a aprendizagem sobre si mesma de modo a viver com conflitos administráveis.

Clarice - "Desde pequena que sou uma menina obesa, nunca fui magra, mas tirando a infância, os xingamentos, nunca me importei com isso, porque eu nunca fui parada... Eu sempre fui muito vaidosa. Apesar de ser gorda eu me cuidava, eu me arrumava, eu me maquiava. E nunca me afetou. Sempre trabalhei, sempre namorei, nunca me afetou a parte gorda. A minha saúde sempre foi ótima. Tudo que você pode imaginar que afete um obeso, eu nunca tive. Eu pesava, naquela época, 168 quilos só que não parecia. Muitos me davam 120 quilos por eu ser muito agitada. Então, eu não aparentava o que eu tinha. E aqui mesmo trabalhando agitava, andava, carregava, quer dizer, nunca me atrapalhou".

A visão ontogênica nos mostra a evolução da nossa formação através do desenvolvimento não só orgânico, mas também psicológico, emocional, o que nos revela como um sujeito com uma história a ser contada, substanciando o que somos, hoje. Isso representaria a aprendizagem sobre nós mesmos em todos os aspectos humanos que temos. Fonseca (1998, p. 260) ao percorrer esse caminho da evolução do homem, diz que:

[...] a forma de expressão emotiva é o elemento da formulação da consciência, que, embora confusa e global, vai iniciando a estruturação das significações. No mundo das emoções que mais tarde se originará o mundo da representação, através das atitudes e simulacros postos em jogo pelo movimento.

Clarice demonstra que a sua constituição física cria uma imagem corporal ativa, trabalhadora, capaz de corresponder às expectativas da organização que a contratou.

Clarice - "Isso nunca me atrapalhou no serviço, porque eu sempre fui uma das garotas que mais agitava, a ir mais rápido. Eu tenho uma vasta experiência em digitação. Então, o fato de eu ser gorda, nunca me atrapalhou".

A visão de si mesma é complementada pelas relações sociais, que são estabelecidas em todas as situações em que participa, seja na vida profissional como na vida particular. Se a imagem do corpo formada em parte pela aceitação da condição biológica que possui, essa imagem também é formada nos contatos com outras pessoas, quando esse processo de formação de imagem também ocorre. Os conflitos estabelecidos em situação de trabalho despertam emoções dos mais diversos tipos, orientando o corpo a encontrar soluções, dentro da própria organização burocrática, ou seja, o corpo aprende a assumir uma postura. Nessa linha de pensamento diz Motta (2000, p. 53) que "na burocracia educacional desenvolve-se um trabalho contínuo e sutil de conservação da estrutura de poder e da desigualdade social existente".

Clarice - "Fiquei nervosa, pedi para sair. Não agüentava mais. Tinha atritos com o próprio gerente, acabava brigando com ele. Ele berrava com a gente, gritava e a gente não podia responder, precisava do emprego. Então, eu ia para casa chorando, aos prantos. Foi quando começou a me doer. Doer os braços e a coluna. Começou pela coluna. Eu tinha dores horrorosas na coluna, que me travava. Na época eu digitava, eu analisava... trabalhava de sábado. Tinha prazo para entregar. A gente não respirava, nem levantava para ir ao banheiro. Então, a gente começou a reclamar".

Ao ter que dar respostas ao trabalho, em forma de produção, Clarice deixa de lado outras necessidades do seu corpo, de sua mente e de sua vida. Para Dejours

esses fatores psicodinâmicos precisam, necessariamente, serem levados em conta, quando da análise da fala do trabalhador. Então, Dejours (1994, p. 24) acrescenta que

[...] ele (o trabalhador) possui uma história pessoal que se concretiza por uma certa qualidade de suas aspirações, de seus desejos, de suas motivações, de suas necessidades psicológicas, que integram sua história passada.

As emoções despertadas parecem ser sinais de algo que está acontecendo, por vezes identificamos, em outras oportunidades não conseguimos. Mas essas emoções são motivos para procurarmos soluções para os problemas que surgem. Clarice procura uma solução para o que senti, não só no corpo, mas para a situação em que vive. Primeiro, através da ajuda médica descobre a doença.

Clarice – “E se descobriu que eu tinha Síndrome do Túnel do Carpo e decidi operar”.

A decisão de Clarice não foi isolada. Como se expressa houve a participação de outros agentes para ajudá-la nesse enfrentamento, que iria ter com a operação. Em seguida tenta descobrir na situação de trabalho o que poderia estar contribuindo para o seu problema.

Clarice - "Não completou os 4 meses eu voltei a trabalhar no mesmo ritmo. Era a mesma pressão, fazia a mesma coisa digitando, analisando filmes. Todo o serviço do meu setor é feito com as mãos. Você digita, analisa filme, enrola filme. Tudo é feito manualmente. Não tem jeito. É um setor que só trabalha com as mãos".

Na tentativa de achar a solução realiza exercícios mentais relacionando fatos vividos e condições do próprio corpo.

Clarice - "Então, você fica mais arcada em cima do equipamento. A coluna, você fica arcada em cima da mesa por causa de que o equipamento não chega até você, você tem que chegar até o equipamento. A cadeira não chega até o meio da coluna. O equipamento não chega até você. Você tem que arcar até o computador para você poder digitar. Tudo isso atrapalha a gente".

Observando a relação que Clarice fez do seu corpo com as coisas ao seu redor, com os equipamentos de trabalho, e, os conflitos causados pelos relacionamentos interpessoais há uma interferência, significativa, no estado emocional e de tensão de seu corpo.

Clarice - "É isso Alcides, a gente teve um problema, a gente teve um controlador na época, que a gente brigava direto. Era um clima cheio de tensão. A gente chegava triste para trabalhar. Chegou uma época de berrar, gritar com ele porque ele achava que virou gerente na época... A gente vivia tensa".

A tensão experienciada no relacionamento pessoal está ligada a posição - superior e subordinado - que, se não equacionado adequadamente, pode aumentar a tensão. Embora a tensão no trabalho sempre exista, Clarice demonstra que pode ser diferente, ao fazer uma comparação com outro estilo de chefia pela qual passou.

Clarice - "Não, do anterior. O anterior ao Silas. O Silas é amigo nosso. Nós temos muita amizade, de bagunça, fazer viagens. Às vezes a gente foge do chefe, mas acaba, a gente resolve, com o outro não, dava muito problema. Era muita pressão. Então tinha tensão. Parte era emocional, familiar, desespero, todo mundo tinha problema".

Mesmo para Dejours (1994, p. 127) essas relações nos ambientes sociais fazem parte da organização do trabalho e, mesmo elas, caso tragam prejuízos a vida mental dos trabalhadores, são passíveis de elaboração de estratégias coletivas de defesa, pois "o conflito entre organização do trabalho e funcionamento psíquico pode ser reconhecido como fonte de sofrimento, ao mesmo tempo como chave de sua possibilidade de análise".

Ao se referir aos corpos dos seus colegas de trabalho, Clarice começa falando de características semelhantes a suas. Refere-se ao problema corporal que possui, ou seja, a doença ocupacional, que identifica, nos outros corpos, com os quais convive no ambiente de trabalho.

Clarice - "Muita gente, um tem problema de tendinite, bursite outro tem emocional, cada um tem seus problemas de depressão, esses e outros problemas. Você sabe que acaba afetando o ambiente. Cria assim um coro. Ah! Eu não gosto de fazer isso. Eu acho assim... como a gente é uma equipe cada um tem que ter a sua contribuição. Se eu procurasse por prevalecer que eu tenho tendinite, bursite, seja o que for, e não faz o serviço, alguém vai ter que fazer. Então, lá no setor tem isso. Sobre o corpo em si, a postura, é difícil ver".

Clarice traça uma linha de ação conjunta. Embora possa estabelecer um comportamento comum de trabalho que alivie a carga sobre os corpos adoentados, ela não consegue reconhecer os fatores no ambiente que promove o desequilíbrio corporal, que dão origem à doença. Mas quando é citado sobre a postura corporal, o movimento dos corpos, as dimensões dos corpos e o relacionamento dos corpos com os objetos existentes no ambiente de trabalho, Clarice conscientiza seu corpo e através dele constrói em imagem do seu corpo encontrando formas de se adequar aos equipamentos, posteriormente, tem a visão dos outros corpos.

Clarice - "Eu tenho um jeito de trabalhar, não é por causa de eu ser gorda. Assim eu coloco a cadeira de um jeito que é mais fácil para trabalhar. Apoio nas costas, levanto mais a cadeira, as demais abaixa, por que? Porque, como você disse, eu sou gorda, mas eu sou alta, então, eu tenho uma cadeira diferente, tem que colocar no meio da minha coluna para não me

machucar. Tem gente que é magrinho e baixinho. Ela vai lá e abaixa. Outra tem perna mais longa, apanha outra cadeira. A gente não tem uma cadeira só nossa. Tipo assim, esta cadeira é só nossa e a gente arruma do nosso jeito. Então, o que vier é o que tá. E muitas vezes o seu corpo não está bom para aquela cadeira. Mas, pela pressa, pela deficiência do equipamento tem que trabalhar com o que está ali. Isso afeta o trabalho. Isso afeta a gente. E muitas vezes dependendo do equipamento que você está, trabalha de um jeito, então você coloca o teclado em cima, embaixo, para melhorar a mão. Eu já reparei que cada um tem o seu jeito de trabalhar. Tá? Eu trabalho com o teclado embaixo, com suporte das mãos. Eu tenho problemas nas mãos. Não adianta apoio nos braços tem que ser nas mãos, no pulso".

Os problemas de Clarice são semelhantes aos problemas dos seus colegas, uma vez que habitam o mesmo espaço e o mesmo ambiente organizacional de trabalho. Ao aprofundar a sua visão sobre os outros corpos Clarice desvenda um processo burocrático (processo de abertura do Comunicado de Acidente do Trabalho - CAT), que parece interferir no cuidado com o corpo de todos os participantes do grupo de trabalho e que controla o comportamento pelo medo.

Clarice - "É. Ela tenta amenizar a dor. A gente não sabe. Ela não vai ao médico mesmo. Para o médico dizer se ela tem tendinite. Ela tem dores. Ela vai descansar em casa, dorme, vem de cabelo pintado. Ela não vai ao médico. Ela não quer ir para a "caixa". O medo da gente é ir para a "caixa". A gente tem aberta já a CAT, eu, ela, a Gisele. Quem já tem, morre de medo e quem não tem já não quer ir para não abrir, que sabe que vai sujar a carteira, que prejudica a gente, porque, quantas vezes nossas carteiras foram carimbadas com LER ou DORT, você está presa ao que você tá. Aí, chega, você vai se segurar para não te mandar embora. Em compensação se te mandarem embora você não consegue outro".

Considerando que a organização do trabalho contribui de certa forma, para dificultar as ações das pessoas na busca dos seus direitos, Motta (2000, p. 8) expõe uma espécie de auto-desumanização, pois o trabalhador passa a não cuidar de si devido a alguns entraves burocráticos e considera que:

[...] a população se integrou em grandes organizações impessoais, em pirâmides de cargos; o trabalho perdeu qualquer significação intrínseca; as necessidades dos indivíduos são manipuladas; as pessoas não mais aprendem a viver em sociedade, mas sim em organizações.

Clarice se vê, tem a imagem de si e é através dessa imagem que lida com os corpos das outras pessoas. Tenta falar sobre os corpos das outras pessoas e de suas reações emocionais como se pudesse ter uma avaliação real (como uma avaliação clínica de um médico), porém não há um fundamento real na medida em que fala de si mesma e em seguida procura algo semelhante nos outros. A sua auto-imagem traduz a imagem do outro. Aprender sobre si mesma é também ser capaz de aprender sobre os outros, até certo ponto, como indica Rego (1998, p. 60), primeiramente,

[...] o desenvolvimento do psiquismo humano é sempre mediado pelo outro, que indica, delimita e atribui significados à realidade, em seguida desvenda que "quando internalizados estes processos (de apropriação do conhecimento mediado pelos agentes sociais) começam a ocorrer sem a intermediação de outras pessoas.

A comparação promove a diferenciação e permite construir a identidade.

Clarice - "Lá tem pessoas, assim... parada demais, né! E outras agitadas demais, porque eu sou muito agitada. Eu brinco com o pessoal, falo que eu nasci de 7 para 8 meses. Aí, não tenho paciência para nada. Então, se preciso pedir alguma coisa para alguém. Oh! Se não dá para atender, até a pessoa acordar, eu já fui, atendi".

A aprendizagem sobre o seu próprio corpo leva Clarice a aprender sobre o corpo do outro. E o aprender sobre o corpo do outro leva Clarice a identificar melhor, reconhecer melhor e aprender melhor sobre o seu próprio corpo ou se referir melhor em relação a ele.

Clarice - "A gente repara quando a pessoa está nervosa, chateada, dá para perceber. E eu sei quando eu estou nervosa. Gosto de ficar no meu canto, colocar o walkman, fazer só aquilo ali, só digitar. Que eu sei que vou acabar atrapalhando. A gente vê isso nos outros. A gente está muito tempo junto. A tensão, o nervosismo dá para perceber".

O trabalhador aprende, adquirindo conhecimentos em seu ambiente de trabalho, não só lidando com equipamentos, mas também com pessoas, ou seja, desenvolvendo suas relações interpessoais. A aproximação com outras pessoas facilita o processo de aprendizagem humana como é colocado por Rego (1998, p. 74) já que "em interação com outras pessoas, "o sujeito" é capaz de colocar em movimento vários processos de desenvolvimento que, sem a ajuda externa, seriam impossíveis de ocorrer".

Clarice - "Agitada, totalmente. Às vezes eu acho que tenho paciência mínima. Eles acham que eu sou muito, assim... agitada, muito rápida, nervosa, entendeu? Muitas pessoas falam: - precisa ter calma. Eles sabem que podem contar comigo quando precisar. Eu não fujo do serviço. Eu sou uma pessoa participativa, vamos reunir, vamos almoçar, vamos fazer um serviço, vamos ajudar, vamos fazer assim... Eu acho que eles me vêem desse jeito".

A visão do outro sobre nós mesmos pode ser percebida pela forma como o outro nos trata ou como o outro se refere a nós. Clarice tem uma visão de sua imagem corporal através do outro mediado pelas atividades de trabalho, pela forma como se conduz pela maneira de se expressar e pelo modo particular como encara a si mesma.

4.1.2.3 Autosscopia

Durante a autosscopia, observando a situação de trabalho que assistiu, Clarice tenta dar explicações sobre as condições físicas do seu corpo. Ela relaciona o seu corpo com os elementos físicos do ambiente e demonstra começar a ter uma certa consciência do que no ambiente pode provocar a sua enfermidade.

Clarice - "Mas, sei que minha postura no ambiente de trabalho é péssima... Minha coluna é torta devido às péssimas cadeiras e a disposição dos equipamentos; minhas mãos, punhos, braços e coluna doem muito devido a vários esforços repetitivos diários que não percebemos devido a rotina".

Em certa medida Clarice toma a visão da imagem do corpo dos seus colegas para si mesma de forma a permitir encontrar soluções para os problemas, que são comuns, vividos por todos.

Clarice - "Durante a filmagem vi vários colegas em postura errada... Com a coluna torta, a mãos em constantes movimentos, a cabeça e os olhos também não paravam. Sei que isso é a total falta de equipamentos de trabalho que causa".

Existe um espaço vazio no conhecimento de nós mesmos, dos outros e da situação em que vivemos. Isso é revelado por Clarice no momento em que expressa a sua surpresa e apreende outra parte da realidade que lhe escapava.

Clarice - "Me impressionei muito com o fato de que estamos tão acostumadas com o serviço que não percebemos o quanto parecemos robôs trabalhando, sempre com os mesmo movimentos, a cara de cansaço, o tédio, etc.... Outra cena que me impressionou muito foi o fato de a sala parecer tão desarrumada, bagunçada, etc... Aí eu fico pensando naquela cena, mais o calor insuportável, mais o falatório dos dois setores que dividem a mesma sala, e me dá uma sensação de mal estar enorme".

Nessa situação parece existir todo um comportamento social que é imposto pela máquina, pela organização do trabalho, pela cultura criada na convivência das rotinas de trabalho e controlada pela burocracia, que se revela, sobretudo nas instituições. Motta (2000, p. 31) vê essa questão na separação, que existe entre o trabalhador e seu ambiente de trabalho por efeito da burocracia, mas que foi possível fazer uma conexão quando o trabalhador pode olhar as imagens e perceber a sua situação de trabalho como um todo, assim ele diz que "um conjunto de regras assegura a disciplina no trabalho: as exigências da produção subordinam o trabalhador".

Em algumas situações não se faz necessária a mudança do cenário para percebermos alterações, mas apenas quando mexemos com o nosso ritmo ou o ritmo dos outros, estabelecendo uma nova relação de tempo e espaço, bastaria para avaliarmos diferentemente a mesma situação. Parece que foi isso que ocorreu com Clarice ao assistir a filmagem das pessoas trabalhando, quando as imagens foram aceleradas. Essa visão despertou recordações de conhecimento que fazem parte do seu crivo para criticar a realidade, mas estava difícil de ser resgatada em sua memória. Sobre esse modo de ver Pain (1999, p. 24) nos fala que:

[...] o organismo constitui uma ampla memória biológica, enquanto o corpo representa, na combinatória de seus movimentos, sensações e afetos, tudo aquilo que ainda é possível.

E essa memória necessita ser resgatada para permitir um conhecimento real, mas quando isso não ocorre, continua Pain, "encontramos aí o primeiro grau da ignorância, porque nosso saber, proveniente do corpo, ignora o funcionamento do organismo". Parece que a autoscopia permitiu um certo contato com a visão real do corpo de relações, quando ela o confronta com a imagem que tinha do seu corpo e dos corpos dos seus colegas de trabalho.

Clarice - "Com a fita correndo mais que o normal parecíamos aqueles filmes "pastelões" preto e branco onde a filmagem era mais rápida e todos pareciam máquinas. Me lembrou o filme do Charles Chaplin "Tempos Modernos" aonde ele trabalha em uma fábrica e é tão robótico os seus movimentos que ele sai de lá fazendo as mesmas coisas como um robô sem sentimentos, sem dores, sem nada".

O recurso da autoscopia pode revelar para Clarice uma realidade que vivia, porém não estava consciente dela. E, mesmo embora tenha despertado uma nova avaliação das condições de trabalho em que se submete, ainda é incapaz de efetivar ações para mudar. Ainda está presa à organização através de normas contratuais, ainda está submetida às mesmas condições de trabalho, pois não é de sua competência a execução das transformações necessárias para aliviar as suas dores.

Clarice - "Todos do setor tem algum tipo de "ite": - bursite, tendinite, tenosinovite, gastrite, esofagite, etc... Devido aos esforços repetitivos, a tensão, as preocupações, ao ambiente de trabalho, etc... Sei também que todos nós tentamos nos adequar às condições que temos para trabalhar, mas, muitas vezes essa nossa tentativa de "dar um jeito" nos acarreta problemas ocupacionais e de saúde. E essa filmagem só nos demonstra como é precária a nossa condição de trabalhar e como com o passar dos anos nada se modifica..."

Caberia aos outros departamentos uma ação corretiva, mas ainda assim, haveria um espaço de atuação para tentar diminuir os efeitos dos riscos existentes

no ambiente de trabalho sobre o seu corpo e esse espaço estaria na aprendizagem, no aprender a lidar com a situação, na elaboração de estratégias de defesa a partir dos efeitos sobre o seu corpo. E parece que sem esses recursos há uma sensação de imutabilidade.

4.1.2.4 Relato Pessoal dos Problemas de Saúde em Situação de Trabalho

Quando Clarice relata sobre o seu histórico de adoecimento, ela parece ter reelaborado todo o seu percurso a partir da situação de trabalho. Focaliza toda a sua história na relação doença - corpo - condições de trabalho.

Clarice - "Antes que ingressar no quadro de funcionários da Companhia, nunca havia sentido ou tido algum sintoma de LER/DORT. Além disso, as cadeiras, as mesas e o posicionamento dos equipamentos eram e são incômodos e a gente tentava se adequar usando listas telefônicas, suporte para os braços e pés, etc... Para facilitar o desempenho do serviço".

As relações sociais no trabalho são acentuadas de forma a ser indicado como um forte componente para o adoecimento. Clarice percebe em seu corpo as influências de relacionamentos conflituosos, tensos e desgastantes, pois elevam o grau de estresse, que de certa forma enrijece a musculatura e dificulta os movimentos. Isso ocorrendo, efetivamente, poderia ser distorcida pela imagem social do corpo, que não se posta mais de forma leve e descontraída, mas sim, de maneira rígida e endurecida, como deve mostrar a percepção orgânica do corpo.

Clarice - "Muitas vezes, com o acúmulo de serviço fizemos (alguns) horas extras nos finais de semana... E na época tínhamos uma gerência e um controlador que nos pressionava, nos intimidava deixando o ambiente de trabalho praticamente insuportável".

São diversos os fatores que comprometem a saúde dentro das organizações, nos ambientes de trabalho. Por vezes, só identificamos os fatores preponderantes, que contribuem para dar origem a uma determinada doença, quando a doença já se instalou. Não aprendemos a identificar previamente uma doença e, nem muito menos, aprendemos a identificar os fatores que a provocam. E, sem isso não podemos criar estratégias de defesa para preservar a saúde.

Clarice - "Devido ao trabalho excessivo, a deficiência dos equipamentos, a pressão por causa do prazo legal comecei primeiramente a ter dor nos olhos e na cabeça. Fui em um oftalmologista que disse que eu estava "com os olhos cansados" e que deveria usar durante um tempo óculos para descanso. Eu, que até então nunca precisei de um óculos, comecei a usá-lo".

A capacidade do sujeito para exercer o controle sobre o próprio organismo está ligada a sua reação às informações recebidas do meio ambiente e que provocam alterações indesejáveis. De acordo com Fonseca (1995, p. 83), isso ocorrendo, deverá ocorrer também um movimento do sujeito para se reorganizar, adaptando-se, pois “o ser humano dispõe, da capacidade de reagir ativamente à informação recebida e, simultaneamente, da capacidade de criar intenções, formar planos e estratégias, e, programar as suas ações”.

Na relação do seu corpo com o ambiente de trabalho Clarice tem a compreensão de que a origem dos seus problemas também está nesse ambiente e que, se ele não mudar, a tendência será piorar ou adquirir outros problemas de saúde. A partir dos efeitos no seu corpo faz a descoberta. A partir da descoberta promove a sua defesa para sobreviver. Deixa de lado a percepção social do corpo e se concentra nas informações corporais vindas da percepção orgânica do corpo.

Clarice - "Depois de um tempo comecei a ter dores na coluna e um ortopedista diagnosticou como lombalgia e me receitou além de descanso, algumas injeções. Como com o retorno ao serviço e a má disposição das cadeiras, mesas e equipamentos, as dores persistiram e numa nova consulta ao ortopedista foi descoberta que eu tinha adquirido a tendinite aonde meu braço foi colocado numa tala e aonde fiquei uma semana de licença. Após a licença com nenhuma mudança no setor com os equipamentos, mesas, cadeiras e o ritmo de serviço voltei a ter dores nos dois braços inteiros, pescoço e metade da coluna".

Ainda nesse momento Clarice se defende procurando especialista para amenizar o seu problema de saúde. No entanto, precisa de defesas preventivas para uma situação, que como já foi dito, não possui o controle absoluto. A dificuldade é ainda maior quando, estando nos ambientes em que deveria exercer maior controle, como nos ambientes da vida doméstica, encontra dificuldades decorrentes do corpo adoecido. A doença, como revela, ultrapassa as fronteiras da organização e invade a vida privada.

Clarice - "Com esse problema comecei a ter dificuldades de digitar num ritmo a qual estava acostumada, comecei a ter dificuldades em pequenas tarefas como: varrer a casa, colocar roupas no varal, escrever, etc. Tarefas essas que me faziam e fazem ter dores nos braços principalmente e no pescoço e coluna. Para piorar, se pego alguma coisa um pouco mais pesada como: travessas, pratos, panelas cheias, não agüento, meus braços falham e derrubo tudo. Essa sensação é horrível, que me deixa completamente “acabada”. Me sinto, quando isso acontece, inútil, indefesa".

Aqui pode estar se manifestando o sentimento de perda do próprio corpo, como um instrumento necessário para criar condições de garantir a vida. O corpo,

assim revelado, tem o conceito culturalmente elaborado de instrumento de trabalho dentro das organizações.

Clarice revela a sua visão dessa situação, não só para si mesma e para os seus colegas de trabalho, como fatalista, se uma mudança não for realizada. Uma mudança que envolva não só a adequação do ambiente, mas a forma adequada de tratamento da doença e a aprendizagem, que deve ser constante, de novas ações preventivas construídas a partir de estudos das dinâmicas próprias das organizações.

Clarice - "De tempo em tempo algum funcionário sai de licença médica por AT – exercício e quando voltam começa a mesma história de fisioterapia, RPG, medicamentos, homeopatia, acupuntura, etc."

Essas observações de Clarice demonstram a importância, que ela dá ao fenômeno do adoecimento de seus colegas dentro do ambiente de trabalho. E é dessa maneira que Clarice encara a sua própria vida e a sua vida em comunidade.

4.1.3 Discurso de Alice

4.1.3.1 *História de Vida Profissional*

Em seu histórico de vida profissional Alice conta passagens desde a infância, revelando por elas, as suas dificuldades e como essas dificuldades a ajudaram a construir o que é hoje. Parece existir em sua fala uma carência a ser suprida, um corpo a ser satisfeito e uma imagem de si a ser construída.

Alice - "O que marcou bastante na minha vida escolar foi a 4ª série primária, por que eu sempre fui boa aluna, tirava notas boas e era a escolhida para participar dos passeios que a escola oferecia. Sempre foi muito difícil estudar, pois éramos em oito filhos e minha mãe não tinha condições de comprar material escolar para todos e nem uniforme. Não tive tempo para curtir minha infância, pois precisava trabalhar para ajudar minha mãe e meus irmãos".

Alice constrói a imagem de si mesma com elementos obtidos nos relacionamentos pessoais, que são obrigatórios no ambiente social de trabalho. Mesmo a incompreensão de sua situação por parte dos colegas de trabalho colabora para sua auto-imagem. Alice não deixa de exercer uma crítica, pois entre a

visão das outras pessoas e a visão que tem de si mesma através dos problemas pelos quais passa, procura encontrar uma resposta, que muitas vezes não chega.

Alice - "Trabalhei na zona azul durante sete anos, até perceber que estava com desgaste da rótula do joelho esquerdo. Fui afastada pelo ortopedista para fazer tratamento no joelho e fiquei fazendo serviço burocrático no escritório. Durante o ano que estive fazendo serviço interno não sei dizer quantas vezes as pessoas da Zona Azul me perguntaram por que eu estava interna. Eu sem resposta não falava nada".

As experiências passadas de Alice, que influenciaram no seu estado emocional, de certa forma, contribuíram para mascarar os sintomas da doença corporal. Mas, como o sofrimento causado ganha força, acaba aflorando a necessidade de se tomar providências adequadas para a cura. A conscientização do problema leva Alice a providenciar os cuidados necessários.

Alice - "O tempo foi passando e eu já não estava agüentando mais de tanta pressão das pessoas que entrei em depressão, pois eu não queria mais voltar a trabalhar naquele Departamento. Quando eu cheguei neste estágio de depressão eu já havia adquirido tendinite também. Fiquei afastada para tratar a tendinite com o braço esquerdo engessado durante dez dias".

A solução encontrada por Alice nesse período para resolver um problema, que só os ambientes de trabalho criam, não foi apenas providenciar o seu tratamento físico, mas também, houve a procura de um novo local para desenvolver suas atividades profissionais. Pois Alice considerou, que além do fator psicológico e do fator corporal, havia o fator social, dos relacionamentos interpessoais conflituosos e contribuintes do seu adoecimento. Deixa, então, transparecer a satisfação com as melhorias obtidas pela mudança de ambiente de trabalho, que providenciou.

Alice – "Fui procurar um outro departamento. Fui bem recebida no outro departamento, embora fui para lá com depressão ainda. Embora o departamento que estou o serviço é repetitivo, estou feliz lá. Continuo com tendinite, mas faço alongamento no Sesc para sentir um pouco de alívio e menos dor".

Essa mudança promovida por Alice traz a possibilidade de encontrar novas formas de atenuar o seu problema de adoecimento, bem como permite, em certa medida, exercer uma crítica sobre as condições de trabalho. Essa crítica indica a criação de um campo aberto para encontrar soluções necessárias para futuras melhorias no ambiente de trabalho.

Alice - "No departamento que estou acho que precisa de algumas mudanças, como por exemplo, o espaço físico por que aumentou mais um equipamento, fora o calor que está insuportável, sendo que eu já passei mal no departamento por conta do calor dentro da sala e a falta de ar que sinto na sala quando estou trabalhando".

Ao perceber o lugar do seu corpo no espaço o trabalhador se revela capaz de promover alterações nele, adequando-o segundo a orientação da sua aprendizagem, segundo o prazer que o ambiente agradável proporciona.

4.1.3.2 Entrevista

No momento que Alice inicia a sua fala sobre o seu desenvolvimento corporal, para que se possa observar a construção da sua imagem corporal através do convívio social, passa a estabelecer várias relações do seu corpo com várias partes dele, que sofreram e ainda sofrem com distúrbios orgânicos. A partir daí demonstra uma grande preocupação com seu futuro corporal, preocupação essa que fará parte da construção de sua imagem corporal não só do ponto de vista biológico, como também social.

Alice - "Mas eu sempre fui gordinha, sempre achei que eu era diferente das minhas irmãs e que alguma coisa estava errado. Então, isso mexe muito com a minha cabeça. Sempre mexeu muito com a minha cabeça. Me senti melhor e sempre tentando emagrecer, e, hoje eu tenho outro problema de saúde que é o colesterol alto, triglicérides que está 500. Eu fui ao cardiologista ontem, quase o homem teve um 'piripaque', porque está muito alto. Eu tenho caso na família. Minha mãe teve infarto, minha mãe teve derrame e eu sou a única da família que tem colesterol alto e triglicérides alto, então isto me preocupa muito. Meu corpo tem tudo haver com os problemas de saúde que eu tenho hoje. E eu fico assim... um pouco preocupada, vivendo a base de regime e de dieta, porque eu preciso emagrecer, porque eu emagrecendo consigo abaixar o colesterol e triglicérides. Isso me preocupa muito hoje. E em relação ao meu corpo assim... no ambiente de trabalho..."

Podemos fazer uma distinção entre percepção do organismo e percepção social do corpo, procurando uma resposta sobre a consciência que o sujeito tem de si, e, uma concepção total, integral das duas percepções para a formação dessa consciência que o sujeito tem de si mesmo. Para Pain (1999, p. 24), que levanta questões relativas a passagem do instinto ao pensamento, faz menção sobre um espaço em que o organismo é substituído pelo corpo (como conceito social), dizendo que "o organismo constitui uma infra-estrutura programada, contendo a memória das reações e dos reflexos necessários à regulação do indivíduo orgânico". Complementa o seu raciocínio sobre esse fenômeno explicando a causa desse funcionamento, já que "no discurso psicológico, o organismo permanece mudo, pelo menos até que encontre uma forma de tradução precisa entre os códigos biológicos

e os códigos mentais". Nessa perspectiva a percepção orgânica do corpo está diretamente ligada às informações biológicas e a percepção social do corpo seria uma representação distante dessa realidade biológica devido à intermediação social.

Ao estar sempre atenta às questões corporais, pelos cuidados despendidos, Alice estabelece uma rotina de procedimentos, que podemos conceber como preventivo. Esses procedimentos vêm da sua aprendizagem sobre o seu corpo e dos conhecimentos médicos adquiridos, que revelam a fonte dos sofrimentos (hérnia de disco, diabete, etc). Essa proximidade entre o conhecimento subjetivo e a experiência objetiva é que possibilita uma imagem do corpo muito mais próxima da realidade, e a partir dessa imagem corporal Alice percebe melhor as suas dificuldades e elabora estratégias de defesa mais eficientes.

Alice passa a ser capaz de perceber melhor o corpo, como se o corpo falasse com ela e expressasse o que necessita para aliviar o sofrimento pelo qual está passando.

Alice - "Todos os dias quando chego para trabalhar, que eu vou sentar, todo dia, eu tenho que arrumar a posição da cadeira, ou seja, o assento, o encosto, porque eu tenho que ajustar esse encosto por causa da minha hérnia de disco, que é lombar do lado esquerdo. Ele tem que pegar bem aqui embaixo para eu não sentir dor. Eu coloco apoio de pé, coloco apoio de braço ou apoio de punho se estou digitando e eu fico... a cadeira fica bem reta aqui, ó! Eu encosto bem na mesa, bem retinha, assim... trabalhando. Acontece que eu tento, lógico, eu aprendi quando fiz RPG. Aprendi a sentar, tem que apanhar um objeto tem que levantar, tudo tem que ter cuidado no meu caso. Acontece que as cadeiras, elas dançam o tempo todo. Então, a coluna também reclama por causa disso".

Alice aponta para a importância da questão de limitação da amplitude dos movimentos e da questão da limitação das possibilidades posturais, que o seu corpo pode assumir no espaço de trabalho 'disponível, oferecido pela organização. A procura por alternativas de movimentos e de posturas parece ser constante, pois os cuidados, que precisa ter com o corpo, são reais e necessitam serem feitas se não pioram as dores, progridem e agrava a doença.

Alice - "Quase você não tem posição para trabalhar direito. Eu sou rápida no teclado. Eu sou muito, assim... atenciosa. Eu sou rápida para digitar. Eu também tenho tendinite nos dois ante-braços. Uma vez eu fiquei afastada um monte de tempo por causa da tendinite no ante-braço. Que eu adquiri de tanto ficar lá, digitando ou, então, analisando. Eu procuro, todas às vezes sentar direitinho, porque eu penso logo no meu corpo, na minha saúde. Porque eu já tenho a tendinite, então se eu sentar relaxada eu acho que piora o meu problema".

O fenômeno da percepção social do corpo faz com que Alice se diferencie no ambiente por não usar óculos e revela o desejo de não usar, permanecendo diferente. Para não ter que usar óculos se previne, sendo que essa atenção, que tem em relação ao corpo, não percebe a mesma preocupação por parte da empresa. Para Alice a empresa deveria estar atenta a essa questão da prevenção de problemas na visão e cita uma alternativa, que a empresa poderia tomar, para que ajudasse na ação preventiva, ou seja, colocar protetor de tela no monitor dos computadores. Alice aprende com o próprio corpo a se cuidar, pois o corpo sofrendo exige tratamento. A imagem do corpo, que sofre, relacionado com o ambiente permite com que Alice crie mecanismos para se prevenir. A percepção social do corpo promove a valorização dos olhos saudáveis de Alice, pois essa percepção a ajuda a se motivar para cuidar sempre de sua visão.

Alice - "É uma coisa que chama muito a atenção é que eu sou a única do departamento que não usa óculos. Então, quando eu fiz tratamento homeopático, eu passei numa palestra de oftalmologia, então ele ensinou alguns exercícios. Esses exercícios, toda vez que eu lembro na minha casa eu faço, que é para prevenção do uso de óculos. Mas, só que eu tenho que prevenir, porque eu não tenho cuidado nenhum da empresa, para que me afete a visão, porque não tem tela de proteção em nenhum dos computadores. Nunca se fala em tela de proteção lá".

Um exemplo sobre a auto-imagem da postura corporal, que pode ser transferida para os demais colegas de trabalho, uma vez que todos acabam realizando a mesma atividade, é quando se utiliza de um dos equipamentos de trabalho, no qual exige do corpo que o opera uma postura curvada e não permite, no momento, a colocação de um apoio de punho adequado para corrigi-lo. Alice também inclui nessa situação uma variável, que contribui para acentuar o sofrimento ao exercer uma atividade específica. Essa variável é de fundo emocional, que tenciona a musculatura, e, cuja origem está na relação do seu corpo com o meio físico e com o meio social.

Alice - "É a posição que você tem para ir passando o filme. Aí, com esse dedo aqui você vai movendo a maquininha, você aproxima a foto e também distancia ela. Eu só uso esse aqui. Aí, tem aquele que você vai na claridade, no brilho da foto para você poder focar direitinho a foto, a placa do carro e gravar a imagem. Esta é a parte de quem está fazendo a análise, e quando eu estou digitando eu digito rápido, eu não sinto tanta dor, só que eu procuro sempre estar com apoio de punho, porque se meu braço está tenso, aí eu começo a sentir dor mais para cima, até. Aí, eu sempre faço uns alongamentos sentada, porque como eu já faço alongamento com os pés, que eu já sei. Faço alongamentos. Vou no banheiro toda vez e faço alongamento. Eu procuro sempre estar fazendo alguma coisa para não sentir tanta dor. Mas, eu também tenho problema".

Alice consegue estabelecer uma relação entre a musculatura tensa e as dores que surgem quando está em atividade, porém não revela estabelecer uma relação entre a tensão e algum conflito psicológico. Acaba, então, agindo sobre o corpo. De acordo com a perspectiva de Pain (2001, p. 62) "a fadiga e as dores musculares ligadas à atividade revelam uma resistência corporal à emergência imaginativa e à dificuldade de transposição simbólica". Está posta a vivência de Alice, mas, continua Pain (2001, p. 62) nessa linha de pensamento dizendo que "toda produção manual reflete, assim, a relação do autor com seu corpo enquanto instrumento" e, também, que "uma má identificação egóica do próprio corpo produz uma dissociação onde o corpo é rejeitado, comprometendo as possibilidades de aprendizagem, que dele necessitam".

Essa revelação de Alice conduz a se pensar nessa procura por autoconhecimento e o encontro de soluções para os seus problemas. Nesse caso a percepção social do corpo pode estar afastando o sujeito dele mesmo, ou seja, ele já não consegue ter com clareza a percepção orgânica do corpo, que é fundamental para a elaboração de estratégias de defesas eficientes.

Alice preocupa-se com o corpo e essa preocupação a leva a procurar ajuda quando se vê limitada em suas ações para tentar aliviar o seu sofrimento. A procura por ajuda profissional é orientada pelo tipo de dor, que reconhece em uma determinada região de seu corpo, e, a partir daí, direciona os seus esforços para solucionar o problema. Nesse processo Alice aprende cada vez mais sobre si mesma em termos orgânicos (devido aos pareceres médicos e resultados de exames laboratoriais pelos quais passa) e dá uma qualidade melhor às suas ações preventivas.

Alice - "Ah! Eu acho que sim. A dor, porque como eu sou uma pessoa que já tenho 36 anos já venho de uma caminhada da Zona Azul, que é um serviço sacrificado. Então, todos os problemas que eu tive, geralmente, fui procurar um profissional, orientação profissional. Eu já fiz hidroginástica, eu já fiz RPG, alongamento, então eu sempre estou fazendo para prevenção, para mim eu faço, não sei, agora, o outros, né!"

O parâmetro utilizado por Alice ao tentar analisar o corpo dos seus colegas em termos de movimento, força, postura e dimensão é, na realidade, ela mesma e demonstra isso nitidamente. O corpo dos colegas de trabalho é visto por Alice numa relação de complementaridade, antagonismo e destoante do seu. Vê, também, os corpos através da organização, pois os enquadra nas normas de conduta e acentua uma diferenciação da conduta dos corpos em outras situações.

Alice - “Olha! O que mais me chama a atenção é que eu, por exemplo, quando estou na análise, geralmente, estou com o apoio de braço. Eu sempre estou com aquilo porque sinto menor dor, fico relaxada lá, meu braço descansa lá em cima. Se eu ficar sem aquilo eu fico forçando e eu começo a sentir dor aqui. Toda a vez que eu peço uma troca para um colega: - você senta aqui por favor que eu preciso ir ao médico, opa!, ao banheiro, que eu estou na análise. Quando eu volto para sentar no meu lugar, eu vejo que a cadeira já foi mexida. Aí, ele já aumentou a cadeira, ele tirou já o apoio de pé, ele tirou esse apoio aqui. E tem gente que puxa o encosto para trás, então fica assim... ó! A pessoa fica assim... ó! Tem gente que é um pouco meio barrigudinho, assim... Então para ele atrapalha ele. Fica muito afastado. Tem gente que trabalha muito, assim... relaxado, como se estivesse na casa dele, na sala da casa dele, entendeu?! Eu vejo”

O corpo expressa a postura, socialmente valorizada, seja para pensar, refletir ou planejar, e, assim é encarada pela sociedade industrial. Essa forma de expressão da postura tem um significado de relaxo, de não conformidade, de falta de respeito às normas posturais impostas pela cultura criada no mundo do trabalho

Ao falar do seu corpo Alice tem a imagem dele abstraída de uma realidade vivida, compartilhada, relacional com os demais corpos, como diria Schilder (ibid Fonseca 1995, p. 201), que "o modelo postural do nosso corpo está conectado com o modelo postural dos corpos dos outros". Alice compartilha, também, sua imagem corporal com os elementos físicos ao seu redor e com a cultura organizacional, que acaba sendo determinante em seu pensamento. Isso, de certa forma, ajuda a organizar as suas idéias, a proporcionar uma maneira própria de apreender a sua situação de trabalho e de conceber como os outros corpos e os objetos deveriam estar se posicionando em relação ao seu corpo.

Alice - “Porque cada um tem um modo. Que nem eu sou pequena, então eu preciso tanto o assento como o encosto da cadeira, porque eu sou pequena. Eu ponho apoio de pé, eu ponho apoio de punho, ponho o apoio de braço. Então, eu procuro me ajeitar. Então, eles acham que não precisam do apoio de braço, do apoio de punho, do apoio de pé. A cadeira ele deixa a cadeira bem baixo, porque ele é alto. Eu não! A cadeira é bem mais alta porque eu me apoio no apoio de pé. Eu fico sentada, vamos dizer, noventa graus, que se fala, né! Eu fico sentada. Aí, quando eu volto para o lugar, vejo que está tudo mudado. E as pessoas que não usam o apoio de braço, costumam tirar o apoio de braço e colocar em qualquer lugar, assim..., no chão, no canto. Não é, aquilo tem que ficar em cima da mesa porque ele não usa, mas eu que vou sentar em seguida, vou usar, eu preciso usar, eu quero usar”.

Alice exerce o controle sobre o ambiente de acordo com as suas necessidades de adaptações para aliviar o seu sofrimento. Posteriormente, passa a realizar algumas tarefas de preparar o ambiente de trabalho e de tomar alguns cuidados com o seu próprio corpo, independentemente, do que as pessoas possam pensar. Em outras palavras, no primeiro momento faz e constrói os seus conceitos,

e, em um segundo momento, realiza os conceitos que pensa. Nesse sentido Fonseca (1995, p. 164) diz que “as atividades posturais e motoras precedem as atividades mentais, depois atuam conjuntamente, assistindo-se mutuamente, até que mais tarde a atividade motora se subordina à atividade mental”.

Ou seja, Alice realiza aquilo que pensa e acredita ser o certo. Mesmo achando que cada colega de trabalho deva cuidar de si mesmo, ela demonstra como esse cuidado pode ser feito, ao realizá-lo efetivamente.

Alice - “Então, eu pego apoio de pé, apoio de braço, pego apoio de punho, se não tem eu quero adaptar para mim. Eu acho que cada um tem que cuidar de si. Eu não ligo a opinião do outro, eu faço um alongamento, assim, eu não estou nem aí, vou puxando o meu braço. Eu não estou nem aí, até na sala vou puxando a mão por detrás da cadeira, assim..., sabe?”

Ao reparar nos corpos dos seus colegas de trabalho Alice comenta, numa espécie de inconformismo, que os seus colegas embora sintam dores não encontram uma maneira de aliviá-las. A maneira de aliviar a dor é aquela criada por Alice e que ela acredita ser boa para si e, conseqüentemente, deve ser boa para os outros. Então, as suas relações interpessoais, nesse ambiente de trabalho, estão mediadas pela percepção social que tem dos corpos, inclusive do seu próprio.

Alice - “Eu adapto às coisas para eu sentar, depois o pessoal tira o equipamento e diz que o braço esta doendo, não sei o que lá, não sei o que lá. Acho que se o equipamento está lá é para ser usado. Acho que todo mundo tem que pelo menos adaptar. Ficar lá com ele para tentar. Aquele que não tem dor, não sente dor, teria que ficar com ele para se prevenir, para não ficar com dor. É que eles tiram. Então, eu não escuto que as pessoas falam. Se eu tiver que falar eu falo. Mas, também, o equipamento tem que ficar no lugar, porque tem que deixar no lugar. Você tem dor ou não tem dor, então... deixa o equipamento aí”.

Parece que a lógica de Alice está levando ela a arquitetar uma alternativa de solução para o problema existente nas condições de trabalho a que é submetida. Ela se pergunta como os seus colegas, ao sentirem dores durante as atividades de trabalho, da mesma maneira que ela, não fazem uso dos equipamentos disponíveis como estratégia de defesa, e que, segundo a sua concepção, aliviariam as dores. Por outro lado, também pode fazer parte de uma alienação dos trabalhadores, que não conseguem ver a situação de trabalho como um risco gerador de sofrimento, pelo menos não na perspectiva de Alice. Em relação a isso Dejours (1994, p. 130) se posiciona dizendo que:

[...] o risco relativo da alienação, porém, continua grande. O sofrimento não pode mais ser reconhecido como decorrente do trabalho. Inversamente, a estratégia de defesa que não era vista como nada além de uma defesa

contra o sofrimento passa a ser vista como promessa de felicidade, e a defesa da defesa, é erigida em ideologia.

Os confrontos de idéias, de atitudes e de ações são inevitáveis nos grupos de trabalho. O conflito social dentro das organizações, também é inevitável pelo compartilhamento de máquinas, de equipamentos e de objetos num mesmo espaço, e quase, de forma simultânea. Alice se mostra combativa e crítica, mas demonstra ser capaz de racionalizar, encontrando explicações, para justificar o comportamento, que acredita inadequado, demonstrado pelos colegas de trabalho.

Alice - "Ah! Eu comento, mas tem gente que fala: - eu não gosto disso. Eu acho até uma falta de respeito. Se ele não gosta, eu gosto. Um usa, o outro usa, entendeu?! Eu esqueci de falar uma coisa. As pessoas que não gostam de usar o equipamento reclamam pela falta de espaço. Nós temos uma carência muito grande lá, espaço físico, né! Quando entrou mais um equipamento ficou mais apertado. Se coloca o teclado em cima do tablado, o apoio em cima do teclado. Só que não dá para puxar por causa da maquininha, porque o fio é curto. Talvez seja por isso que tem gente que não gosta de usar".

Imaginar o que os outros estão pensando de nós é um exercício, na verdade, de auto-reflexão. Porém, se a pergunta é feita por outra pessoa e não por nós mesmos, esta pergunta fica carregada de conceitos culturais próprias do grupo de convivência e a resposta, possivelmente confusa. Nesse caso Rodrigues (1973, p. 235) falaria que "quando existem certas normas sociais que prescrevem determinados comportamentos, o problema do julgamento das pessoas, que emitem tais comportamentos torna-se ambíguo".

Alice parece ter sofrido um impacto, quando não foi capaz de fazer uma avaliação sobre si mesma levando-a a imaginar ter havido um comentário depreciativo, preconceituoso dela pelos colegas de trabalho.

Alice - "Eu não acho nada. Alguém falou alguma coisa aqui?"

Alice, com essa indignação, passa a expressar a importância que atribui aos conceitos sociais sobre a sua imagem como trabalhadora. Essa postura também revela uma auto-imagem bem definida e, na mesma proporção, bem defendida.

De certa forma Alice considera seu corpo como parâmetro para análise dos demais corpos, pois acredita que suas ações são as corretas e se fundamenta nelas para fazer a sua análise.

Alice - "Ah! Eu não sei. Eu acho que eles vêem eu, como assim... que eu trabalho direitinho, puxo apoio ali, puxo apoio aqui. Eu acho que eles pensam que eu trabalho direitinho, de acordo. Aquilo que eu não uso

óculos. Eu faço meus exercícios e já ensinei para eles, para prevenção. Para abaixar o grau do óculos, aqueles que usam óculos. Só eu que não usa. Para abaixar o grau. O que é bom para mim é bom para os outros”.

Em determinado momento Alice reconhece a ajuda dos colegas de trabalho no seu cuidado com a alimentação, prevenindo o aumento da taxa de colesterol no sangue. Então, ela deixa da visão dos colegas a partir de si e os vê com os olhos sociais, pois recebe ajuda adequada ao que precisa. Agora, não está sozinha nos cuidados que tem de si mesma, mas reconhece a ajuda que é bem vinda. Parece que as pessoas, coletivamente, percebem as necessidades individuais de ajuda e se solidarizam.

Alice - “É, e tem pessoas que até nem me oferecem e falam assim: - ó! Eu sei que você não pode comer. Me ajuda, porque eu não posso comer nada que tem chocolate, nada que tem coco, nada que vai aumentar meu colesterol. Eu não posso nada gorduroso, nada com gordura. Os colegas até me ajudam nesse sentido”.

Alice avalia o desempenho dos seus colegas, opondo esse desempenho ao seu próprio. Há a necessidade de uma afinidade no trabalho, de encontrar uma outra pessoa, que respeite as mesmas normas construídas de sua experiência. Alice vê os outros corpos e o seu próprio como corpos cumpridores de ordens e executores de atividades, que o sistema organizacional determina e que lhe diz, também, que irá punir se não obedecer.

Alice - “Tem aquelas pessoas que trabalham só mais devagar, tem menos disposição. Aqueles que você tem que dar muita atenção, atenção direto, porque renomeia errado, porque está pensando lá em casa, mas está ali em frente ao equipamento fazendo multa de carro, caetano. Então, a agente, eu presto muita atenção com quem vou sentar, porque as vezes a pessoa erra e a multa não pode errar, pois a placa é tal, tal, e a multa para a pessoa é tal, tal. Se a pessoa renomeia errado, que está acumulado na análise aí, se puxar o cadastro vai dar que foi ele e eu que fez. Mas é porque é o trabalho, é a atenção, você tem que ter responsabilidade. Se for errado, puxa no cadastro. Quem fez esse filme - a Alice e outra pessoa. E aí? É um transtorno”.

A primazia da burocratização através da ação controladora das normas obriga o sujeito a movimentar o corpo da maneira que a organização concebe para os seus fins, mesmo que isso venha a desrespeitar a sua natureza humana do corpo. O trabalhador obedece às normas e acredita que elas estão certas, pois não é capaz de aceitar que alguém possa conceber um sistema de trabalho desumanizante. Motta (2000) fala da presença de uma desumanização, quando o sujeito passa a só ver o cumprimento dos objetivos organizacionais e o sujeito com seu corpo são descartados no sistema burocrático em que está, por ser um sistema impessoal.

Assim, Motta (2000, p. 71) revela que “a impessoalidade burocrática é vista neste sistema (capitalista) como virtude essencial à eficiência. A estas considerações pode-se acrescentar que a burocracia é alienante”.

Na visão de Alice os seus colegas de trabalho a olham como sendo uma trabalhadora rápida, um corpo que se expressa com rapidez. Então, em meio às explicações para a sua rapidez, deixa de focar a questão da imposição do sistema de trabalho sobre o seu corpo, e, passa a revelar outra fonte de motivação, outro olhar sobre o seu corpo, que não estava aparente, mas agia sobre a sua postura, o seu movimento, a sua força exercida de forma implícita. Se a percepção social do seu corpo era apreendida pelos seus colegas como um corpo motivado pelo dinamismo, agora é revelado e conscientizado por Alice, através da percepção orgânica do corpo, como um corpo reagindo a uma motivação não reconhecida pelos outros.

Alice - “Eles falam que eu sou muito rápida, que eu dou labirintite, eu passo a posterior e depois eu volto para atual. Geralmente a análise fotográfica. Então, é porque eu sinto muito sono. Eu tenho anemia. Eu moro longe, durmo pouco, eu sinto muito sono. E se eu for devagar, ficar soletrando, eu começo até cochilar. Como já aconteceu uma vez, eu chegar até a cochilar. Então, o serviço exige muita atenção. Então eu não posso ficar bobeando. Tenho que me aplicar para fazer certo. Também não posso ir devagar, se não eu cochilo. E também porque eu não gosto de moleza. Se o serviço esta aí para fazer, não tem que fazer?, vamos fazer”.

Aproveitando para expor a subjetividade que traz em seu corpo, Alice percebe-se como um corpo precisando aliviar sua tensão emocional e seu sofrimento físico através de um profissional como estratégia para resolver o seu problema. Essa relação com esse profissional ajuda Alice a aprender melhor sobre si mesma. Ao aprender melhor sobre si mesma decide por soluções mais adequadas dos seus problemas.

Alice - “Eu sou uma pessoa muito impaciente, embora eu faça terapia. Toda a semana eu vou na psicóloga desde que eu entrei no DMT. Eu faço terapia até hoje, eu não parei. Já quis parar, mas ela falou que não era o momento. Eu tenho, assim, muitos problemas pessoais na minha casa. Muitos problemas. Talvez seja por isso que eu não consiga baixar o nível de colesterol. Eu fico muito nervosa, por muito tempo. Eu falei para com meu marido: - o emocional não mexe com essas coisas também?”

Não só o desenvolvimento sensorio motor contribui para a autopercepção, mas o desenvolvimento neurológico, que o acompanha e a experiência das relações com o ambiente, são capazes de influenciar o estado psicológico, já que funcionam de forma integrada. Segundo Fonseca (1998, p. 230), “o desenvolvimento do eixo

corporal está em estreita relação com a manutenção do sistema nervoso central e, por conseguinte, todo o seu desenvolvimento influencia o desenvolvimento psicológico geral”.

4.1.3.3 Autoscopia

Comentando o filme em que se vê e vê os corpos dos seus colegas de trabalho Alice se reconhece sentando incorretamente. Essa imagem social do seu corpo não se identifica com aquela imagem, que tinha antes da filmagem, quando, então, se achava certa a postura que assumia ao sentar. Mas ela se vê fazendo uso de recursos, como o apoio de braço, e aponta para os colegas que não usam. Em sua concepção, generalizando sua visão, a estratégia de defesa de usar o apoio é necessária para prevenir a dor, não só para ela mesma, mas para os seus colegas de trabalho também.

Alice - "Após ter assistido a fita gravada no meu departamento, pude perceber o quanto nós sentamos incorreta para trabalhar. Apesar do serviço ser repetitivo percebi que algumas pessoas não usam apoio de braço nem de pé e também apoio de punho. Se todos procurassem usar os apoios necessários, acho que preveniria para não sentirmos tanta dor".

A visão de Alice sobre a situação de trabalho parece se ampliar, na medida em que cita outros fatores, que não havia comentado antes nas outras etapas do processo de pesquisa. Isso se deve a captação das imagens da filmagem, que dão outra dimensão das condições de trabalho.

Alice - "Temos também o problema de espaço físico e com mais um equipamento ficou ainda mais sem espaço e também acho que é necessário refazer o lay-out das tomadas em que os equipamentos são ligados, pois os fios ficam curtos para poder manejar os equipamentos e talvez seja por isso que algumas pessoas não usam os apoios".

A partir de sua imagem corporal Alice generaliza e fala em nome de todos, como se, o seu conceito, que vale para ela, valesse para todos. Ela percebe que o equipamento tem interferência em sua postura, pois a obriga a virar o seu corpo para o lado em que ele foi colocado. A aprendizagem, que teve ao conhecer a relação entre o equipamento postado, o seu corpo postado e a dor, é transferida, para que possa examinar a situação dos seus colegas de trabalho, permitindo-a avaliar, a partir desse conhecimento, o que irá ocasionar para eles essa situação se ela não for alterada.

Alice - "Com mais um equipamento no setor, o espaço é pequeno e as pessoas ficam totalmente voltadas para o visor, então ficamos virados para um lado só, o que acarreta muita dor no final do expediente. Eu falo por mim que sinto muita dor do lado esquerdo, pois fico o tempo todo voltada para um só lado".

As soluções propostas por Alice, como por exemplo: revezar nas tarefas, ainda são insuficientes para eliminar as dores causadas pelo tipo de serviço exigido, mas quando passa a perceber que seu corpo desenvolve um trabalho repetitivo e fica cansado, procura, no limite do seu conhecimento, aliviar as conseqüências.

Alice - "Sempre procuro revezar com a pessoa que estou trabalhando, mas isso não resolve muito, por que o serviço é repetitivo e cansativo. Eu procuro sempre usar os apoios necessários para diminuir um pouco as dores, se bem que não resolve muito".

Alice repara que o modo de ser dos seus colegas não é compatível com a organização do trabalho, que percebe, e desrespeitam algumas normas impostas por essa organização como, por exemplo, não usar apoio. Faz também, em sua análise, uma advertência sobre o agravamento da doença com o passar do tempo. Essa atitude revela a sua expectativa de futuro, que foi construída com base numa experiência anterior de sofrimento do seu próprio organismo. Não usa por base sua percepção social do corpo, mas a sua percepção orgânica do corpo.

Alice - "Percebi também que alguns colegas do setor sentam muito relaxados, e não usam nenhum apoio. Tem pessoas no depto que já tem problemas devido ao serviço, mas não vão ao médico e nem no Departamento médico abrir a CAT, talvez isso prejudique ainda mais a saúde dessas pessoas por não procurar tratamento o quanto antes. Acho que as cadeiras estão em péssima condição para uso, então não resolve muito arrumar o encosto e nem o assento porque as cadeiras estão na hora de serem trocadas por outras. O barulho também ajuda bastante para ficarmos desanimados, mesmo porque a atenção tem que ser redobrada quando há muito barulho na sala".

O esforço despendido para adequar o ambiente de trabalho para o seu corpo, segundo Alice, é de certo modo inócuo, pois medidas mais profundas e eficientes precisam ser tomadas, além daquelas que providencia. Em determinado momento aponta, que não depende só dela ou dos seus colegas de trabalho, mas também de outros serviços existentes dentro da organização.

4.1.3.4 Relato Pessoal dos Problemas de Saúde em Situação de Trabalho

Alice descreve seu histórico de adoecimento, estabelecendo uma relação com o ambiente de trabalho. Fala a princípio do departamento como um todo, logo em

seguida identifica uma parte da organização do trabalho, que faz um vínculo entre o tempo para executar uma tarefa e a tarefa sendo executada de maneira repetitiva, como é o caso da digitação, e assim, identifica o que acredita ser a fonte da doença.

Alice - "O meu problema de saúde (tendinite) começou a mais ou menos uns cinco anos atrás. Tudo começou quando eu estava trabalhando em outro departamento, pois eu ficava muito tempo digitando e comecei a sentir muita dor nos antebraços. Fui procurar um especialista no assunto, quando este tirou RX e me deu afastamento de dez dias, então fiquei com o braço engessado e tomei medicamento também".

A situação de adoecimento traz para Alice outros problemas existentes na organização do trabalho, que não estão diretamente ligados a atividade provocadora de sofrimento, mas que influem. Um desses problemas é a questão dos relacionamentos interpessoais hierárquicos, no envolvimento de outras áreas fora do local específico de trabalho. O corpo de Alice passa a ser um corpo sem um lugar definido. A indefinição causa um transtorno, não só psíquico, mas que também reflete o aumento da sensação de dor, que normalmente sua doença ocasiona. A luta contra o adoecimento leva o seu corpo a se preparar para outras situações, que acredita ser perigosa.

Alice - "Após os dez dias voltei para trabalhar quando tive uma surpresa muito desagradável. Fiquei sabendo que o supervisor daquele departamento havia feito uma C.I. e encaminhado para o R.H pedindo então meu desligamento da Companhia. Naquele momento minha cabeça pirou, pois fiquei me perguntando por que esse supervisor precisava fazer isso contra mim? Percebi que começava aí uma batalha dura e eu então comecei a sentir dor demais, sem ter medicamento que iria passar a minha dor".

A necessidade de se proteger é constante. As estratégias elaboradas para a sua defesa passou pela ação social, pela ajuda de outras pessoas. Da mesma forma que o corpo sinaliza a forma como a estratégia de defesa deve ser elaborada para se prevenir da agressividade do meio ambiente físico, ele próprio se movimenta para encontrar alternativas de superação das dificuldades encontradas na burocracia organizacional. A ação é fundamental, movimenta o corpo e desperta a mente para aprender e encontrar soluções.

Alice - "Tomei então uma providência, então fui procurar uma psicóloga porque eu iria precisar e até hoje faço análise. Fui procurar também informações com o Sindicato e a DR, porque dali para frente eu precisava estar bem informada para me proteger. Graças a muitas pessoas eu não fui mais prejudicada porque quando algumas pessoas me ameaçavam eu já sabia me defender".

A percepção do corpo não só se restringe ao corpo biológico (percepção orgânica do corpo). O médico ao examinar o corpo identifica o que nele de real pode estar acontecendo em termos de sintomatologia da doença, porém o leigo supõe e o doente sente. Nessas relações Alice observa a incoerência entre o que as pessoas acham e aquilo que ela senti no seu corpo, ou seja, a percepção social do corpo limita a compreensão do que está acontecendo com o corpo orgânico.

Alice - "Muitas vezes escutei as pessoas que estavam ao meu redor falar que eu não tinha nada, porque eu ia tanto a médicos e também que eu sempre estava com boa aparência. Este problema de tendinite é interno e ninguém mostra no rosto se está sentindo dor ou não".

Como os colegas de trabalho de Alice não sentem o que ela sente, por meio da percepção orgânica do corpo, a compreensão da situação, que ela vive, se restringe, na concepção dos seus colegas de trabalho, a denegrir a imagem social do corpo de Alice, trabalhadora. A percepção social do corpo de Alice é de um corpo saudável, pois não percebem um problema visível, que possa estar causando dores. Nessa situação passa a existir em relação à Alice um relacionamento de pouca compreensão, de diminuição da valorização do corpo e de todas as atividades, que esse corpo possa desenvolver. A relação conflituosa impõe um mal-estar, que leva Alice a ter sintomas depressivos, que só o apoio social, solidário, compreensivo pode ajudar.

Alice - "Naquela época, meu psicológico era sempre ruim, eu não conseguia sorrir, não conseguia desempenhar um trabalho bem, porque sempre alguém punha obstáculo e falava que estava errado. Tinha também uma coisa: o trabalho mais fácil era para eu fazer e o mais difícil era outra pessoa e isso deixava eu lá embaixo e até sentia um bicho do mato incapaz de fazer qualquer serviço. Naquela época entrei em depressão, a ponto de não querer ir trabalhar e todos os dias eu chorava muito antes de sair de casa. Mas hoje sou uma pessoa super feliz e agradeço muito as pessoas que me ajudaram quando eu precisei".

No final da análise pessoal do seu histórico de adoecimento, Alice deixa claro o seu entendimento de que existe uma relação da enfermidade no seu corpo, com o ambiente físico e com o ambiente social de trabalho.

Alice - "Vou falar uma coisa legal, até as dores que eu sentia tanto diminuíram e eu estou feliz com as mudanças que passei. Posso dizer que a maioria dos problemas está relacionada sim com o ambiente de trabalho e as pessoas".

E dá uma mensagem de otimismo, de possibilidade de mudança e de que as situações adversas podem mudar, mas não sem sacrifícios ou sem uma dose de sofrimento.

V – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O trabalhador, o ser humano, o sujeito aprendente são um. Ele é encontrado nos ambientes de trabalho. Ele tem a capacidade não só de produzir materiais e serviços, mas é também capaz de produzir conhecimento. Conhecimento elaborado através de sua experiência no mundo físico e no mundo social, conceituado e passível de transmissão. O trabalhador, nessa perspectiva não é só aprendente, mas é, concomitantemente, ensinante. É um ser por inteiro, com história e com vida, impossível de ser abordado em sua plenitude, mas passível de ser compreendido em um período, sendo esse período determinado pelo encontro possível.

O encontro possível com os trabalhadores, participantes desta pesquisa, veio através de uma mesma preocupação, ou seja, a de melhorar as ações preventivas, que são realizadas através dos treinamentos ministrados pela área de Segurança do Trabalho da empresa, em relação às doenças ocupacionais relacionadas ao DORT.

Entre as ações preventivas para a saúde do trabalhador está o treinamento em prevenção de doenças ocupacionais. Ou seja, a transmissão de conhecimento através de técnicas pedagógicas adequadas para a ocorrência da efetiva aprendizagem do trabalhador. Mas, ao observarmos a necessidade de melhoria do processo de aprendizagem, principalmente de normas de segurança (tratadas aqui como estratégias de defesa), observamos que havia a possibilidade de utilizar o conhecimento sobre a percepção social do corpo como um mediador entre os conhecimentos e experiências anteriores dos trabalhadores e o novo conhecimento sobre as estratégias de defesa para a prevenção do DORT.

O fenômeno humano da percepção social do corpo, como um fenômeno importante para a aprendizagem do trabalhador pode ser visto pela Psicologia Educacional como um elemento mediador e contribuinte para a melhoria das técnicas pedagógicas de aprendizagem para a educação de adultos. Assim como a abordagem deste fenômeno pela Psicopedagogia, que tem uma visão multidisciplinar pode trazer novos conhecimentos para a resolução de alguns problemas de aprendizagem de trabalhadores, que estão aprendendo em salas de treinamentos ou, diretamente, em seus ambientes de trabalho. Além do mais a

Psicopedagogia, pela sua visão interdisciplinar, ao considerar outras áreas do conhecimento, para avaliar os problemas de aprendizagem, não só atua sobre o sujeito aprendente, mas também sobre na situação coletiva de aprendizagem, sobre as situações objetivadas pelas construções culturais nos ambientes de trabalho como as normas internas de conduta social, as formas arquitetônicas das edificações, enfim, examina todo o contexto sócio-cultural em um determinado período de desenvolvimento em que o sujeito da aprendizagem esta vivendo.

Os estudos através da Psicologia Educacional, que aprofunda as questões relativas à aprendizagem, assim como os estudos através da Psicopedagogia, que dá respostas adequadas aos problemas de aprendizagem, podem contribuir, significativamente, para a construção de programas de treinamento mais efetivos na área de prevenção da saúde do trabalhador. Podem, também, favorecer na compreensão da importância da organização das condições de aprendizagem, para que ela ocorra de forma integrada e de acordo com as condições e capacidades dos trabalhadores. Esta posição em relação ao caráter específico da aprendizagem fica mais evidente quando Pfromm Netto (1987, p. 11) nos traz a visão de W. H. Thorpe (1980) sobre o conceito de aprendizagem:

É quando os organismos podem perceber e modificar seu comportamento em virtude de suas percepções que se pode dizer que eles aprendem. Aprendizagem é, portanto, a organização do comportamento como resultado da experiência individual. Tem geralmente o caráter de adaptação... e é encarada como algo que perdura por um tempo relativamente longo... Todos os organismos vivos ajustam-se ou adaptam-se a mudanças na estimulação que recebem de seu ambiente. Em outras palavras, eles recebem e armazenam informações, isto, em larga medida, equivale a dizer que aprendem.

O sujeito da aprendizagem, o sujeito aprendente, e aqui, o trabalhador, antes de iniciar o processo da investigação científica, precisaria ser abordado por diversos ângulos, por diversos olhares, e em seguida passar por uma resignificação, ressaltando suas características específicas, para que se possa ter a concepção de uma realidade mais complexa do que aquela vista pelo senso comum na área educacional. Desta forma, olhamos a subjetividade humana através do sujeito abstrato, olhamos o contato do homem com sua realidade através do sujeito concreto, olhamos o fenômeno da percepção como característica humana através do sujeito perceptivo e por fim, olhamos o contexto onde se encontra o nosso sujeito da pesquisa, o trabalhador através do sujeito laborioso, já que o homem é o agente transformador do mundo e para isto sua atividade primordial é o trabalho. Temos,

então, uma noção da complexidade que é a situação específica de trabalho do ser humano.

O ser humano, o homem sócio-histórico, o sujeito aprendente aqui descrito como o agente central da criação cultural precisa ser conhecido, precisa ser revelado, como diz Figueiredo (2002, p. 174) “conhecer o homem torna-se necessário porque é o sujeito a fonte constitutiva não só de todo conhecimento como de todo objeto possível de experiência e reflexão”.

Impulsionado pelo desejo, e de posse de um projeto, os seres humanos podem construir, por meio das técnicas e da arte, um mundo onde a natureza humana é preservada, valorizada e aprimorada. A experiência humana atravessa gerações, perpetuando conhecimento, acumulando experiência, fazendo história, adquirindo consciência do mundo e se projetando para o futuro.

Nesse processo de construção, de um meio ambiente adaptado às necessidades humanas, existem muitos outros processos, ocorrendo simultaneamente. Um desses processos fundamentais para a construção cultural é a aprendizagem.

O processo de aprendizagem, que é um fenômeno humano sofisticado, tem como uma de suas finalidades, contribuir para a preservação da espécie. Nesse ângulo de observação a aprendizagem é um dos processos que garantem a sobrevivência e a supremacia da espécie humana sobre as demais espécies e sobre os fenômenos naturais previsíveis e controláveis.

Preservando as experiências anteriormente vividas e as condições dadas, para que o processo de aprendizagem ocorra, vamos considerar que vários outros fenômenos internos precisam estar acontecendo, interdependentemente, correlacionados, objetivando a efetivação concreta da aprendizagem. Entre as condições que interagem de maneira a permitir a aprendizagem acontecer, estão: capacidade orgânica de captar as estimulações do meio ambiente, a atenção, a percepção, a representação mental, a significação/valorização, a conceituação/identificação, a memorização, e a reprodução. Assim considerada a composição complexa do mecanismo da aprendizagem, é focalizado o fenômeno da percepção, que pode estar sendo dirigida, no mundo exterior, para os fenômenos físicos e/ou para os fenômenos sociais. E como poderia apontar Morin (2001, p. 20) sobre esses fenômenos, que ocorrem dentro do seu conceito de complexidade: "a

complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o nosso mundo fenomenal". Poderíamos, então, tomar esses fenômenos como condições postas para os seres humanos, pois "estão aí", fazem parte da vida.

A percepção dos fenômenos sociais tem a sua importância para a aprendizagem, não só porque integram um dos componentes estruturais da aprendizagem, mas porque o ser humano aprende muito mais, e mais rapidamente, estando em meio à coletividade, fazendo parte de um grupo social. Pode servir ainda como mediadora de novos conhecimentos, dependendo da zona de desenvolvimento proximal, segundo a visão de Vygotsky.

Não é possível perder de vista o sujeito contextualizado, histórico e construtor dos seus projetos de vida. Sujeito humano capaz de sobreviver através dos tempos em um mundo provocador, instigador das habilidades mentais, dos potenciais criativos e da força emocional, que movem os desejos e despertam as paixões.

O sujeito aprendente, trabalhador, ser humano por excelência, sobrevive através da sua capacidade de aprender e apreender o mundo. À medida que aprende no mundo, transforma-o, cria cultura e defesas em grupo e adquire a capacidade de se preservar. Utilizando-se da abstração para elaborar o conhecimento sobre o mundo, que é complexo, depara-se com polaridades: ordem e desordem, organização e desorganização, integração e desintegração, separação e união, análise e síntese, que funcionam, dinamicamente, num movimento que é dialético, para a construção do conhecimento que solucione seus problemas existenciais. Em meio a essa gama de elementos complexos trabalhados pela mente humana Morin (2001, p. 126) diz que,

[...] esta compreensão da complexidade necessita de uma mudança bastante profunda das nossas estruturas mentais. O risco, se esta mudança de estruturas mentais não se produzir, seria caminhar para a pura confusão ou para a recusa dos problemas.

Para que possamos nos aproximar do conhecimento em elaboração, nesta pesquisa, precisaríamos primeiro fragmentar o sujeito, que carrega em sua composição muitos fenômenos. Separar o fenômeno da percepção social do corpo dos outros fenômenos sem desintegrá-lo é uma tarefa complexa, difícil e delicada. Compreender este fenômeno humano não é só abordá-lo com os olhos racionais e lógicos, mas é também se colocar disposto a enfrentar parte de si mesmo, que está

no objeto de estudo, que é um objeto/fenômeno, que é humano, de forma idêntica ao humano que somos. Faz-se necessário, portanto, uma separação entre o objeto de pesquisa e o pesquisador, mas é inegável a dificuldade em separar um objeto de estudo pesquisado exterior, que é humano, do pesquisador, que também é humano e se utiliza, interiormente, do conhecimento sistematizado em pesquisa social elaborado segundo as normas estabelecidas pela comunidade científica. Nessa perspectiva Morin (2001, p. 160) diz que “o conhecimento supõe não apenas uma separação certa e uma certa separação como mundo exterior, mas supõe também uma separação consigo mesmo”. Ou seja, é preciso ter claro o que é do sujeito da pesquisa e o que é do pesquisador. Por isso o Movimento Histórico do Vivido, usado como instrumento de pesquisa, pode e deve esclarecer a diferenciação entre o objeto da pesquisa que tem história e seu observador, que também tem a sua própria história de vida. Inevitavelmente, mecanismos de discernimento precisam estar bem definidos e serem bem objetivos, permitindo o controle do pesquisador e o controle científico do fenômeno humano do sujeito estudado, sem perdê-lo de vista ou desvirtuá-lo.

Abordar de forma ética o discurso do ser humano é aproximar-se dele com o devido valor e respeito, do qual é digno. Chegar tão perto do verdadeiramente humano nos leva a uma situação em que, a carga emocional, nele embutido, ressoa profundamente dentro de nós. Por outro lado, abordar o discurso do ser humano, mantendo um distanciamento ou neutralidade científica, dentro da linha de pesquisa humanística da pesquisa-ação, nos leva a tornar o objeto de estudo, não um ser passivo, mas um ser interativo, parceiro na construção do conhecimento.

Iniciando o estudo do sujeito a partir da sua percepção do mundo e de sua ação sobre ele, temos que, "filogenética e ontogeneticamente, a percepção é inseparável da ação. A percepção emerge da ação e depois guia-a e orienta-a", segundo Fonseca (1995, p. 259). Essa coordenação entre percepção e ação é fundamental para a aprendizagem, pois os conceitos devem ser colocados em prática após a sua assimilação, caso contrário, não podemos dizer que a aprendizagem efetivamente ocorreu. Não só podemos dizer, utilizando-nos das palavras de Pain (2001, p. 53) ao falar da consciência corpórea que: "o corpo é o lugar onde se realizam as coordenações sensório-motoras entre as percepções e as

ações, onde elas tomam um sentido", como também, que "o fator da noção do corpo interfere como potencial de aprendizagem", de acordo com Fonseca (1995, p. 185).

É fundamental para a aprendizagem, que o sujeito da pesquisa, o trabalhador, tenha, claramente, identificadas: as informações que irão compor a percepção orgânica do corpo; as informações que irão compor a percepção social do corpo; bem como, as informações que são captadas nas condições físicas e sociais do ambiente de trabalho das organizações.

O processo de aprendizagem será mais eficiente quando o trabalhador for capaz de construir uma estratégia de defesa adequada, após estabelecer uma relação entre o agente agressivo no ambiente, a mecânica do seu comportamento para realizar as tarefas e o surgimento da sintomatologia do DORT. Estas relações, importantes para a aprendizagem, são influenciadas pela percepção social do corpo, pois é no corpo que a doença se manifesta. É através do corpo, que o trabalhador deve iniciar a sua aprendizagem de conhecimentos necessários a prevenção da sintomatologia da doença. Sem essa consciência corporal, sem essa consciência do ambiente físico de trabalho, sem essa consciência do ambiente social o trabalhador encontrará dificuldade em se conscientizar da importância de aplicar estratégias de defesa para preservação de sua saúde.

O trabalhador ao permanecer alienado de si mesmo, sem uma consciência corporal bem definida é incapaz de identificar corretamente os elementos necessários para elaborar suas estratégias de defesa para a prevenção da sintomatologia do DORT. Vejamos, por exemplo, o caso de um dos participantes da pesquisa em frente ao monitor de um computador por várias horas, digitando um grande volume de dados, com um tempo limitado para o término do trabalho, em um ambiente quente, sentado em uma cadeira não anatômica, sob uma iluminação inadequada, o seu monitor em uma altura irregular que o obriga a ficar com a coluna curvada; de repente, desvia sua atenção do monitor onde estava com sua atenção voltada. Nesse momento sente dor no pescoço, nas costas, nos braços e no pulso. Sua atenção, que estava totalmente, direcionada para a tarefa, agora, dirige-se para o seu corpo. No período em que o sujeito estava executando a sua tarefa deixou de identificar a dor, ou anestesiou-se, para dar continuidade ao trabalho, enfim estava alienado de si mesmo, sem uma clara consciência corporal.

Ao retardar o reconhecimento precoce da dor, que deveria ser uma reação normal do corpo do trabalhador, através da percepção orgânica do corpo, retarda também as ações para a sua eliminação, apontando uma interferência nesse processo de reconhecimento. Essa interferência pode ser a mentalização da obrigatoriedade ou “dever” de obedecer à norma burocrática da organização, ou seja, permanecer com o seu corpo naquela situação até a tarefa estar terminada. Pode ser a tentativa de conservar a boa imagem na cultura organizacional, que diz que o bom trabalhador deve terminar o seu trabalho, agüentando, como um profissional eficiente, um certo sofrimento em seu corpo. Enfim, tanto em um caso quanto no outro, fazem parte da percepção social do corpo, que o trabalhador construiu durante a sua vida profissional.

Por isso torna-se importante desvendar melhor a influência do fenômeno humano da percepção social do corpo, construída pelo trabalhador, pois interfere em sua conscientização da situação adoecedora, uma vez que retarda o reconhecimento dos prejuízos futuros causados por certas características da atividade laboral e dificultando a elaboração de uma estratégia de defesa adequada para preservação da sua saúde.

O reconhecimento do sofrimento provocado pelas condições de trabalho é fundamental, para que o sujeito saiba lidar com a situação. Ou seja, esse reconhecimento é necessário para que o sujeito aprenda, que a organização do ambiente de trabalho não está adequada, para desenvolver aquela atividade específica sem dor. Só a aprendizagem sobre a situação adoecedora de trabalho e sobre os efeitos causados no corpo, pode fazer com que o sujeito elabore estratégias de defesa para se prevenir do desenvolvimento da sintomatologia do DORT.

Parece não bastar apenas o ensino regular de fisiologia, de anatomia do corpo humano, das normas de segurança (estratégias de defesa) ou de outras técnicas ligada à percepção orgânica do corpo, para que o trabalhador se conscientize da importância de cuidar de si mesmo, não deixando desenvolver, ao longo dos anos, os sintomas do DORT. Mas, da mesma maneira, parece ser necessário que lhe seja ensinado, num processo de aprendizagem diferenciado, sobre como se processa as informações no fenômeno humano da percepção social

do corpo. Esse conhecimento deverá contribuir para facilitar a aprendizagem e a elaboração de estratégias de defesa.

Para que o trabalhador aprenda as estratégias de defesa, ou seja, maneiras de cuidar da sua saúde, ele precisa conhecer o seu organismo, percebendo-o corretamente sem distorções. Porém, o trabalhador, adulto, inserido no contexto social, tem muito desenvolvido a sua percepção social do corpo, que além da percepção orgânica, é mais um elemento a participar da elaboração da aprendizagem das estratégias de defesa. Essa aprendizagem pode ser mais eficiente na medida em que o sujeito tem representações mentais a partir de signos do corpo social além dos signos do corpo orgânico. Embora o trabalhador possa sentir dor, a percepção social do corpo, de certa forma, pode estar desprezando essa dor, distorcendo uma reação de eliminação natural, originada da percepção orgânica, em vista de uma necessidade criada pela organização do trabalho, para que continue realizando as suas atividades. Então, o trabalhador só dará importância à dor, só irá perceber o seu corpo orgânico, quando as estruturas de seu organismo já estiverem comprometidas, quando a dor estiver em uma intensidade insuportável e quando as atividades normais de trabalho e da vida particular estiverem comprometidas como foi demonstrado no material produzido pelos participantes da pesquisa.

Se o corpo orgânico é a base do humano, pois dele vem a emoção, o sentimento, as atividades mentais, toda a subjetividade que caracteriza a humanidade, então, na proporção em que o homem, trabalhador, se afasta dele, permanecendo na ignorância, como nos fala Pain (1999), tornando-o um corpo social alienado, principalmente dentro das organizações, revelar-se-á uma situação de desumanização.

Essa desumanização fica mais evidente ao se observar o homem dentro das organizações, altamente burocratizadas, onde imperam o controle dos corpos, dos desejos e das paixões. Esse controle é exercido através dos papéis sociais rígidos, da hierarquização, da normatização de comportamentos (posturas, movimentos, força exercida, etc), das barreiras arquitetônicas, das dimensões e formatos dos equipamentos e máquinas, cujas concepções não levaram em conta, como nos revela os estudos ergonômicos, as características psicofisiológica e biomecânicas do

homem para dimensionar as condições de trabalho em que as atividades são desenvolvidas.

O processo de aprendizagem, que é vislumbrado, tem um suporte na noção de corpo, na noção de tempo/espaço, na noção de movimento/ritmo e na noção de postura/tonicidade, que podem ser alterados pela percepção orgânica do corpo e pela percepção social do corpo em determinado momento vivido pelo trabalhador.

A noção de corpo, socialmente elaborado, encontra nas organizações um sistema burocrático com seus movimentos normatizados e sua postura treinada. Cria uma subjetividade que orienta as ações por meio, por assim dizer, da representação da representação do corpo, o que poderia estar causando um afastamento entre a percepção social do corpo e a percepção orgânica do corpo. Como se refere Vygotsky (1994, p. 46): “o uso de signos auxiliares rompe com a fusão entre o campo sensorial e o sistema motor, tornando possível, assim, novos tipos de comportamento”. No mundo tecnológico e virtual a elaboração de conhecimento a partir do conhecimento já elaborado nos afasta do mundo real.

Isso alimentaria a construção de representações com certa independência dos fatores orgânicos, e Vygotsky (1994, p. 46), nessa mesma linha de pensamento, continua, “o sistema de signos reestrutura a totalidade do processo psicológico, tornando o ser humano em desenvolvimento ser capaz de dominar o seu movimento”. Os signos, os conceitos, as representações passam a orientar as ações futuras, então Vygotsky (1994, p. 46) comenta: “o movimento desloca-se, da percepção direta, submetendo-se ao controle das funções simbólicas incluídas na resposta de escolha”. Nessa perspectiva, o comportamento que deveria estar orientada pela percepção orgânica do corpo, para que se possa resolver problemas advindos das agressões do meio ambiente, como é o caso dos fatores de risco que dão origem ao DORT, pode estar sendo direcionado a resolver o problema a partir da percepção social do corpo, o que não permitiria uma efetiva solução adequada do problema e nem permitiria uma aprendizagem adequada das estratégias de defesa a serem utilizadas.

A importância da percepção social do corpo parece estar na sua revelação, conscientização, para a formação de uma auto-imagem corporal mais próxima do real, com o mínimo de distorções na percepção orgânica do corpo, para que a partir dela o trabalhador possa encontrar as melhores alternativas de estratégias para a

preservação da sua saúde. Essas informações, que irão constituir a percepção social do corpo, precisam, necessariamente, estar intimamente relacionadas às informações, que compõem a percepção orgânica do corpo, para que o cérebro estabeleça relações objetivas entre os estímulos ambientais, que provocam as reações orgânicas de dor (sintomatologia do DORT), e, assim, possa apreender esse processo, aprender com ele e através dele elaborar estratégias de defesa adequadas contra esses fatores, que são agressivos ao corpo.

O grupo formado pelos participantes da pesquisa teve a oportunidade, através dos relatos e da entrevista de trazerem à consciência fatos marcantes em suas histórias pessoais de vida. Ao mesmo tempo em que puderam refletir sobre esses fatos, foi proporcionada a oportunidade de estabelecer uma comparação com o modo de agir atual. Da mesma forma, através da técnica da autoscopia, tiveram a oportunidade de assistirem aos seus corpos em ação, bem como os corpos dos seus colegas de trabalho, de vários ângulos diferentes, captados pela lente da filmadora. Essa visão dos corpos em imagem possibilitou o confronto com a percepção social do corpo, que tinham em suas consciências. A exibição da filmagem para o grupo gerou a possibilidade dos participantes fazerem comentários, apontarem detalhes, que não haviam percebido antes. Puderam expressar algumas idéias, que só poderiam ser despertadas pelos diferentes ângulos de visão da filmadora, obtidos das condições reais, que experienciavam no dia-a-dia de trabalho.

Na medida em que o filme passa, os detalhes vão sendo ressaltados. O corpo ocupa o espaço de forma diferenciada da qual era percebida antes. O ângulo de visão sendo diferente propicia novas relações espaciais. Surge a possibilidade de realizar uma nova avaliação de distâncias e disposições relacionais com os objetos, que estão no ambiente. Observar-se na filmagem é conflitante, em muitos aspectos, com a forma como se percebia o corpo antes ou a representação mental que se tinha dele. A percepção social do corpo passa a ser reavaliada a partir do momento em que há o confronto da imagem construída de si e as imagens observadas no filme. As imagens que foram aprendidas através da própria consciência corporal e aquelas que foram aprendidas através da imitação na convivência social em diversos ambientes, podem ser repensadas, revalorizadas, enriquecidas com novos conhecimentos e, possivelmente, modificadas pela necessidade de preservar a saúde e evitar o adoecimento.

As imagens observadas no filme, dependendo o ponto de visão, podem favorecer a resignificação delas no cotidiano, na medida em que experiências passadas e presentes se confrontam. A resignificação pode vir, também, através da comparação entre as ações corporais observadas no filme e a memória corporal, que fornece as sensações de incômodo em determinadas posições assumidas durante o desenvolvimento das atividades de trabalho.

A atenção para com o corpo e a assimilação do conhecimento sobre ele contribuem para a formação da imagem e da noção de corpo. Como a percepção do corpo tem um componente social, pois muitas posturas e comportamentos são socialmente determinados, o trabalhador parece só reconhecer a fonte do sofrimento quando estabelece uma relação concreta entre a percepção orgânica do corpo e a fonte de risco no ambiente de trabalho. Por exemplo, o braço dói por permanecer muito tempo em uma determinada posição. A posição foi determinada pela organização das condições de trabalho oferecidas e faz parte da percepção social do corpo como sendo uma posição normalmente utilizada por todos, portanto, correta. Mas, o sofrimento dá a informação ao trabalhador de que há algo de errado e de que precisa de uma estratégia de defesa para se prevenir da dor no braço (sintoma do DORT).

Muitas vezes não há uma percepção clara do trabalhador da quantidade de trabalho, que pode realizar antes de chegar à exaustão osteomuscular. Ele usa todos os seus recursos para desempenhar as suas atividades e não consegue definir, por vezes, claramente, qual é a parte do seu corpo, que mais é exigida no ambiente de trabalho, como é o caso do conjunto mão, punho, braço, antebraço e ombro. Com a técnica da autoscopia foi possível se observar diversos comportamentos expressos, que não haviam sido conscientizados em termos de frequência de movimentos, posturas e esforços executados.

Essa situação pode nos sugerir a existência de uma valorização maior, em situação de trabalho, das informações de origem social para a percepção do que está acontecendo com o corpo, e, uma valorização menor das informações de origem orgânica, que corresponde ao sofrimento advindo das lesões nas estruturas osteomusculares. Pode sugerir, também, que o conhecimento mais aprofundado sobre a percepção social do corpo forneceria outra dimensão da realidade, produzindo novas técnicas pedagógicas e favorecendo uma conscientização maior

dessa situação, ou seja, possibilitaria ao trabalhador definir a sua percepção, com mais clareza, selecionando entre uma informação orgânica e uma informação social sobre o que está acontecendo com o corpo e, então, decidir qual seria a melhor medida a ser tomada para preservar a saúde do seu corpo.

Possivelmente, com uma percepção mais fidedigna do que está ocorrendo com o corpo, conseguida através de informações originadas das estimulações ambientais, o próprio ambiente em que o trabalhador desenvolve as suas atividades possa ser reavaliado. A avaliação correta das condições de trabalho é fundamental, para que se possa determinar, com maior precisão, as fontes de agressão ao corpo, permitindo ao trabalhador encontrar meios adequados para se prevenir.

Quando existe a falta de conhecimento suficiente para explicar alguns fenômenos, que ocorrem no corpo, dentro do ambiente de trabalho; quando existe uma análise do ambiente viciada por tocar sempre nos mesmos pontos inócuos de referência; ou, quando existe uma expectativa de mudança e essa mudança não se concretiza, causa no trabalhador um sentimento de imutabilidade, de aprisionamento corporal. O sentimento de corpo aprisionado, numa organização burocrática fechada, pode vir a favorecer a alienação do sujeito, trabalhador, que acaba por não acreditar na sua capacidade e na capacidade do grupo, a que pertence, de poder mudar.

Após uma reavaliação da situação de trabalho, pelo confronto entre a visão que o trabalhador tinha e a visão real que a lente da filmadora permitiu na autoscopia, instrumento da pesquisa, parece ter despertado no trabalhador a perspectiva de uma possibilidade de mudança, de existir soluções para os problemas, que enfrenta na sua condição de trabalho. Isso induz a pensar que, quando mudamos o posicionamento do corpo para vermos um objeto ou uma paisagem, podemos dar outra interpretação à realidade, que presenciamos ou que tínhamos presenciado antes. Da mesma forma, ao vermos o nosso corpo em imagem na tela estamos fazendo uma observação de outra posição. Esse posicionamento em frente à tela, observando o nosso corpo, dá uma outra dimensão a nossa percepção dele. Tendemos a não vê-lo isolado, mas relacionado com tudo o que existe ao seu redor.

Embora reconheçamos a nossa imagem, tendemos a expressar uma perplexidade pela incompatibilidade entre a imagem observada na filmagem e a

imagem que tínhamos de nós mesmos em situação de trabalho. Essa situação ficou mais evidente quando passamos a fita da gravação no modo acelerado do aparelho de vídeo. As imagens foram vistas em outro ritmo, o que permitiu a visualização melhor dos movimentos e da quantidade de movimentos executados para realizar uma tarefa. A surpresa pela novidade trazida pelas imagens do filme e a comparação inevitável entre os níveis de consciência do antes e do agora, foram detectadas nos discursos dos participantes da pesquisa. Assim, quando novos elementos, captados pela filmagem, são apresentados ao trabalhador, eles podem vir a ser assimilados e a fazer parte do conhecimento já elaborado, anteriormente, pela aprendizagem. Da mesma forma acontece com o conhecimento que o sujeito tem de si mesmo, ou seja, esse conhecimento vai sendo descoberto com a experiência e vai se acumulando durante a vida.

A percepção social do corpo é formada, também, por elementos, que dão um referencial ao trabalhador, para que possa posicionar o seu corpo nos espaços, utilizar os objetos, determinar quais são os movimentos necessários para realizar uma determinada tarefa. Essa percepção pode, assim, determinar qual tipo de comportamento é o mais adequado, e socialmente aceito, para uma determinada situação. Porém, nem sempre as posturas assumidas pelos corpos dos trabalhadores, socialmente exigidas nos ambientes de trabalho, são naturais, ou seja, nem sempre respeitam a biomecânica corporal. Muitas vezes o trabalhador, através do seu corpo, imita a postura do corpo de outro trabalhador, para se enquadrar nos requisitos sociais prescritos pela organização do trabalho e deixa de exercer uma crítica sobre a postura assumida, que muitas vezes é inadequada e causa sofrimento.

Em contato visual com a sua própria imagem, o sujeito faz uma síntese entre ela e a imagem construída, que tem de si mesmo. Podemos supor que o conflito do encontro dessas imagens pode auxiliar na motivação para exercer mudança. Pain (2001, p. 53) faz menção à questão dessa consciência corporal através de planos e, como diz: "o corpo é o lugar onde se realizam as coordenações sensório-motoras entre as percepções e as ações onde elas tomam um sentido".

As relações que são estabelecidas entre os movimentos e posturas do corpo e o ambiente ajudam a formar a consciência, a concepção desse corpo, corpo que se tem na mente em imagem. A imagem de corpo, a noção de corpo precisa ser

sempre completada, precisa ser sempre reavaliada, precisa ser sempre readequada, pois não é possível vê-la por todos os ângulos possíveis e ter uma consciência completa e definitiva.

As relações sociais se tornam, em relação à imagem que temos do corpo, um fator importante de avaliação e de valorização, que temos dele. O comportamento, expresso pelo corpo, não só na forma, mas no funcionamento também é, socialmente classificado. A noção de que um trabalhador tem movimentos corporais mais lentos ou mais rápidos é construída na relação social dentro da situação de trabalho nas organizações. Essa noção tem ligação, também, com as diferenças de experiências e de aprendizagens adquiridas na história de vida de cada sujeito. Fonseca (1995, p. 181) vê que,

[...] a noção ou imagem do corpo estrutura-se a partir dos estímulos periféricos e das preferências do movimento corporal (...), cujo produto final resulta na síntese (...), de posturas corporais, de padrões de movimento (...), dependentes da experiência cultural e da aprendizagem.

Assim, parece ocorrer que, na situação de trabalho, onde os sujeitos se encontram, as relações sociais permitem esse tipo de avaliação do próprio corpo e do corpo do outro. É o que nos trouxeram os trabalhadores através das suas produções reveladas pelos relatos e pelas entrevistas.

Essas mesmas relações sociais podem determinar a posição e a postura assumida pelos corpos nos espaços em que estão de certa forma, confinados. Nesse confinamento os corpos compartilham os espaços com máquinas, com equipamentos, e, com outros corpos, que se expressam, entram e saem do ambiente de trabalho. Por fim, esse confinamento dos corpos está amparado pelas normas sociais, pela burocracia, pelos limites que o espaço físico impõe, pelo arranjo físico dos objetos, pelas regras e normas da organização do trabalho e, entre outras, pela decisão dos corpos de estarem ali, alienados ou não, com ou sem auto-crítica.

As organizações, especificamente, aquelas constituídas para o trabalho assalariado, deixa o sujeito sem muitas opções de preservar a sua natureza humana, pois retira o tempo de recuperação, define posturas inadequadas a serem assumidas pelos corpos, sobrecarrega os organismos e afasta o sujeito da realidade, dificultando a sua aprendizagem sobre os efeitos dessas situações no organismo.

A produção humana dentro das organizações se dá através da criação de objetos, expressões, modificações ambientais, modos de usar, maneiras de desabafar, formas de se referir à realidade compartilhada socialmente. Esta produção começa a acontecer a partir do momento em que a organização determina “termos educados” para serem expressos nos relacionamentos de como utilizar o corpo de como coibir a expressão das paixões, etc. Porém, como o ser humano é voltado para a aprendizagem, para a criação e transformação da realidade, ele utiliza estratégias para preservar-se e satisfazer suas necessidades naturais. O sujeito, o trabalhador, precisa das estratégias de defesa para preservar a sua saúde tanto física como mental e para preservar a sua humanidade.

O parâmetro social de humanização dentro das organizações muda, passa da comparação de sujeito a sujeito para sujeito a objeto ambiental. Então, o trabalhador não é mais ou menos gordo relacionado com o outro, mas, é mais ou menos gordo quando ocupa maior ou menor espaço, quando o seu volume corporal não é adequado às cadeiras, às mesas, às dimensões dos equipamentos, quando o seu ritmo de trabalho não segue o ritmo da máquina ou quando a sua força física empregada já não desloca objetos nos ambientes.

Ainda nesta relação trabalhador e ambiente podemos nos ater às questões do tipo: ritmo, ordenação, pressa ou demora, postura, sendo todas elas determinantes para avaliação do sujeito. Isso passa a ocorrer e, observamos na prática, a sua existência quando dizemos que: tal trabalhador não acompanha o ritmo de trabalho; tal trabalhador não dá uma ordem aos materiais; tal trabalhador demora ou se apressa, ficando sempre fora do padrão esperado; tal trabalhador não se coloca adequadamente em relação à postura, que o equipamento exige. Dessa forma, o parâmetro de humanização só poderá ser o próprio homem e não as criações culturais, que o representam; assim como, não serão os elementos, que o circundam no ambiente de trabalho, que revelarão o grau de humanização do trabalhador. Assim, se passarmos a nos ater aos elementos da organização do trabalho, que desumanizam o trabalhador, podemos encontrar as melhores opções de soluções para os problemas, que causam sofrimento, sejam eles de cunho somático ou mental.

Enxergamo-nos da forma como a nossa mente foi preparada para ver, ou seja, através da cultura; através da nossa experiência; através da forma burocrática

que conduzimos nossos corpos no espaço organizacional; através do estado já alienado no qual nos encontramos quando os nossos corpos não fazem parte integrante do sujeito produtor; através da comparação dos objetos produzidos ou utilizados; e, através do nosso próprio corpo objetivado, socialmente, determinado. Enfim, nos vemos ou temos uma imagem de nós mesmos, ou temos a noção do nosso corpo, da forma como aprendemos através do sistema educacional, que vai além dos bancos escolares e perpassa os postos de trabalho nas organizações.

Se não compreendermos a linguagem do corpo, não ouviremos o que ele tem a dizer, seja para dar prazer, ou, seja para dar indicativos das fontes de sofrimento. Perder a capacidade de ouvir os reclamos do corpo, em vista da presença no ambiente laboral do perigo que causa sofrimento, é impossibilitar a elaboração de estratégias de defesa, seja ela individual ou coletiva.

A aprendizagem das estratégias de defesa passa, necessariamente, pela percepção orgânica do corpo, mas passa, também, pela percepção social do corpo. E, se a percepção social do corpo for observada com mais atenção e for estudada com mais profundidade, poderá contribuir, significativamente, para a elaboração de um sistema de aprendizagem mais eficiente de estratégias de defesa para a conscientização do trabalhador e para a prevenção dos sintomas do DORT.

Observamos que existe um fecundo conhecimento sobre o fenômeno humano da percepção social do corpo a ser explorado, que pode influenciar na qualidade da aprendizagem de estratégias de defesa. Conhecimento que diz respeito, também, a uma maior conscientização do trabalhador para os cuidados que deve ter com o seu corpo.

Em certa medida tentou-se demonstrar que a percepção social do corpo do outro trabalhador serve como parâmetro, para que se assumam determinadas posturas corporais, determinados ritmos e determinados dispêndios de força física e mental no ambiente de trabalho. Mas, também, foi preocupação revelar que os equipamentos, instrumentos e normas sociais de condutas, culturalmente determinadas, promovem um processo de inter-relação entre sujeito, grupo e organização, que contribuem de forma sistêmica para a fixação de conteúdo transmitidos no processo de aprendizagem.

Nesse processo de aprendizagem o trabalhador, enquanto sujeito aprendente, elabora estratégias de defesa em relação às situações de risco a sua integridade física e mental. Estas estratégias podem ser elaboradas individualmente ou coletivamente, mas são transmitidas, absorvidas e reelaboradas constantemente por aqueles que compartilham da mesma situação de risco.

O processo de aprendizagem dentro das organizações é disparado quando: o trabalhador se conscientiza da situação de perigo; a percepção orgânica do corpo é mais clara do que a percepção social do corpo; a dor surge, indicando algo de errado; ou, quando constata no seu grupo de trabalho o real adoecimento de seus colegas. A partir desse momento o trabalhador precisa identificar a fonte de adoecimento, precisa levantar os recursos disponíveis para alterar essa realidade e precisa fazer com que se preserve seu direito a uma condição de trabalho digna e sem comprometimento de sua saúde ou de sua qualidade de vida.

Temos que, as reflexões sobre processo de aprendizagem não podem mais ser reservada ao modelo educacional vigente, dando ao imaginário popular de que este processo ocorre apenas no ambiente escolar ou nas salas de treinamento das empresas. O processo educacional tanto para a formação do cidadão como para a capacitação profissional ocorre em todos os espaços sociais. Podem estes espaços ser mais ou menos estruturados, mas o processo é disparado quando o ser humano entra em contato com o mundo.

Ao se estabelecer o contato com o mundo o ser humano estabelece outro processo, que é o de ensino-aprendizagem, quando ao produzir conhecimento ou transformação do mundo e de si mesmo, passa a aprender e transmitir o que aprendeu. Se este processo falhar o ser humano para de crescer, para de evoluir e para de contribuir para o mundo que exige, constantemente, a sua presença atuante.

A Psicologia Educacional tem a sua importância na medida em que constrói subsídios específicos, para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra com maior e melhor eficiência. A Psicopedagogia começa a fazer parte integrante da equipe multidisciplinar, que cuida dos problemas e das pesquisas por novas tecnologias educacionais e de aprendizagem humana de maneira a contribuir com novas visões e novos aspectos da realidade, que influenciam, direta ou indiretamente, no processo de ensino-aprendizagem.

A pesquisa em Psicologia Educacional com enfoque na Psicopedagogia permitiu a utilização do método de pesquisa da Pesquisa-Ação, de maneira a possibilitar, além da elaboração do conhecimento em pesquisa social, a condução de uma metodologia capaz de considerar a participação ativa dos sujeitos da pesquisa. Outro resultado desse processo de pesquisa foi a conscientização dos participantes na medida em que se desenrolaram as ações, a transferência de conhecimento obtido no levantamento bibliográfico e as mudanças de comportamento indicando o despertar de novas possibilidades de resolução dos problemas apresentados pelas circunstâncias dadas pelo ambiente de trabalho.

Como é a proposta do desenvolvimento da Pesquisa-Ação tanto a devolutiva dos resultados como os encaminhamentos ou ações a serem tomadas, foram, então, tomadas duas ações técnico-administrativas, segundo as normas internas da empresa: primeiro, Registro dos Resultados do Levantamento Ergonômico; e, Encaminhamento Administrativo de Propostas de Mudanças.

1º) – Resultado do levantamento dos aspectos ergonômicos:

a) - A situação encontrada não só favorece o surgimento do DORT como promove a continuidade do agravamento da saúde dos empregados, uma vez que, após o tratamento médico o empregado retorna para as mesmas condições inadequadas, que deram origem ao afastamento;

b) - Com a evidência da descontinuidade do trabalho (desequilíbrio entre tempo, qualidade e quantidade de trabalho), em vista das condições dos equipamentos, da deficiência tecnológica, da variada carga de trabalho, temos que a organização do trabalho está prejudicada, precisando então, ser revista;

c) - Observou-se que a interação social no trabalho é boa, mesmo considerando as dificuldades, em alguns momentos, nos relacionamentos pessoais motivadas pelas exigências das próprias tarefas. O que mais chama a atenção é que as dificuldades que surgem são resolvidas pelo grupo, de maneira a manter um convívio social saudável.

2º) – Encaminhamento administrativo de propostas de mudança:

a) Solicitar para o departamento responsável "A"

- disponibilização de um arquiteto para a elaboração de um projeto, que envolva a concepção de estações de trabalho dimensionadas, adequadamente, para acomodar os grupos operacionais de trabalho e os equipamentos;

- elaboração de um novo lay-out para promover a separação dos serviços da área (A) dos serviços da área (B), de forma a evitar que o "ruído" produzido em uma área não interfira na outra.

b) Solicitar para o departamento responsável "B"

- reformular a disposição das luminárias, que deverão ser acopladas em calhas providas com difusores e assim evitando reflexos nas telas dos monitores;

- providenciar a manutenção, com urgência, dos ventiladores;

- limpeza periódica do filtro do ar condicionado, bem como manutenção preventiva do equipamento, evitando o aparecimento de níveis de ruído desconfortáveis;

- providenciar a colocação, no lado externo da parede do setor, de um sistema de proteção termo-acústico (anteparo), evitando o aquecimento (pelo sol) e a transmissão do calor para o interior;

- providenciar a colocação de mais uma unidade de ar condicionado com capacidade adequada para as dimensões do ambiente

c) Solicitar para o departamento responsável "C"

- aquisição de cadeiras adequadas (ergonômicas), substituindo as atuais;

- aquisição de apoios para os punhos tanto para o uso do mouse como para o uso do teclado;

- aquisição de protetor de tela para os monitores;

- aquisição de suporte para os pés;

- aquisição de suporte para monitor com ajuste de altura.

d) Solicitar para o departamento responsável "D"

- orientação para a correta avaliação do fluxo, volume e carga de trabalho;

- suporte para a implantação de mudanças;

- redefinição da organização do trabalho.

Esses encaminhamentos, necessariamente, precisariam ser feitos para que a empresa tomasse conhecimento de uma realidade da qual não tinha informação alguma, mas todos os participantes estavam cientes de que a mudança só viriam de acordo com os recursos materiais e financeiros. Esta seria uma das alternativas de mudança referente ao meio físico e técnico, administrativo e burocrático, mas existem ainda as mudanças feitas pela coletividade dos participantes da pesquisa e as mudanças individuais. Todas estas mudanças têm por objetivo modificar a realidade do trabalho e a realidade dos trabalhadores adoecidos. Registramos que, após o término dos trabalhos da pesquisa, uma das participantes da amostra de pesquisa decidiu pedir demissão da empresa e outras duas participantes decidiram procurar outras alternativas possibilitadas pela organização administrativa da empresa e conseguiram transferência para outros setores de trabalho, considerados menos prejudiciais a sua saúde.

Por fim, é preciso ressaltar que o DORT ainda se apresenta como uma doença ocupacional de maior frequência nos dias atuais na população trabalhadora e, portanto, tornam-se imprescindíveis pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento, que possam trazer melhorias para o processo de aprendizagem de mecanismos de defesa, entendida como a melhor medida preventiva contra o seu desenvolvimento. E, como uma problemática da classe trabalhadora, portanto uma preocupação social, faz-se necessário o desenvolvimento de Políticas Públicas de Saúde do Trabalhador, tanto a nível empresarial como governamental, numa ação integrada, para conter o seu avanço, já que é uma doença implacável nesses tempos modernos de alta tecnologia, alta competitividade e escassez de postos de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT. **Móveis para Escritório – Móveis para Informática – classificação e características físicas e dimensionais**, NBR13965. Rio de Janeiro, 1997.

_____. **Móveis para Escritório – Cadeiras – classificação e características físicas e dimensionais**, NBR13962. Rio de Janeiro, 1997.

_____. **Móveis para Escritório – Mesas – classificação e características físicas e dimensionais**, NBR13966. Rio de Janeiro, 1997.

ANDRADE, Márcia Siqueira de. **O prazer da autoria: A Psicopedagogia e a construção do sujeito autor**, Coleção Temas de Psicopedagogia. Livro 3. São Paulo: Memnon, 2002.

AZEVEDO, Cleomar. **As emoções no processo de alfabetização e a atuação docente**, 1ª ed. São Paulo: Vetor, 2003.

BARBIER, René. **A Pesquisa-ação**. Tradução de DIDIO, Lucie. 1ª ed. Brasília: Plano Editora, 2002.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza, **Psicologia da aprendizagem**. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

COUTO, Hudson de Araújo. **Ergonomia Aplicada ao Trabalho: Manual Técnico da Máquina Humana**. 3ª ed. Belo Horizonte: Ergo Editora, 1995. Vol. 1 e 2.

DEJOURS, Christophe. **Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho**. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 1994.

_____. **A Loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1987.

EQUIPE ATLAS, **Segurança e Medicina do Trabalho – Manuais de Legislação Atlas, Vol. 16, NR-17 “Ergonomia”**, 39ª ed. São Paulo: Atlas, 1998.

FIGUEIREDO, Luis Cláudio Mendonça. **Matrizes do pensamento psicológico**. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

FONSECA, Vitor da. **Psicomotricidade: filogênese, ontogênese e retrogênese**. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

_____. **Manual de Observação Psicomotora: significação psiconeurológica dos fatores psicomotores**. 1ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KRECH, David e CRUTCHFIELD, Richard. **Elementos de Psicologia**. Vol. 1 e 2. 5ª ed. São Paulo: Livraria Pioneira, 1976.

KRISHNAMURTI, Jiddu. **A Educação e o Significado da Vida**. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. **Manual de Aplicação da Norma Regulamentadora N° 17**. 2ª ed. Brasília: MTE, SIT, 2002.

MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL. **Norma Técnica sobre Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho – DORT**. Ordem de Serviço n° 606, de 05 de agosto de 1998. Brasília, DF. Publicada no Diário Oficial da União em 19 de agosto de 1998.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 3ª ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MOTTA, Fernando C. Prestes. **O que é Burocracia**. 16ª ed. São Paulo: Brasiliense. 2000.

PAIN, Sara. **A função da Ignorância**. ed. rev. e atual. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

_____. **Teoria e técnica de arte-terapia: a compreensão do sujeito**. 1ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

_____. **Subjetividade e Objetividade: Relação entre Desejo e Conhecimento**. 1ª ed. São Paulo, SP: Centro de Estudos Educacionais Vera Cruz, 1996.

PFROMM NETTO, Samuel. **Psicologia da Aprendizagem e do ensino**. 1ª Ed. São Paulo, SP: EPU, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

REGO, Tereza Cristina: **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 5ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

RODRIGUES, Marlene. **Psicologia Educacional: uma crônica do desenvolvimento humano**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976.

SADALLA, Ana Maria Falcão de Aragão. **Com a palavra, a professora: suas crenças, suas ações**. Tese de Doutorado. Unicamp. Campinas, SP: [s.n], 1997.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A Formação Social da Mente**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WISNER, Alain. **Por dentro do trabalho – Ergonomia, Método & Técnica**. 1ª ed. São Paulo: Oboré, 1987.

ANEXOS

ANEXO I

Helena: 25 anos; 06 de companhia; 06 anos na função.

Histórico de Vida Profissional

12/15 anos: Trabalhei como auxiliar de monitoras em uma escola para crianças carentes (MEM) da Paróquia São Judas Tadeu.

15/16 anos: Primeiro emprego com carteira assinada, desempenhava a função de auxiliar de escritório, tinha como afazeres: emissão de notas fiscais e duplicatas, cotação de preço de compra, colocar o preço de venda, passar e receber fax, separar a mercadoria e expedi-la, serviços bancários em geral. A empresa comercializava produtos de higiene, limpeza e alimentos não perecíveis para restaurantes, bares e cozinhas industriais.

17/19 anos: Mudança de emprego, empresa no ramo de auto peças, vendia principalmente para empresas de ônibus: reatores, relês, calhas, lâmpadas, lanternas, etc., os reatores eram de fabricação própria. O cargo era de auxiliar de escritório e tinha como atividades principais: emissão de notas fiscais de venda ao consumidor (pequena) e empresa (grande) e duplicatas; cotação de preço, receber e passar FAX; serviços de cartório em geral; serviços bancários inclusive pagamento de funcionários. Neste período alguns antigos funcionários em sociedade abriram sua própria empresa e me convidou para trabalhar com eles, houve mudança de emprego, mas desempenhei a mesma função.companhia, através de concurso público na função de digitadora, desempenhando a mesma função até este instante, mas de acordo com um ato do Presidente a função mudou de nome e passou a ser chamada de Agente de Videodigitação. Basicamente esta função tem como atividade principal a análise e digitação para conversão de imagens em autuação, o restante da história vocês já sabem.

Entrevista

1ª questão: Fale sobre o seu desenvolvimento corporal. Houve alguma preocupação em particular sobre o seu corpo?

Helena - *"Eu?! Se eu tive alguma preocupação? Tive porque, assim..., na companhia, né?! No serviço?! As cadeiras para mim, como eu sou pequenininha a cadeira não é adequada. Então, eu sento, se eu levanto a cadeira para poder apoiar para o teclado é porque eu faço com ela balançando. Se eu abaixo a cadeira para eu apoiar as pernas eu fico com as mãos para cima, entendeu? Então, quanto a mim, eu tive sim, uma preocupação de arrumar umas caixas para colocar embaixo da mesa para poder apoiar o pé. E tem que ficar sentada reta porque como a cadeira. Bem, como eu sempre trabalhei neste departamento, desde que eu entrei as cadeiras são as mesmas. Como elas não são adequadas ficam balançando assim (faz movimento lateral com o corpo). Eu sempre tento ficar na posição reta. Eu já cheguei a sair daí com dor nas costas".*

Eu vou tentar fazer uma pequena ponte. O que você acha do seu desenvolvimento corporal em termos de crescimento. Que tipo de doença tenha atrapalhado seu desenvolvimento corporal.

Helena – *"Não entendi".*

No seu crescimento...

Helena – *"Ah! Quando eu era criança, independente de eu ter trabalhado ou não!"*

Desde criança até os dias de hoje. Teve alguma doença, alguma coisa que você percebeu ou te preocupou nesse desenvolvimento do seu corpo.

Helena – *"Não, não. Eu só... Não, não. Porque, assim... em termos de estatura meus pais são pequenos, mas nunca tive acidente, nunca quebrei nada, nunca me machuquei e no meu crescimento só uma coisa que eu tinha, porque eu jogava muita bola, aí, de vez enquanto eu virava o pé. Só isso. Era muito engraçado eu jogava muita bola, muito futebol".*

Bom, nessa mesma linha é a segunda questão, que é agora: - Como você vê os corpos dos seus colegas? O que mais lhe chama a atenção. Você está no ambiente de trabalho, fica observando os seus colegas, em pé, sentado, trabalhando... Como é que você vê?

Helena – *"eu vejo todo mundo meio torto, né! Porque é um que tem dor aqui. Todo mundo muito mal acomodado. Não está claro isso: - mal acomodado, né!*

(eu) Pela queixa deles? Que eles falam para você?"

Helena – *"Não, não. O Jonas mesmo. Eu vejo o pessoal muito mal acomodado, porque cada um tem um. Tem uma estatura diferente. Eu sou pequena,*

mas tem funcionários lá que são enormes. Dá o dobro do meu tamanho. E a gente trabalha no mesmo lugar, fica na mesma mesa, na mesma cadeira. Com o mesmo equipamento. E sem ter como ajustar. Então fica eu que sou pequenininha com dificuldade e aquele que é grandão demais também tem. Então, acaba todo mundo ficando meio torto. Um senta mais torto assim, outro fica mais retinho, você entendeu? Outros já dão uma caidinha para o lado, ninguém fica direito. Agora, em termos de andar, não dá nem para andar direito porque nosso serviço é ficar sentado. Se é isso que você quer saber?!”

É nessa linha mesmo. E a terceira e última questão no momento, tá certo?! - Como você em particular, claro, acha que os seus colegas de trabalho pensam sobre o seu corpo? O que você acha que eles pensam?

Helena – *“Sobre o meu corpo? Bem, eu vou entrar de novo na questão que eu sou baixinha. Então isso é uma coisa que é concreta, lá. Eles acham que eu sou pequenininha. Até pelo meu nome que eu tenho no departamento, lá, que é azinha, meu apelido, lá. Então eu sou a pequenininha, a micro. Ah!, sempre a pequenininha, né. Agora em termos de postura, você quer saber?! Sobre isso ninguém comenta nada, para eu sentar direito, como já acontece com alguns outros funcionários que a gente pede para sentar direito”.*

Em termos de movimento, rapidez.

Helena – *“Rapidez! Todo mundo considera que eu sou rápida”.*

Que tipo de comentário que você percebe isso?

Helena – *“Uma vez já se comentou que eu tenho rapidez nos teclados. Por exemplo, para trabalho com uma pessoa tipo a Diana ou a Berenice a gente faz filme “a dar com pau”. É muito rápido trabalhar com elas. Agora, se é outro funcionário mais devagar como Ronaldo ou Jonas a gente já vai a 20 por hora. Você senta com a Diana ou com a Berenice, se for possível a gente faz 6, 7, 10 filmes dependendo, se for possível, porque a média que eles pedem é de 4 filmes por hora”.*

Lembra que eu falei para você, nós estamos vendo a relação entre o corpo e o ambiente de trabalho. Essa relação compreende o corpo, postura corporal, movimento, força e dimensões do corpo, tá certo? Mais alguma coisa você queria comentar sobre esse enfoque do corpo no ambiente de trabalho?

Helena – *“Bom, vou falar de mim. Em termos de postura eu acho que está beleza. Já a dimensão, eu sou pequena demais. Força tem um pouquinho, lá, mas é um pouquinho. Movimento eu sou super rápida. Acabou, né?! Tem mais um ?”*

Não. A não ser que você queira comentar mais alguma coisa.

Helena – *“Não. Não tem nada não para falar”.*

Vamos encerrar. É rapidinho.

Helena – *“Não tem direito à reclamação?”*

Esse vai ficar para uma etapa um pouquinho para frente, mas vai ter. Tá bom?!

Helena – *“Tá”*

Comentário individual, por escrito, após a exibição do filme

Na filmagem fica claro o modo como trabalhamos, porque no ambiente de trabalho muitas coisas passam despercebidas como:

Movimento dos olhos – ao me observar digitando nunca percebi o quanto abrimos e fechamos os olhos para mudar o lado que temos que olhar move para direita e esquerda.

Movimento das mãos – a Diana e a Alice trabalham com o apoio (análise) e mesmo assim as mãos ficam suspensas, os dedos não param de mexer nos controles (zoom, clarear imagem, mouse); a Berenice na hora que digita fica com os cotovelos suspensos embora o punho esteja correta.

Após verificar que trabalhamos como robôs fiquei mal, porque percebi o quanto estou me esforçando por nada, ou melhor, para adoecer mais rapidamente e constantemente.

Relato Pessoal dos Problemas de Saúde em Situação de Trabalho

Eu percebi que havia algo de errado comigo quando um dia vim trabalhar e não conseguia fechar a mão para pegar na caneta, nesta época nós escrevíamos enquanto analisávamos, este foi o primeiro sintoma, passou, no dia seguinte eu estava melhor, mas algum tempo depois voltou e assim continuou até eu procurar um médico.

Nos vários médicos (alopatas) era sempre a mesma coisa: engessa o punho e antebraço, fisioterapia quente para depois vir trabalhar no gelado (ar condicionado), alguns nem se quer me olhavam e já diziam “é tendinite, tome esse antiinflamatório, vamos engessar e depois fisioterapia. A receita está aqui, tchau”. Quando isso acontecia, eu nem fazia o tratamento, porque não sou animal e o veterinário parece ser mais atencioso com seus pacientes que nem falam do que esse tipo de médico.

Aí veio a fase do “deve ser coisa da minha cabeça”, já que o meu gerente e o encarregado falavam que nós trabalhávamos revezando e o serviço não era tanto assim (só que nós trabalhávamos sábados e domingos para tirar o acúmulo).

Passei a fazer tratamento com psicólogo e ela me indicou o homeopata, eu fiz este tratamento até nov./2001, quando a médica parou de atender adultos, junto com a alopatia eu vi resultados.

Meus colegas de trabalho sempre me ajudaram, após o diagnóstico foi que eu passei a revezar com quem quisesse e ninguém fez cara feia, até porque quem tem sabe como é, nos dias que estou bem analiso, nos dias que estou não muito bem faço outro serviço“

ANEXO II

Clarice: 30 anos, 06 anos de companhia, 06 anos na função.

Histórico de Vida Profissional

Desde a minha infância gosto de praticar jogos esportivos, como o volleybol e o frescobol, ambos na praia; com isso estava sempre me movimentando.

Comecei a trabalhar aos 13 anos como telefonista numa imobiliária. Estudava das 7:20 às 11:20h e trabalhava das 13:00 às 18:00h de 2ª às 6ª feiras e aos sábados das 8:00 ao meio-dia também em Santos.

Em 1987 vim com minha família morar em SPaulo aonde comecei a trabalhar como Recepcionista de 2ª a 6ª feira das 8:00 às 17 horas e a estudar das 19:00 às 23:30 h.

Em 1988 no Governo do Quércio, ele fez um programa com menores para terem o seu primeiro emprego junto com a Secretaria do Menor, aonde eu fui uma

das escolhidas e tive o meu primeiro registro em carteira como Aprendiz e fui trabalhar na Nossa Caixa Nosso Banco, aonde atendia telefones, datilografava cartas e relatórios e inspecionava extintores com um técnico de segurança do trabalho nas agências bancárias. Saí de lá em 1989 quando atingi a idade limite do programa.

Em 1989 mesmo, comecei a trabalhar como Auxiliar de Escritório em uma firma de materiais Elétricos, aonde atendia telefonemas, recebia pagamentos no caixa, datilografava num telex muito antigo, recebia e enviava fax. Fiquei neste emprego até 10/01/90.

Em 02/90 comecei em um outro emprego de Auxiliar de escritório aonde fazia toda a rotina de escritório. Saí de lá em agosto de 1990.

Desde 1988 fazia um “bico” paralelo a esse emprego como segurança em uma danceteria aonde revistava todas as meninas que entravam no salão e eventualmente separava algumas brigas que aconteciam e socorria algumas garotas que desmaiavam devido ao excesso de calor e bebida. Me dediquei a esse serviço de 1990 até 1994 exclusivamente.

Em 1994 comecei a trabalhar como Auxiliar de Escritório numa empresa de telecomunicações, aonde atendia telefonemas e digitava em um micro ordens de serviços, planilhas e relatórios. Aonde saí em setembro de 1994 quando ingressei na faculdade de processamento de dados.

Me dediquei de 1994 à 1996 aos estudos na faculdade e a ajudar a minha mãe na delegacia aonde ela trabalhava como escrivã de polícia e aonde eu datilografava planilhas e digitava inquéritos além de colocar em ordem o seu arquivo.

Em 1996 ingressei na CET como digitadora aonde analisava filmes fotográficos revelados a olho nu e em aparelho específico além de digitar planilhas de autuação. Além de estudar à noite na faculdade. Prossegui nessa rotina diária até 1997 quando me formei.

Desde então (isso há 06 anos) estou no mesmo setor fazendo o mesmo serviço. Como podem ver todo o setor tem algum tipo de LER ou DORT. Eu fui operada em Out/01 do túnel do carpo e como prossigo fazendo o mesmo serviço de nada adiantou. Fiz fisioterapia e no momento faço Acupuntura e RPG que amenizam o problema mais não o resolvem. Tenho dores nos braços, no pescoço e na coluna e dificuldade em carregar algum peso e em alguns momentos derrubo qualquer objeto que tenho nas mãos.

Entrevista

1ª questão: Fale sobre o seu desenvolvimento corporal. Houve alguma preocupação em particular sobre o seu corpo?

Clarice - *Desde pequena que sou uma menina obesa, nunca fui magra, mas tirando a infância, os xingamentos, nunca me importei com isso, porque eu nunca fui parada... Eu sempre fui muito vaidosa. Apesar de ser gorda eu me cuidava, eu me arrumava, eu me maquiava. E nunca me afetou. Como eu relatei antes (por escrito) eu jogava voleibol, frescobol, dançava, patinava, andava de bicicleta. Isso sempre em movimento. Então, nunca me afetou este fato. De 14 para 15 anos eu jogava vôlei na praia, eu caí num buraco e com a pancada eu fracturei a minha perna. Quebrei meu pé, depois engessamos, depois de uns 15 dias tiramos o gesso e descobrimos que não estava engessado direito. Fizemos alguns exames e foi detectado que eu tinha, o que era chamado de "pé de velha". Eu não tinha cartilagem no tornozelo. Então, ele não movimentava muito, ele inchava e virava uma bola. Aí, não dava, doía horrores. Me tiraram já esta tala e eu operei esse pé. Eu fiz uma cirurgia chamada artrodese subtalar do tornozelo direito, que é o enxerto da cartilagem no tornozelo, porque batia um osso no outro e inchava em vista desse atrito. Então, acabei fazendo a cirurgia. Eu tenho no pé dois pinos, dois grampos. No raio X tem dois grampinhos e talvez tenha que tirar agora, depois de 10 anos. Sempre trabalhei, sempre namorei, nunca me afetou a parte gorda. A minha saúde sempre foi ótima. Tudo que você pode imaginar que afete um obeso, eu nunca tive. Quando ingressei na companhia, folheando o "guia médico" eu descobri que a gente tinha consulta, tinha convênio com o H.C. eu liguei lá e pesquisando pelo H.C descobri que tinha um médico Dr. Garrido, que fazia cirurgia de obesidade, a gastroplastia. Eu fui a primeira funcionária na companhia a fazer isso. Nós fizemos alguns relatórios. Eu pesava, naquela época, 168 quilos, só que não parecia. Muitos me davam 120 quilos por eu ser muito agitada. Então, eu não aparentava o que eu tinha. E aqui mesmo trabalhando agitava, andava, carregava, quer dizer, nunca me atrapalhou. E por conselho do próprio médico o Garrido, ele achou melhor que operássemos logo, que fatalmente viria afetar a minha saúde no decorrer dos anos. Aí fizemos relatórios, a Psicóloga também. E o médico da companhia leu todos e fez um também. Ele e a Assistente Social. Com todos esses relatórios fomos falar com a Superintendência para ter a aprovação ou não, depois de uma semana, uma*

semana e meia, foi aprovado. Eles concordaram que não era para beleza, que isso prejudicaria minhas atividades aqui dentro e eu estava numa faixa chamada de mórbida. Em agosto de 98 fui para o Hospital em São Lucas, onde operei. Operei, fiquei recuperando da cirurgia e de lá para cá eu perdi 50 quilos. Tinha perdido 70, mas me deu anemia profunda e tinha tomado vários remédios e eu acabei engordando esses 20 quilos, porque ou eu pegava anemia crônica ou eu engordava e estabilizava a minha saúde. Depois voltaria fazer o tratamento. Depois disso a gente pegou e fizemos todo o tratamento como manda o figurino como era para fazer. Tomei remédio, fiz exercícios, fiz caminhadas. Eu tenho hoje em dia depois de 4 anos da cirurgia completos, eu como uma pessoa normal. Eu tenho o meu limite, se eu tomo chá de cravo, o cheiro da comida em volta me faz mal. Eu tenho que ir embora, coisas assim. Só que hoje eu como "de tudo". Isso nunca me atrapalhou no serviço, porque eu sempre fui uma das garotas que mais agitava, a ir mais rápido. Eu tenho uma vasta experiência em digitação. Então, o fato de eu ser gorda, nunca me atrapalhou. Aí, depois disso aí eu fiz 6 ou 7 cirurgias plásticas reparadoras. Depois ficava com a bunda pesada, os seios ficaram muito grandes, a pele mesmo. A mulher não tem a mesma facilidade do homem de voltar a pele. Voltando a trabalhar nós estávamos numa época difícil, aí! E eu, olha... o ritmo é maior. Acho que vou dizer uma coisa. Quando implantou o Sistema de Radar, na época meu gerente me pediu porque eu ficasse num negócio lá full time, em tempo integral na empresa. Então eu entrava seis horas da manhã e saía às seis da tarde. Era liberada as minhas horas extras na época e ficava o dia inteiro. Entrava das seis às sete no computador, fazendo relatórios para ele. Das sete às seis da empresa, verificando os filmes todos digitalizados e era uma a uma. Hoje a gente faz por amostragem.

Por quanto tempo?

Clarice - *Por um ano e meio... Fiquei nervosa, pedi para sair. Não agüentava mais. Tinha atritos com o próprio gerente, acabava brigando com ele. Eu chegava a falar para ele: - você não vai me tirar. Eu ia acabar pedindo as contas, que eu não estava agüentando mais. Ele berrava com a gente, gritava e a gente não podia responder, precisava do emprego. Então, eu ia para casa chorando, aos prantos. Foi quando começou a me doer. Me doía e eu passava alquinhó (álcool).*

Doer?

Clarice - *Doer os braços e a coluna. Começou pela coluna. Eu tinha dores horróricas na coluna, que me travava. Então, eu saí de licença. Quando eu voltei tinham me tirado da empresa de radar e fui para o serviço que eu fazia, que era digitar, que eu fazia paralelo. Esse um ano e meio paralelo. Na época eu digitava, eu analisava... trabalhava de sábado. Eu vinha no mesmo horário aos sábados. Aí, depois disso aí, nós pegamos e eu voltei a trabalhar. Era na época que estava mudando os equipamentos, empresas de filmes da rua. E... atrasou os filmes. Tinha prazo para entregar. A gente não respirava, nem levantava para ir ao banheiro. Então, a gente começou a reclamar. Não sei se eu não estava acostumada com o peso que tinha, e eu perdi esse peso, começava a doer, doer, doer, que eu fui para no ortopedista. Ele descobriu: primeiro descobriu a tendinite que atacava os braços e a coluna. Aí, saía de licença, ficava 2... 3 dias em casa, 5... Até que eu começava a ir no ortopedista, ele mandou que eu fosse no neuro. Neurocirurgião, neurologista, ele fazendo algumas perguntas, me examinando ele bateu na minha mão, deu um toquinho no punho e me deu um choque. Aí, ele falou assim: você já fez um exame chamado eletroneuromiografia? Eu falei: - não. Eu já fiz ressonância, tomografia, menos isso. Ele mandou saber. E se descobriu que eu tinha Síndrome do Túnel do Carpo e decidiu operar. Aí, nós operamos. Duas semanas depois a companhia liberou, nós operamos. Fiquei 5 meses, não!, 3 meses de novembro a março, maio, não... dezembro - janeiro, fevereiro. É isso. Em maio eu voltei. Não completou os 4 meses eu voltei a trabalhar no mesmo ritmo. Era a mesma pressão, fazia a mesma coisa digitando, analisando filmes. Todo o serviço do meu setor é feito com as mãos. Você digita, analisa filme, enrola filme. Tudo é feito manualmente. Não tem jeito. É um setor que só trabalha com as mãos. E feito isso eu comecei a voltar a ter as minhas dores. Aí, eu fiz fisioterapia 10 sessões. Trabalhei acupuntura na coluna e estou fazendo RPG, esperando tudo melhorar. E não tem melhorado em nada, porque diminui, na hora a dor passa, aí você volta no mesmo ritmo, continua doendo. Já chegou a época de eu ficar trabalhado, porque não só o corpo, como você falou, mas tudo em volta no setor atrapalha. Então, você fica mais arcada em cima do equipamento. A coluna, você fica arcada em cima da mesa por causa de que o equipamento não chega até você, você tem que chegar até o equipamento. Que é a história dos fios, que é pequeno. Eu mudei o lay-out dentro da empresa, da sala porque ficava tudo em cima da mesa, os dois CPU, os dois micros, a tela, tudo, não dava. Aí eu dei a idéia de colocar o CPU debaixo da mesa. E, eu que coloquei,*

não foi o GIN que colocou. Eu ia para debaixo da mesa instalar. E fiz faculdade. E sei mexer com isso. Então, eu fiz para amenizar o nosso serviço, para diminuir aquilo a nossa frente. Nós trabalhávamos com aquele equipamento que era verde, ainda, que doía nos olhos de tanto olhar para a tela. Hoje em dia não. O micro é um pouco melhor, mas não tem proteção de tela, não tem nada, mas atrapalha. O projetor é manualmente. Você puxa o filme volta, o filme acaba virando manualmente. As cadeiras. É tudo muito ruim. Então, acaba afetando. Eu acho que como você falou do corpo, eu fugi um pouquinho do corpo. Mas o corpo assim, ajuda no que você está fazendo, não atrapalha? Sim, só que tudo em volta me atrapalha. A cadeira não chega até o meio da coluna. O equipamento não chega até você. Você tem que arcar até o computador para você poder digitar. Tudo isso atrapalha a gente. Então, todos do setor têm problemas, um tem tendinite, outro síndrome do túnel do carpo igual eu, outro é bursite, outra menina tinha bursite, ela travava todo o ombro dela... E não tem facilidade de mudança e porque devido aos problemas a empresa determinou, aí. Não tem nada efetivado. Eu cheguei a ouvir de um gerente antigo que não mexia no time que muda, ó! O time que estava ganhando ele não mudava, ele não mexia. Então tem tantos problemas, que a gente tem.

Há alguma perspectiva sua de mudar?

Clarice - *Eu quero mudar. Vou tentar. A minha idéia é com o GIN. É onde eu me formei é aonde eu sei mexer. Muitas vezes quando dava algum "pau" no setor eles me chamam. Aí, vai eu resolver. Aí, chamar alguém que acaba demorando, que acaba não resolvendo, aí, então, acabou eu resolvendo ali, para agilizar. Então, a perspectiva que eu tive desde o começo é seguir minha carreira que é dentro da informática. É isso, eu acho que é isso.*

Uau! Ótimo. Vamos observar bem a relação que você fez com o corpo e com as coisas, equipamentos de trabalho, mas tem aquela parte também do relacionamento, da pressão, todas as circunstâncias que o seu corpo não deixa de estar relacionado.

Clarice - *É isso Alcides, a gente teve um problema, a gente teve um controlador na época, que a gente brigava direto. Era um clima cheio de tensão. A gente chegava triste para trabalhar. Era um setor que todo mundo queria entrar. Pedia, de novo, quando tinha que trabalhar, "adicionava ao setor". Chegou uma época de berrar, gritar com ele porque ele achava que virou gerente na época, não é que ele virou gerente, é igual ao Silas, agora. Ele era chefe de setor, não sei o nome*

agora, me fugiu. Ele virou, e achava de mandar na gente. A gente vivia tensa. Teve uma menina, tinha bursite, que não agüentava ele. Eu cheguei uma vez, de chegar de estar de licença e vir aqui para buscar benefícios, ela me contar que ele tinha mandado ela para o SIP. Aí, ele me virar e dizer que: - a próxima é você. Sim, tava muito tensa. Aí, sobre o caso eu me virei e falei: - eu quero ver. Eu falei para ele: - se eu chegar e você me trocar de setor eu vou falar como Presidente. Eu falei para ele: - quero ver você me tirar daqui. Bom, o ambiente era ruim, a pressão da Gerência.

Não o atual, né?!

Clarice - *Não, do anterior. O anterior ao Silas. O Silas é amigo nosso. Nós temos muita amizade, de bagunça, fazer viagens. Às vezes a gente foge do chefe, mas acaba, a gente resolve, com o outro não, dava muito problema. Era muita pressão. E devido a tudo isso a gente é muito amigo, se dá bem um com o outro. As duas turmas, uma queria... As duas turmas, dois chefes, fora o controlador, quer dizer, fora um outro chefe aqui... quer dizer, um de cada turma e um geral, fora o gerente. Era muita gente em cima da gente. Então, queria mostrar que existia muita rivalidade mesmo na época, antes de juntar todos. Então tinha tensão. Parte era emocional, familiar, desespero, todo mundo tinha problema. Fora o que tem aqui, tem um outro. Então, acaba prejudicando, entendeu?*

Então, vamos fazer uma ligação direta com a 2ª questão, que é a seguinte: Como você vê os corpos dos seus colegas? O que mais lhe chama a atenção? Agora você está vendo o corpo do seu colega relacionado com o ambiente de trabalho. O que você repara? O que ressalta aos seus olhos? O que você já pensou daquele indivíduo, daquele outro ali...? Entenda bem... não é julgamento de valor, tá certo? Como você percebe isso, os corpos deles em relação ao trabalho?

Clarice - *Muita gente, um tem problema de tendinite, bursite outro tem emocional, cada um tem seus problemas de depressão, esses e outros problemas. Você sabe que acaba afetando o ambiente. Cria assim um coro. Ah! Eu não gosto de fazer isso. Eu acho assim... como a gente é uma equipe cada um tem que ter a sua contribuição. Se eu procurasse por prevalecer que eu tenho tendinite, bursite, seja o que for, e não faz o serviço, alguém vai ter que fazer. Então, lá no setor tem isso. Sobre o corpo em si, a postura, é difícil ver.*

A postura. Isso. São essas coisas que eu disse no começo, que é ligado ao corpo. A postura corporal tem também, como você observa, o movimento dos corpos

das pessoas. Tipo assim: pessoa rapidinha, pessoa lenta. A força exercida e a dimensão dos corpos. Não quer dizer apenas o gordinho. É que o corpo ocupa um espaço. Então, o corpo, você repara nele, quando você relaciona ele com os equipamentos, com a cadeira. A forma como eles utilizam, eles se colocam no ambiente.

Clarice - *A dimensão do corpo de cada um?! Havia reparado, assim... na dimensão... corpo. Tipo eu. Eu tenho um jeito de trabalhar, não é por causa de eu ser gorda. Assim eu coloco a cadeira de um jeito que é mais fácil para trabalhar. Apoio nas costas, levanto mais a cadeira, as demais abaixa, por que? Porque, como você disse, eu sou gorda, mas eu sou alta, então, eu tenho uma cadeira diferente, tem que colocar no meio da minha coluna para não me machucar. Tem gente que é magrinho e baixinho. Ela vai lá e abaixa. Outra tem perna mais longa, apanha outra cadeira. A gente não tem uma cadeira só nossa. Tipo assim, esta cadeira é só nossa e a gente arruma do nosso jeito. Então, o que vier é o que tá. E muitas vezes o seu corpo não está bom para aquela cadeira. Mas, pela pressa, pela deficiência do equipamento tem que trabalhar com o que está ali. Isso afeta o trabalho. Isso afeta a gente. E muitas vezes dependendo do equipamento que você está, trabalha de um jeito, então você coloca o teclado em cima, embaixo, para melhorar a mão. Eu já reparei que cada um tem o seu jeito de trabalhar. Tá? Eu trabalho com duas máquinas do lado. Eu trabalho com o teclado embaixo, com suporte das mãos. Para mim adianta. Eu tenho problemas nas mãos. Não adianta apoio nos braços tem que ser nas mãos, no pulso. Quem tem tendinite não coloca embaixo o suporte e o teclado embaixo.*

Você está dizendo que a pessoa que você sabe que tem tendinite ela utiliza o equipamento de outra forma, colocando o suporte?

Clarice - *É. Ela tenta amenizar a dor. A gente não sabe. Ela não vai no médico mesmo. Para o médico dizer se ela tem tendinite. Ela tem dores. Ela vai descansar em casa, dorme, vem de cabelo pintado. Ela não via ao médico. Ela não quer ir para a "caixa". O medo da gente é ir para a "caixa". Ah! Não, vai ficar doente, aí vai aparecer, aí vai para a "caixa". Igual a Helena, ela entrou com a CAT e em seguida foi para a "caixa". Então, tudo assim... é a "caixa" por causa do problema. A gente tem aberta já a CAT, eu, ela, a Gisele. Quem já tem, morre de medo e quem não tem já não quer ir para não abrir, que sabe que vai sujar a carteira, que prejudica a gente, porque, quantas vezes nossas carteiras foram carimbadas com*

LER ou DORT, você está presa ao que você tá. Aí, chega, você vai se segurar para não te mandar embora, em compensação se te mandarem embora você não consegue outro. Então, quem não foi ainda... só que às vezes não vais ao médico. Não, não vai porque, fatalmente, vão... A gente conversa muito. Que nem hoje de manhã, a gente fala isso: - não, não vou, imagina! Tá doendo, mas se eu for o médico vai botar gesso, aí, vou ficar presa. Entendeu?! Isso é o problema da gente. Quem a gente sabe que tem tendinite, que tem esse problema, tudo bem! Se adapta do seu jeito. Muitas pessoas que não vão ao médico com medo que tenha.

Há algum outro detalhe que você observa, assim... nos corpos das pessoas, que ressalta? Uma pessoa fica torta assim, a outra fica...

Clarice - *Lá tem pessoas, assim... parada demais, né! E outras agitadas demais, porque eu sou muito agitada. Eu brinco com o pessoal, falo que eu nasci de 7 para 8 meses. Aí, não tenho paciência para nada. Então, se preciso pedir alguma coisa para alguém. Oh! Se não dá para atender, até a pessoa acordar, eu já fui, atendi. É assim. Tem gente que é muito mais agitada e tem gente que é muito mais parada. Foi o que te falei. Aí, sobrecarrega quem é agitado. Ah! Não. Vamos devagar fazer isso. A outra vai e faz. Aquela que foi na frente, porque viu que está demorando demais, sobrecarrega. Muitas vezes você está com 2 - 3 serviços, enquanto a outra está com um. Se dedica só aquilo. Isso te enche. A gente repara muito isso, porque enquanto um é mais parado, mais lento, mais devagar, umas é mais agitadas, mais participativas, mais... sabe?, vai e faz.*

Você nota tensão nas pessoas? Você observa isso? Todos os que estão lá! Você é capaz de dizer quem está mais tenso, quem está mais tranqüilo?

Clarice - *Quem eu tenho mais contato sim. Eu não sou de reparar muito nos outros, porque eu não gosto que reparem em mim, me enchendo a paciência. A gente repara quando a pessoa está nervosa, chateada, dá para perceber. Eu, principalmente, quando vejo que a pessoa não está legal, não está bem eu procuro até evitar, chamar muito, pedir para vir, porque acaba afetando o serviço. E eu sei quando eu estou nervosa. Gosto de ficar de ficar no meu conato, colocar o walkman, fazer só aquilo ali, só digitar. Que eu sei que vou acabar atrapalhando. A gente vê isso nos outros. A gente está muito tempo junto. A mesma equipe há seis anos. É impossível dizer: - eu não conheço ninguém. Muitas vezes a pessoa chega e diz: - Bom dia!. A gente sabe que não está bem pelo "bom dia". são seis anos juntos. Acho que os mais novos ali é o Jonas, Fátima e o Ronaldo, o resto eu a Berenice a*

Helena e a Gisele estamos 06 anos juntas, tudo junto. Uma entrou em agosto, a outra em julho, tudo junto ali. Então, não tem como, sabe?! Pelo "Bom dia" sabe que não tá legal. Não está bem fulano?! O que está acontecendo?! Tenta ajudar, participar. Mas, a gente repara, isso sim. A tensão, o nervosismo da para perceber. É o que eu falei há seis anos, o mesmo setor, o mesmo pessoal, o mesmo serviço. Aí, repara sim.

Vamos, agora, direto para a última perguntinha. Diz respeito a observação dos corpos, sem julgamento de valor. Como você, em particular, acha que os seus colegas de trabalho pensam do seu corpo? Lembre-se o seguinte, que é o corpo relacionado ao trabalho: o corpo em movimento, postura corporal, força aplicada no trabalho e dimensões do corpo. Como é que você acha que os teus colegas te vêem?

Clarice - *Agitada, totalmente. Às vezes eu acho que tenho paciência mínima. Eles acham que eu sou muito, assim... agitada, muito rápida, nervosa, entendeu? Muitas pessoas falam: - precisa ter calma. Eles sabem que podem contar comigo quando precisar. Eu não fujo do serviço. A gente faz uma amostragem de auditoria. A gente chama, entre aspas, de auditoria das empresas terceirizadas, ninguém gosta, a gente faz. Cada dia eu vou e faço, sabe! Eles sabem isso, que... isso eu tenho certeza, por mais nervosa, sem paciência que eu seja, quando precisar, pode contar. Eu não fujo de serviço, como eu te falei. Se tiver que abaixar debaixo da mesa para arrumar CPU, eu vou arrumar. Eu não fujo do serviço. Isso eles sabem. E não sei ficar parada.*

Esse olhar dos colegas, muitas vezes, ele dá sinais ou pergunta ou aponta alguma coisa para a gente. E você sabe como eles estão nos olhando. Eles falam alguma coisa para você? Você é assim, você é mais "assado". Mais alguma coisa, além dessa agitação toda, que eles comentam?

Clarice - *Eles acham louvável que eu fiz a operação, né! Porque foi uma mudança drástica, né! Tiraram uma pessoa dentro de mim, 50 quilos. Tira uma pessoa dentro de você. E, eu, hoje mesmo comentei com as meninas. Elas falaram assim: - você está de licença! Elas ficaram apavoradas, é dor isso, é aquilo. E ainda comentei, que acho que vou ter que fazer uma outra cirurgia no estômago para diminuir a boca do estômago. Então, eles acham o que eu faço, por eu ser agitada, tudo assim... eu sou muito determinada. Se vamos fazer, vamos. Se é para análise, comparação, vamos. Temos que fazer, vamos, e acabou. Então, isso eles falam*

muito. As pessoas que me conhecem desde o começo falam: - Não, você é um modelo de pessoa, você foi lá batalhou, fez. É isso que eles falam. Por mais que eu erre, eu continuo gorda, ainda estou dentro da obesidade mórbida. Mas, pelo que eu me entendo, quem me conhece desde o começo, sei lá! Realmente, uma mudança drástica, sabe! Todo mundo da empresa que aparece no Setor não me conhece e fala comigo, de outros lugares. Então, o pessoal só fala isso, que eu sou muito agitada, muito nervosa, assim... vamos fazer, eu não gosto de esperar. Se tiver que fazer é fazer logo. Então... Hoje mesmo estava digitando, aí ela me chamou para fazer um negócio, falou que estava no computador para fazer para o Silas, sentei de novo. Então, eu faço assim. Eu sou uma pessoa, por ser agitada, eu faço 3 - 4 coisas ao mesmo tempo. Eu atendo ao telefone, atendo uma pessoa e trabalho. Se tiver que conversar para pessoa ficar legal, vamos conversar. É isso que o pessoal acha legal. Embora eu sou chata, respondona. Acabo respondendo mesmo, vira e volta, eu respondo. E eles sabem que se um dia eles chegam e eu estou quieta, então eu estou bem. Muitas vezes nós temos um dia que agente chama de coringa, que faz de tudo um pouco, né! Então é o dia que eu sento num canto, coloco o walkman para fazer alguma coisa. É sinal que eu estou bem. Eu sou uma pessoa participativa, vamos reunir, vamos almoçar, vamos fazer um serviço, vamos ajudar, vamos fazer assim... Eu acho que eles me vêem desse jeito. Uma pessoa, embora sabe? aquele defeito de não ter paciência, de ser nervosa e até às vezes malcriada, eu sou participativa, eu sou determinada. Eu te falei, apesar de eu ser gorda ou parada, o pessoal tem uma visão, não no meu setor, a população em geral, quem é gordo não faz nada. Aqui na companhia quando eu acabei contando o quanto eu pesava... magina! Você é louca. O pessoal não acreditava que eu pesava isso. Porque? Exatamente por isso, eu sou agitada, por eu não ser parada. O chefe, as meninas me vêem desse jeito.

Comentário individual, por escrito, após a exibição do filme

Como no dia da gravação da fita eu deveria ter ido ao médico por causa do meu problema do túnel do carpo nas duas mãos ou estado de licença pelo mesmo motivo, não via minha imagem na filmagem. Mas, sei que minha postura no ambiente de trabalho é péssima... Minha coluna é torta devido às péssimas cadeiras e a disposição dos equipamentos; minhas mãos, punhos, braços e coluna doem

muito devido a vários esforços repetitivos diários que não percebemos devido a rotina.

Durante a filmagem vi vários colegas em postura errada... Com a coluna torta, a mãos em constantes movimentos, a cabeça e os olhos também não paravam. Sei que isso é a total falta de equipamentos de trabalho que causa.

Me impressionei muito com o fato de que estamos tão acostumadas com o serviço que percebemos o quanto parecemos robôs trabalhamos, sempre com o mesmo movimentos, a cara de cansaço, o tédio, etc....

Outra cena que me impressionou muito foi o fato de a sala parecer tão desarrumada, bagunçada, etc... Aí eu fico pensando naquela cena, mais o calor insuportável, mais o falatório dos dois setores que dividem a mesma sala, e me dá uma sensação de mal estar enorme.

Com a fita correndo mais que o normal parecíamos aqueles filmes “pastelões” preto e branco onde a filmagem era mais rápida e todos pareciam máquinas.

Me lembrou o filme do Charles Chaplin “Tempos Modernos” aonde ele trabalha em uma fábrica e é tão robótico os seus movimentos que ele sai de lá fazendo as mesmas coisas como um robô sem sentimentos, sem dores, sem nada.

Todos do setor tem algum tipo de “ite”: - bursite, tendinite, tenosinovite, gastrite, esofagite, etc... Devido aos esforços repetitivos, a tensão, as preocupações, ao ambiente de trabalho, etc....

Sei também que todos nós tentamos nos adequar às condições que temos para trabalhar, mas, muitas vezes essa nossa tentativa de “dar um jeito” nos acarreta problemas ocupacionais e de saúde.

E essa filmagem só nos demonstra como é precária a nossa condição de trabalhar e como com o passar dos anos nada se modifica...

Relato Pessoal dos Problemas de Saúde em Situação de Trabalho

Antes que ingressar no quadro de funcionários da Companhia, nunca havia sentido ou tido algum sintoma de LER/DORT.

Entre na Companhia em agosto/96 numa área aonde o trabalho era e é contínuo devido ao prazo legal de temos de cumprir

Trabalhava das 06:00 hs às 14:42 h de segunda a sexta numa equipe de 06 pessoas aonde tínhamos que autuar veículos que ultrapassavam o sinal vermelho e

o limite permitido de velocidade em um equipamento precário que o zoom a gente controlava com as próprias mãos e num outro que qualquer movimento/ação era feito manualmente e depois transcritos em uma planilha. Após feito esse trabalho, essas planilhas eram digitadas num terminal da PRODAM tão antigo que a tela era escura e as letras num verde fluorescente que incomodava os olhos.

Além disso, as cadeiras, as mesas e o posicionamento dos equipamentos eram e é incômodos e a gente tentava se adequar usando listas telefônicas, suporte para os braços e pés, etc... Para facilitar o desempenho do serviço. Muitas vezes, com o acúmulo de serviço fizemos (alguns) horas extras nos finais de semana... E na época tínhamos uma gerência e um controlador que nos pressionava, nos intimidava deixando o ambiente de trabalho praticamente insuportável. Com o passar dos anos algumas modificações aconteceram no setor melhorando um mínimo o serviço, mas não resolvendo os problemas já existentes.

Devido ao trabalho excessivo, a deficiência dos equipamentos, a pressão por causa do prazo legal comecei primeiramente a ter dor nos olhos e na cabeça. Fui em um oftalmologista que disse que eu estava “com os olhos cansados” e que deveria usar durante um tempo óculos para descanso. Eu, que até então nunca precisei de um óculos, comecei a usá-lo.

Depois de um tempo comecei a ter dores na coluna e um ortopedista diagnosticou como lombalgia e me receitou além de descanso, algumas injeções. Como com o retorno ao serviço e a má disposição das cadeiras, mesas e equipamentos, as dores persistiram e numa nova consulta ao ortopedista foi descoberta que eu tinha adquirido a tendinite aonde meu braço foi colocado numa tala e onde fiquei uma semana de licença. Após a licença com nenhuma mudança no setor com os equipamentos, mesas, cadeiras e o ritmo de serviço voltei a ter dores nos dois braços inteiros, pescoço e metade da coluna. Não agüentando mais as dores e voltando ao ortopedista, num exame mais específico como a tomografia, a ressonância e por fim a eletroneuromiografia foi diagnosticado, além da tendinite que eu tinha, “Síndrome do túnel do carpo” nos dois braços que atingiam em forma de T (passando pelos braços, pescoço e coluna até a metade). Fui encaminhada para um neurologista, aonde fui submetida a uma cirurgia no punho D primeiramente e talvez no E futuramente. Foi aberto na empresa um CAT e eu fiquei mais um vez de licença. Na volta a rotina de serviço e os problemas já mencionados acima, com o tempo as dores voltaram e eu comecei a fazer fisioterapia, depois RPG e também

acupuntura que na hora melhoravam as dores, mas depois de mais um dia de trabalho elas voltavam.

Com esse problema comecei a ter dificuldades de digitar num ritmo a qual estava acostumada, comecei a ter dificuldades em pequenas tarefas como: varrer a casa, colocar roupas no varal, escrever, etc. Tarefas essas que me faziam e fazem ter dores nos braços principalmente e no pescoço e coluna. Para piorar, se pego alguma coisa um pouco mais pesada como: travessas, pratos, panelas cheias não agüento, meus braços falham e derrubo tudo. Essa sensação é HORRÍVEL, que me deixa completamente “acabada”. Me sinto quando isso acontece inútil, indefesa.

No começo a chefia achava que era exagero da parte dos funcionários. Mas, com o passar do tempo e o aumento do número de funcionários no setor com problemas como a tendinite, a bursite, a tenossinovite e a síndrome do túnel do carpo eles começaram a perceber que havia algo errado.

Todos ou quase todos do setor já entraram no Banco de Transferência. Alguns conseguiram, outros pediram demissão e os que ficaram continuam no mesmo ritmo, com os mesmos problemas e fazendo sempre as mesmas coisas já que 99 % do nosso serviço é feito manualmente.

De tempo em tempo algum funcionário saí de licença médica por AT – exercício e quando voltam começa a mesma história de fisioterapia, RPG, medicamentos, homeopatia, acupuntura, etc.

E assim se vão quase 07 anos de empresa no mesmo setor, fazendo o mesmo serviço e com os mesmos problemas de mesas, cadeiras, equipamentos e principalmente os de saúde adquiridos durante esse tempo.

ANEXO III

Alice: 36 anos, 13 anos de companhia, 03 anos na função.

Histórico de Vida Profissional

O que marcou bastante na minha vida escolar foi a 4ª série primária, por que eu sempre fui boa aluna, tirava notas boas e era a escolhida para participar dos passeios que a escola oferecia.

Sempre foi muito difícil estudar, pois éramos em oito filhos e minha mãe não tinha condições de comprar material escolar para todos e nem uniforme.

Mesmo assim eu estudava bastante para ser sempre a aluna nº 1 em notas. Estudei no mesmo colégio da 1ª à 8ª série, sendo que comecei a trabalhar com 11 anos. Não tive tempo para curtir minha infância, pois precisava trabalhar para ajudar minha mãe e meus irmãos.

Quando completei 18 anos fui trabalhar na (Lacta), empresa de chocolates, mas fiquei lá somente quatro meses, quando fui demitida e tive a carteira profissional suja.

Fiquei sem emprego nove meses e, enquanto isso, fiz curso na escola de Auxiliar de escritório e também de datilografia em uma escola fora da escola. Quando foi no ano de 1986, através de indicação fui trabalhar em uma Auto Escola, ocupando o cargo de Auxiliar de escritório. Fiquei lá três anos e nove meses quando prestei o concurso para a Companhia, então para trabalhar na Zona azul.

Trabalhei na zona azul durante sete anos, até perceber que estava com desgaste da rótula do joelho esquerdo. Fui afastada pelo ortopedista para fazer tratamento no joelho e fiquei fazendo serviço burocrático no escritório que ficava na Rua da Consolação. Durante o ano que estive fazendo serviço interno não sei dizer quantas vezes as pessoas da Zona Azul me perguntaram por que eu estava interna. Eu sem resposta não falava nada. Foi quando a assistente social da empresa me chamou para fazer uma entrevista, fiz três e fiquei aguardando. No ano de 1997 fui chamada para uma entrevista no DMT. Comecei a trabalhar e estava tudo bem quando a encarregada de lá foi demitida e eu estava de férias. Voltei para trabalhar e já tinha outras pessoas naquele departamento.

O tempo foi passando e eu já não estava agüentando mais de tanta pressão das pessoas que entrei em depressão, pois eu não queria mais voltar a trabalhar naquele Departamento. Quando eu cheguei neste estágio de depressão eu já havia adquirido tendinite também. Fiquei afastada para tratar a tendinite com o braço esquerdo engessado durante dez dias. Foi quando fiquei sabendo que o Supervisor do departamento desconfiava de mim, achando que eu tinha falsificado o atestado. Então eu fiquei surpresa com a atitude do Supervisor então comecei a procurar as pessoas certas para me defender, a fim de não ser prejudicada por essas pessoas.

Fui procurar um outro Departamento, conversei bastante com o gerente, e então falei tudo que estava acontecendo comigo e ele me disse que eu começaria trabalhar na próxima semana. Quando saí daquela sala senti que tirava um peso das costas e estava muito feliz, pois à partir dali minha vida seria outra. Fui bem recebida

no outro depto., embora fui para lá com depressão ainda. Embora o depto que estou o serviço é repetitivo, estou feliz lá. Continuo com tendinite, mas faço alongamento no Sesc para sentir um pouco de alívio e menos dor.

No departamento que estou acho que precisa de algumas mudanças, como por exemplo, o espaço físico por que aumentou mais um equipamento, fora o calor que está insuportável, sendo que eu já passei mal no Departamento por conta do calor dentro da sala e a falta de ar que sinto na sala quando estou trabalhando.

Entrevista

A 1ª grande questão, lembrando aquela relação entre o corpo e o ambiente. Fale sobre o seu desenvolvimento corporal. Já vou explicar. Houve uma preocupação, em particular, sobre o seu corpo. O que eu quero que você tente lembrar agora é o seguinte: - desde a sua infância, adolescência até a idade adulta, o corpo que você tem hoje. Você teve alguma preocupação com ele, por exemplo: eu não gostava que eu era assim... eu não gostava de mim inteira ou de uma parte dele, ou se você teve algum tipo de doença ou teve algum tipo de acidente. Essa é a primeira parte, tá? A segunda parte é você relacionando, como você vê o seu corpo no ambiente de trabalho.

Alice - *Tem que responder a primeira, né? Quando criança eu não tive nenhuma doença. Eu tive caxumba, esse negócio que não tem nada a haver. Mas eu sempre fui gordinha, sempre achei que eu era diferente das minhas irmãs e que alguma coisa estava errado. Quando eu alcancei 20 anos comecei a engordar, que não teve jeito. Eu meço 1,53m e hoje eu estou pesando 79 quilos, é muita coisa para o meu peso. Então, isso mexe muito com a minha cabeça. Sempre mexeu muito com a minha cabeça. Quando eu entrei na companhia em 1991, eu fiz cirurgia no busto, porque começou a afetar a minha coluna. Meu trabalho era na Zona Azul. Carregava 30 talões, final de mês, principalmente. Então começou a afetar minha coluna. Tive desvio de coluna. Então esta parte em mim aqui não mexia, essa parte esquerda não mexia. Talvez seja por que depois mais tarde apareceu a hérnia de disco também. Eu carregava a bissaca, depois a bolsa, tiraram a bolsa e colocaram a bissaca. Então eu ficava com a bissaca de um lado e de outro, mas isso não resolvia. Então aí apelei pro ortopedista, apelei para o cirurgião plástico que aí me*

indicou para o Dr. P. que eu acho que não está mais aqui. E me fizeram a carta, tudo; e me autorizaram a cirurgia. Foi aí que eu fiz. Me senti melhor e sempre tentando emagrecer, e, hoje eu tenho outro problema de saúde que é o colesterol alto, triglicérides que está 500. Eu fui ao cardiologista ontem, quase o homem teve um piripaque, porque está muito alto. Eu tenho caso na família. Minha mãe teve enfarto, minha mãe teve derrame e eu sou a única da família que tem colesterol alto e triglicérides alto, então isto me preocupa muito. Meu corpo tem tudo haver com os problemas de saúde que eu tenho hoje. E eu fico assim... um pouco preocupada, vivendo a base de regime e de dieta, porque eu preciso emagrecer, porque eu emagrecendo consigo abaixar o colesterol e triglicérides. Isso me preocupa muito hoje. E em relação ao meu corpo assim... no ambiente de trabalho...

Isso. Olha! Eu vou ressaltar aqui para você. Como eu tinha colocado em relação ao corpo no ambiente de trabalho. Como a gente vê o corpo? Normalmente em relação a postura do corpo, a questão do movimento, de força exercida. O corpo em ação. É o movimento, a força e a dimensão. Quer dizer, altura, peso. É quanto a dimensão do corpo em relação ao ambiente de trabalho.

Alice - *Todos os dias quando chego para trabalhar, que eu vou sentar, todo dia, eu tenho que arrumar a posição da cadeira, ou seja, o assento, o encosto, porque eu tenho que ajustar esse encosto por causa da minha hérnia de disco, que é lombar do lado esquerdo. Ele tem que pegar bem aqui embaixo para eu não sentir dor. Eu coloco apoio de pé, coloco apoio de braço ou apoio de punho se estou digitando e eu fico... a cadeira fica bem reta aqui, ó! Eu encosto bem na mesa, bem retinha, assim... trabalhando. Acontece que eu tento, lógico, eu aprendi quando fiz RPG. Aprendi a sentar, tem que apanhar um objeto, tem que levantar, tudo tem que ter cuidado no meu caso. Acontece que as cadeiras, elas dançam o tempo todo. Então, a coluna também reclama por causa disso. Você pode quando tiver uma oportunidade sentar lá na cadeira. Você vai ver toda as cadeiras o assento está solto, não está bonitinho que nem esta aqui fixa, fica dançando. Quase você não tem posição para trabalhar direito. Eu sou rápida no teclado. Eu sou muito, assim... atenciosa. Eu sou rápida para digitar. Eu também tenho tendinite nos dois antebraços. Uma vez eu fiquei afastada um monte de tempo por causa da tendinite no ante-braço. Fiquei engessada no braço esquerdo até acho..., está no relatório, aí. Que eu adquiri de tanto ficar lá, digitando ou, então, analisando. A gente trabalha em dupla. Eu procuro, todas às vezes sentar direitinho, porque eu penso logo no meu*

corpo, na minha saúde. Porque eu já tenho a tendinite, então se eu sentar relaxada eu acho que piora o meu problema. Eu também não colocar apoio de punho é forçar muito o meu punho, aí vai acarretar, como outra vez, subiu para o ombro, fiquei afastada, porque subiu para o ombro minha tendinite. Não tem nada haver, esse aí, foram problemas que eu adquiri, não aqui no departamento de multas, mas no DMT onde eu estava, porque eu ficava no computador direto, porque não tinha apoio de pé. Tinha apoio de punho, mas não tinha apoio de pé, não tinha tela de proteção como aí também não tem tela de proteção. E uma coisa que chama muito a atenção é que eu sou a única do departamento que não usa óculos. A Clarice, acho que usa também, é que ela não põe óculos lá, mas eu acho que usa também, não sei. Parece que eu já vi ela de óculos. Eu sou a única que não usa óculos. Então, quando eu fiz tratamento homeopático, eu passei numa palestra de oftalmologia, então ele ensinou alguns exercícios. Esses exercícios, toda vez que eu lembro na minha casa eu faço, que é para prevenção do uso de óculos. Eu não uso e vou continuar não usando. Aí, teve um dia desses, eu tive uma irritação no olho, eu fui no oftalmologista, chegou lá fiz exame. Tudo bem, não tem que usar óculos. Mas, só que eu tenho que prevenir, porque eu não tenho cuidado nenhum da empresa, para que me afete a visão, porque não tem tela de proteção em nenhum dos computadores. Nunca se fala em tela de proteção lá. Daí eu não sei, mas eu cuido assim... da minha postura. Toda vez que eu vou no departamento, sentada, se eu vou pegar alguma coisa embaixo do armário, embaixo no chão, porque eu fiz RPG. Eu fiz um tempo de RPG.

Você falou na questão postural, da dimensão do seu corpo, né! Com a dimensão dele você acaba acertando a cadeira, se aproximando da mesa. A questão de movimento e a questão de força. Como é que você se vê?

Alice - Olha é para trabalhar assim. Acho que falta um pouco aqui. Acho que falta bastante aqui. Porque eu, por exemplo, eu uso só esses daqui para digitar. Só os três dedos. Só os três primeiros. E quando eu estou na análise, que é passar o filme naquela máquina eu fico com o braço assim... eu sinto muita dor aqui, ó!

Fica com ele curvado e sem apoio para o punho?

Alice - É a posição que você tem para ir passando o filme. Aí, com esse dedo aqui você vai movendo a maquininha, você aproxima a foto e também distancia ela. Eu só uso esse aqui. Aí, tem aquele que você vai na claridade, no brilho da foto para você poder focar direitinho a foto, a placa do carro e gravar a imagem. Esta é a parte

de quem está fazendo a análise, e quando eu estou digitando eu digito rápido, eu não sinto tanta dor, só que eu procuro sempre estar com apoio de punho, porque se meu braço está tenso, aí eu começo a sentir dor mais para cima, até. Aí, eu sempre faço uns alongamentos sentada, porque como eu já faço alongamento com os pés, que eu já sei. Faço alongamentos. Vou no banheiro toda vez faço alongamento. Eu procuro sempre estar fazendo alguma coisa para não sentir tanta dor. Mas, eu também tenho problema.

Você diria que a dor te orienta, o que você precisa fazer para o seu corpo?

Alice - *Ah! Eu acho que sim. A dor, porque como eu sou uma pessoa que já tenho 36 anos já venho de uma caminhada da Zona Azul, que é um serviço sacrificado. Depois eu passei para o DMT e agora passei para o departamento de multas. Então, eu já venho de 13 anos de empresa, eu já venho de uma caminhada mais ou menos, né! Então, todos os problemas que eu tive, geralmente, fui procurar um profissional, orientação profissional. Eu já fiz hidroginástica, eu já fiz RPG, alongamento, então eu sempre estou fazendo para prevenção, para mim eu faço, não sei, agora, o outros, né!*

Bom, está jóia. Agora, deixa eu passar para a 2ª questão. Como você vê, ver efetivamente como a gente colocou aqui, o corpo em movimento, a força do corpo, a postura do corpo e as dimensões do corpo? Como você vê os corpos dos seus colegas? O que mais lhe chama a atenção?

Alice - *Olha! O que mais me chama a atenção é que eu, por exemplo, quando estou na análise, geralmente, estou com o apoio de braço, aquela tábua que acho que foram até vocês que fizeram, mandaram o DSA fazer, não sei! Que a gente apóia o braço e vai passando o filme. Eu sempre estou com aquilo porque sinto menor dor, fico relaxada lá, meu braço descansa lá em cima. Se eu ficar sem aquilo eu fico forçando e eu começo a sentir dor aqui. Toda a vez que eu peço uma troca para um colega: - você senta aqui, por favor, que eu preciso ir ao médico, opa!, ao banheiro, que eu estou na análise. Quando eu volto para sentar no meu lugar, eu vejo que a cadeira já foi mexida. Aí, ele já aumentou a cadeira, ele tirou já o apoio de pé, ele tirou esse apoio aqui. E tem gente que puxa o encosto para trás, então fica assim... ó! A pessoa fica assim... ó! Tem gente que é um pouco meio barrigudinho, assim... Então para ele atrapalha ele. Fica muito afastado. Tem gente que trabalha muito, assim... relaxado, como se estivesse na casa dele, na sala da casa dele, entendeu?! Eu vejo.*

Você considera isso como uma... o jeito dele se ajeitar no lugar que trabalha?

Alice - *Porque cada um tem um modo. Que nem eu sou pequena, então eu preciso tanto o assento como o encosto da cadeira, porque eu sou pequena. Eu ponho apoio de pé, eu ponho apoio de punho, ponho o apoio de braço. Então, eu procuro me ajeitar. Então, eles acham que não precisam do apoio de braço, do apoio de punho, do apoio de pé. A cadeira ele deixa a cadeira bem baixo, porque ele é alto. Eu não! A cadeira é bem mais alta porque eu me apoio no apoio de pé. Eu fico sentada, vamos dizer, noventa graus, que se fala, né! Eu fico sentada. Aí, quando eu volto para o lugar, vejo que está tudo mudado. E as pessoas que não usam o apoio de braço, costumam tirar o apoio de braço e colocar em qualquer lugar, assim..., no chão, no canto. Não é, aquilo tem que ficar em cima da mesa porque ele não usa, mas eu que vou sentar em seguida, vou usar, eu preciso usar, eu quero usar.*

Mas, tem lugar certo para ele ou deveria estar aí?

Alice - *Ah! Tem lugar certo, o lugar é na maquininha, aquela maquininha de análise.*

Então, como outras pessoas utilizam de forma diferente acabam tirando, porque não o acham necessário utilizar?

Alice - *Não acha necessário para ele.*

A partir do que você me disse, né! O ambiente que é alterado pelos corpos das outras pessoas acabam usando. Aí, não se adapta a você. Aí, a outra pessoa vem, adapta para ela. Aí, quando você volta, precisa arrumar tudo de novo. Adaptar para você.

Alice - *Então, eu pego apoio de pé, apoio de braço, pego apoio de punho, se não tem eu quero adaptar para mim. Eu acho que cada um tem que cuidar de si. Eu não ligo a opinião do outro, eu faço um alongamento, assim, eu não estou nem aí, vou puxando o meu braço. Eu não estou nem aí, até na sala vou puxando a mão por detrás da cadeira, assim..., sabe? porque...*

Ele deve saber a importância disso, né! Eu espero que nesse processo aqui ele venha dar importância, porque é um alongamento necessário para dar um descanso para a musculatura.

Alice - *E também nós tínhamos as aulas de taichi chuam lá atrás (do departamento), inclusive a japonesa foi embora e eu fiquei dando a aula de taichi. Acontece que com aquele problema de muito filme, muito serviço no departamento a*

gente foi deixando de fazer taichi. Hoje a gente não faz mais tichi, porque a gente tem muito filme para fazer. E às vezes a gente começava às 15 para às 9, só que nem todo mundo chega às 15 para às 9, então esta é uma coisa. Sabe!, eu gostaria de continuar a fazer taichi.

Era bom?

Alice - *Era bom, todo mundo se sentia bem. As pessoas que faziam se sentiam bem, porque quando eu dava aula de alongamento, eu sei os exercícios certinhos do alongamento e sei a aula certinha, passo a passo do taichi. Eu ia na frente e puxava a aula, né! E aí todo mundo fazia. Vinha gente de outros lugares para fazer. E era bom. Só que acabou que a japonesa saiu. Muitos problemas, muito trabalho também. A gente passava do horário às vezes. Não dava para fazer. A gente foi deixando. Depois entrei em férias em julho, aí pouco se fez de taichi e acabou acabando.*

Bom! Ainda nesta linha... Só para reforçar. Mais alguma coisa você nota, em termos de movimento, força, postura, dimensões corporais, coisas que ressaltam aos seus olhos, que você repara, assim... Sem ter julgamento de valor, se é bom, ruim, que você repara em relação aos corpos dos seus colegas. Tem mais alguma coisa que você gostaria de citar?

Alice - *Não. As coisas que as pessoas estão mudando. Eu adapto às coisas para eu sentar, depois o pessoal tira o equipamento e diz que o braço está doendo, não sei o que lá, não sei o que lá. Acho que se o equipamento está lá é para ser usado. Acho que todo mundo tem que pelo menos adaptar. Aquele que não tem dor. Ficar lá com ele para tentar. Aquele que não tem dor, não sente dor, teria que ficar com ele para se prevenir, para não ficar com dor. É que eles tiram. Então, eu não escuto que as pessoas falam. Se eu tiver que falar eu falo. Mas, também, o equipamento tem que ficar no lugar, porque tem que deixar no lugar. Você tem dor ou não tem dor, então... deixa o equipamento aí. Então, aí eu falo. Eu sou muito espontânea. Eu não fico me segurando.*

Normalmente você comenta com eles isso.

Alice - *Ah! Eu comento, mas tem gente que fala: - eu não gosto disso. Eu acho até uma falta de respeito. Se ele não gosta, eu gosto. Um usa, o outro usa, entendeu?! Eu esqueci de falar uma coisa. As pessoas que não gostam de usar o equipamento reclamam pela falta de espaço. Nós temos uma carência muito grande lá, espaço físico, né! Quando entrou mais um equipamento ficou mais apertado. Se*

coloca o teclado em cima do tablado, o apoio em cima do teclado. Só que não dá para puxar por causa da maquininha, porque o fio é curto. Se você tiver um tempo você pode até ver isso aí. Talvez seja por isso que tem gente que não gosta de usar. E quando a gente vai fazer a renomeação das fotos, a gente tem que puxar o teclado debaixo sim, para poder renomear. Então isso atrapalha. Aí, tem gente que tira o apoio, até usa o apoio, tira, põe de lado para poder fazer a renomeação. Isso é uma coisa que incomoda bastante. As tomadas, acho que estão muito distantes. Eu não sei porque nunca... Tem uma canaletinha atrás do nosso equipamento que eu não sei onde estão as tomadas, porque eu vejo que tem equipamento lá que fica difícil usar o teclado e mesmo assim usa o apoio por causa do fio que é muito curto. Nós temos esse problema também, que eu não sei se alguém citou aqui.

Eles são ligados no CPU, porque estão debaixo da mesa?

Alice - *Mas, aí encurtou o fio... Então, quando você vai renomear você não consegue fazer o movimento, então você tem que tirar o apoio, por de lado e fazer a renomeação. Você volta de novo. Eu volto de novo. Tem gente que prefere não colocar o apoio. Acho que é por causa disso, a distância.*

Bom, vamos passar, agora, para a 3ª e última pergunta. Nesse sentido ainda, sem o sentido de juízo de valor, ver o corpo mesmo em movimento, postura, a força que ele exerce. Como você, em particular, acha que os seus colegas de trabalho pensam do seu corpo? Como é que você acha que os teus colegas te vêem?

Alice - *Trabalhando?*

Como vêem o seu corpo e depois o seu corpo em relação às atividades, ao ambiente.

Alice - *Ah! Eles nunca falaram nada assim.*

Normalmente as pessoas vêem ou eles fazem algum comentário e você sabe o que estão pensando. Ou algum tipo de movimento, algum tipo de ação que eles vêem. E você pode captar o que eles estão pensando. Ou usando a imaginação, o que você acha que eles poderiam estar pensando sobre o seu corpo e sobre a relação do seu corpo com o ambiente de trabalho.

Alice - *Eu não acho nada. Alguém falou alguma coisa aqui?*

Esse aqui é um exercício, que eu estou fazendo com cada um para saber como as pessoas acham que as outras estão vendo elas.

Alice - *Ah! Eu não sei. Eu acho que eles vêem eu, como assim... que eu trabalho direitinho, puxo apoio ali, puxo apoio aqui. Eu acho que eles pensam que eu*

trabalho direitinho, de acordo. Aquilo que eu não uso óculos. Eu faço meus exercícios e já ensinei para eles, para prevenção. Para abaixar o grau do óculos, aqueles que usam óculos. Só eu que não usa. Para abaixar o grau. O que é bom para mim é bom para os outros.

É uma visão que eles tem do seu corpo, na questão. Aí, particularmente, a questão dos olhos.

Alice - *Em relação à faculdade, me falaram assim: - faça Nutrição. Porque como eu tenho caso em família. Então eu sempre estou combinando alimento, salada, isso, aquilo, bolo, chocolate não pode por causa do colesterol. Então, as pessoas falam para mim: - faça nutrição, porque você vai se dar bem. Assim... entendeu?*

Tem uma outra relação, uma foi com os seus olhos, outra, eles pensam sobre o seu corpo, que você é preocupada com essas questões de nutrição.

Alice - *É, e tem pessoas que até nem me oferecem e falam assim: - ó! Eu sei que você não pode comer. Me ajuda, porque eu não posso comer nada que tem chocolate, nada que tem coco, nada que vai aumentar meu colesterol. Eu não posso nada gorduroso, nada com gordura. Os colegas até me ajudam nesse sentido.*

Essa forma de ajudar é como eles pensam o seu corpo. Eles pensam o seu corpo como um corpo que merece cuidados, né! Você vê o sentido? Se eles estão preocupados é que eles vêem o seu corpo necessitando de cuidados. Certo?

Alice - *É. Eu nunca tinha percebido.*

Imaginando mais um pouquinho. Nesta questão postural, de movimento, na questão de força, na questão da dimensão do corpo. Tem mais alguma coisa que você nota, o que eles podem estar pensando do seu corpo?

Alice - *Acho que não. É. Sim. Tem aquelas pessoas que trabalham só mais devagar, tem menos disposição. Aqueles que você tem que dar muita atenção, atenção direto, porque renomeia errado, porque está pensando lá em casa, mas está ali em frente ao equipamento fazendo multa de carro, caetano. Então, a agente, eu presto muita atenção com quem vou sentar, porque as vezes a pessoa erra e a multa não pode errar, pois a placa é tal, tal, e a multa para a pessoa é tal, tal. Se a pessoa renomeia errado, que está acumulado na análise aí, se puxar o cadastro vai dar que foi ele e eu que fiz. Então, quer dizer, o serviço cabe os dois olhar a renomeação das multas. Tem gente que acha que eu sou muito rápida na digitação. Eu não acho. Acho que tem gente muito melhor que eu. Só que eu acostumei*

trabalhar. Como eu estou no departamento há três anos, então cabe a mim ficar catando milho, entendeu? Eu sou auxiliar, já fazia digitação, trabalhava com máquina, então... quer dizer, eu já tenho uma certa prática. Tem gente que acha que eu sou muito rápida. Quando estou na análise. Tem gente que já falou para mim: - aí, S. Vou ficar com labirintite. Porque se você está fazendo multa de caetano, que é o radar fotográfico, você tem que prestar atenção redobrada, por causa do corredor. O corredor é só corredor de ônibus e tem que olhar a foto inteira, ver dos lados, se realmente passou no lastro, se vem carro de emergência atrás, polícia ou ambulância. Então eu olho a foto, eu olho a foto posterior e a atual, porque se tiver uma ambulância na frente eu não posso multar esta, por passar no vermelho. Tem que colocar a próxima que vem. Então, eu olho a foto de novo, eu olho a situação. Vejo se não está passando nenhum carrinho de fruta ou de bebê. A mãe empurrando o carrinho de bebê. Ou, então, aqueles caras carregadores de bebida, que aciona o lastro e fica uma situação de dúvida. Então, tem que tomar muito cuidado. É uma multa de caetano. Então o cara fala para mim, assim: - que está com labirintite, porque eu fico indo na foto anterior e passa para a atual. Mas é porque é o trabalho, é a atenção, você tem que ter responsabilidade. Se for errado, puxa no cadastro. Quem fez esse filme - a Alice e outra pessoa. E aí? Entendeu? Aí, dependendo da multa, dependendo da situação tem que ser feito o relatório, levar lá para o gerente. Aí, tem que passar para o encarregado, que é o J. É um transtorno. Eu prefiro não fazer errado, preferencialmente não fazer errado do que fazer correndo e fazer errado. Eu estou dizendo quando eu estou na análise. Eu estou analisando. Estou passando o filme lá na maquininha. É isso.

Deixa eu tentar aqui resumir. Você acha, então, que os seus colegas pensam que o seu corpo, através do seu corpo, te acham atenta e preocupada?

Alice - *É, porque eu estou assim... se eu estou muito devagar que nem tem gente lá, que estou na máquina...*

Eles se referem a isso?

Alice - *Eles falam que eu sou muito rápida, que eu dou labirintite, eu passo a posterior e depois eu volto para atual. Geralmente a análise fotográfica. Então, é porque eu sinto muito sono. Eu tenho anemia. Eu moro longe, durmo pouco, eu sinto muito sono. E se eu for devagar, ficar soletrando, eu começo até cochilar. Como já aconteceu uma vez, eu chegar até a cochilar. Então, o serviço exige muita atenção. Então eu não posso ficar bobeando. Tenho que me aplicar para fazer certo.*

Também não posso ir de vagar, se não eu cochilo. E também porque eu não gosto de moleza. Se o serviço esta aí para fazer, não tem que fazer? Vamos fazer. Porque eu vou ficar meio período fazendo um filme? Eu tenho que fazer no mínimo, em uma hora, quatro filmes. A análise de quatro filmes em uma hora.

Isso é uma média?

Alice - *Uma média.*

O tempo é muito apertado ou é normal?

Alice - *Não. É normal. Uma vez o J. pediu, inclusive, para não conversar muito, olhar outras coisas ao nosso redor, atenta ali na análise, porque nós estávamos com uma série muito grande de filmes para digitar. Então a gente não podia dar atenção a outras coisas. Estar toda hora levantando, atendendo telefone. E quando se muda de lugar se pede substituição: por favor dá para você ficar no meu lugar. A Diana sabe disso, e o pessoal sabe disso. Então, a pessoa me acha muito rápida. Não são todos. O que eu estou dizendo é o tal negócio que tem aqueles que dão mais e aqueles que dão menos. Aquele que liga, que é detalhista demais, que fica: - é esse carro da polícia mesmo - não sei o que lá!. E fica no vai e volta. Então, tem coisas e coisas. Tem detalhes e outras coisinhas que importa na hora da análise. Entendeu? E se eu for sentar com alguém que fica com muitos detalhes, eu já digo: - vamos deixar de muito detalhe, pergunta depois, que agora nós temos que fazer análise. Eu falo bem assim. Também, seja por isso que a gente acha que eu sou muito rápida. E não digo que sou puxa saco. Eu sou profissional. Acho que aprendi o serviço muito rápido. Eu sou uma profissional, consigo fazer. Quando eu voltei de férias eu achei que era um bicho de sete cabeças. Quando eu sentei pela primeira vez para fazer análise, eu achei aquilo lá, ó! Como uma coisa assim... Requer muita atenção isso sim. Tem que ter muita atenção. Faz muita coisa rápido.*

A dificuldade do serviço em si está no volume e na atenção a ser empregada ali. Parece que é isso, né!

Alice - *É.*

Bem, agora para dar um arremate. As perguntas, do que eu expliquei para você, da nossa conversa aqui, você quer fazer mais algum comentário?

Alice - *Ah! Não. Eu não quero fazer comentário.*

Você citou e eu acabei cortando. A questão do estresse. Talvez seja isso aí que esteja faltando você comentar.

Alice - *Eu sou uma pessoa muito impaciente, embora eu faça terapia. Toda a semana eu vou na psicóloga desde que eu entrei no DMT. Eu faço terapia até hoje, eu não parei. Já quis parar, mas ela falou que não era o momento. Eu tenho, assim, muitos problemas pessoais na minha casa. Muitos problemas. Talvez seja por isso que eu não consiga baixar o nível de colesterol. Eu fico muito nervosa, por muito tempo. Eu falei para com meu marido: o emocional não mexe com essas coisas também? Porque eu fico muito nervosa, por isso, aquilo. Ontem, por exemplo, eu estava muito impaciente. Eu e diversas pessoas que vieram a pé molhou bastante. Então, eu sou assim. Não sei se é por causa daquele serviço da Zona Azul, porque eu já passei por três gerências, eu já estou com 36 anos e cada vez de eu vou ficando mais velha, eu vou ficando menos paciente. Então, eu sou muito rápida para resposta. Então, falou alguma coisa eu já respondo na hora. E eu não gosto de ofender as pessoas, mas na hora, assim, eu pego e respondo. Eu não seguro. Porque se eu não responder, depois, parece que fico aqui na cabeça. O porquê, eu não resolvi na hora e poderia ter resolvido. Mas, eu não me considero, assim, uma briguenta.*

Comentário individual, por escrito, após a exibição do filme

Após ter assistido a fita gravada no meu departamento, pude perceber o quanto nós sentamos incorreta para trabalhar. Apesar do serviço ser repetitivo percebi que algumas pessoas não usam apoio de braço nem de pé e também apoio de punho. Se todos procurassem usar os apoios necessários, acho que preveniria para não sentirmos tanta dor. Temos também o problema de espaço físico e com mais um equipamento ficou ainda mais sem espaço e também acho que é necessário refazer o lay-out das tomadas em que os equipamentos são ligados, pois os fios ficam curtos para poder manejar os equipamentos e talvez seja por isso que algumas pessoas não usam os apoios.

Com mais um equipamento no setor, o espaço é pequeno e as pessoas ficam totalmente voltadas para o visor, então ficamos virados para um lado só, o que acarreta muita dor no final do expediente. Eu falo por mim que sinto muita dor do lado esquerdo, pois fico o tempo todo voltada para um só lado.

Sempre procuro revezar com a pessoa que estou trabalhando, mas isso não resolve muito, por que o serviço é repetitivo e cansativo. Eu procuro sempre usar os apoios necessários para diminuir um pouco as dores, se bem que não resolve muito.

Percebi também que alguns colegas do setor sentam muito relaxados, e não usam nenhum apoio.

Tem pessoas no Departamento que já têm problemas devido ao serviço, mas não vão ao médico e nem no departamento médico abrir a CAT, talvez isso prejudique ainda mais a saúde dessas pessoas por não procurar tratamento o quanto antes.

Acho que as cadeiras estão em péssima condição para uso, então não resolve muito arrumar o encosto e nem o assento porque as cadeiras estão na hora de serem trocadas por outras. O barulho também ajuda bastante para ficarmos desanimados, mesmo porque a atenção tem que ser redobrada quando há muito barulho na sala.

Relato Pessoal dos Problemas de Saúde em Situação de Trabalho

O meu problema de saúde (tendinite) começou a mais ou menos uns cinco anos atrás. Tudo começou quando eu estava trabalhando em outro departamento, pois eu ficava muito tempo digitando e comecei a sentir muita dor nos antebraços. Fui procurar um especialista no assunto, quando este tirou RX e me deu afastamento de dez dias, então fiquei com o braço engessado e tomei medicamento também. Após os dez dias voltei para trabalhar quando tive uma surpresa muito desagradável. Fiquei sabendo que o supervisor daquele departamento havia feito uma C.I. e encaminhado para o R.H pedindo então meu desligamento da Companhia. Naquele momento minha cabeça pirou, pois fiquei me perguntando por que esse supervisor precisava fazer isso contra mim?

Percebi que começava aí uma batalha dura e eu então comecei a sentir dor demais, sem ter medicamento que iria passar a minha dor.

Tomei então uma providência, então fui procurar uma psicóloga porque eu iria precisar e até hoje faço análise. Fui procurar também informações com o Sindicato e a DR, porque dali para frente eu precisava estar bem informada para me proteger. Graças a muitas pessoas eu não fui mais prejudicada porque quando algumas pessoas me ameaçavam eu já sabia me defender.

Muitas vezes escutei as pessoas que estavam ao meu redor falar que eu não tinha nada, por que eu ia tanto a médicos e também que eu sempre estava com boa aparência. Este problema de tendinite é interno e ninguém mostra no rosto se está sentindo dor ou não.

Meu relacionamento com as pessoas desse departamento foi sempre piorando cada vez mais. Até que um dia fui chamada para fazer entrevista com o gerente desse departamento que hoje eu trabalho. Fui bem recebida pelas pessoas desse departamento, não tenho problema com ninguém e espero que seja sempre assim daqui para frente. Eu acho que a coisa mais horrível que existe é a insatisfação profissional. Naquela época, meu psicológico era sempre ruim, eu não conseguia sorrir, não conseguia desempenhar um trabalho bem, por que sempre alguém punha obstáculo e falava que estava errado. Tinha também uma coisa: o trabalho mais fácil era para eu fazer e o mais difícil era outra pessoa e isso deixava eu lá embaixo e até sentia um bicho do mato incapaz de fazer qualquer serviço. Naquela época entrei em depressão, a ponto de não querer ir trabalhar e todos os dias eu chorava muito antes de sair de casa. Mas hoje sou uma pessoa super feliz e agradeço muito as pessoas que me ajudaram quando eu precisei. A melhor coisa boa que me aconteceu foi a mudança de departamento, os amigos que lá encontrei e a humildade e simplicidade de todos.

Vou falar uma coisa legal, até as dores que eu sentia tanto diminuíram e eu estou feliz com as mudanças que passei. Posso dizer que a maioria dos problemas está relacionado sim com o ambiente de trabalho e as pessoas.

ANEXO IV

Relatório Preliminar de Análise Ergonômica

Foi realizado um Levantamento das Condições de Trabalho dos videodigitadores com a finalidade de identificar situações inadequadas do ambiente de trabalho, que pudessem estar trazendo prejuízos à saúde dos empregados. Neste levantamento foram destacados os seguintes itens: morbidade; mobiliário; equipamentos; conforto térmico; iluminação e ruído ambiental. Posteriormente, foram avaliados os dados e elaborada uma conclusão seguida de propostas de melhoria.

LEVANTAMENTO DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO

I - Morbidade

Foram constatados alguns casos de empregados que apresentam sintomatologia de DORT, alguns já registrados como Acidente do Trabalho (Doença Ocupacional) e outros casos a serem confirmados.

II - Mobiliário

a) cadeira – não tem os ajustes necessários de altura, de inclinação e de conforto (formato anatômico). Por falta de manutenção (assentos soltos e rasgados; falta de botão de ajuste do encosto; pistão sem fixação, etc) apresentam-se instáveis, dificultando o equilíbrio.

Conseqüências – postura anti-natural, esforço excessivo da musculatura do pescoço, coluna e membros superiores.

b) mesa – inadequada; não permite um lay-out adequado dos equipamentos na área de trabalho.

Conseqüências – postura anti-natural, esforço excessivo da musculatura do pescoço, coluna e membros superiores

Legislação/Norma Técnica – NR-17 (17.3 e 17.3.3), NBR 13966, NBR 13962 e NBR 13965.

III - Equipamentos

a) monitores

Em número de três monitores estão em posição baixa; exige maior número de movimentos corporais; estão com um arranjo físico inadequado; tem deficiência nos controles de cores e de nitidez; etc

Conseqüências – postura anti-natural, esforço físico estático, movimentos repetitivos;

b) equipamento de leitura de filmes.

Não possui apoio adequado para os braços; há um aquecimento em sua base, que é transmitida às mãos; não permite uma regulagem de altura para se adaptar ao empregado;

Conseqüências – postura anti-natural, esforço físico estático por falta de apoio adequado para os braços, aquecimento das mãos que pode ocasionar choque térmico ao se lavar as mãos, cansaço visual, movimentos repetitivos

c) CPU - Impressora - Cabos e Conexões

Estão em posição inadequada dificultando o acesso, aquecendo as pernas como no caso do CPU embaixo da mesa. Alguns cabos e conexões estão com mau contato, causando dificuldade em operar os equipamentos e, assim, atrasando o trabalho. Ao mesmo tempo em que o sistema não funciona corretamente, ocorre a partir daí longas paradas, que acabam fazendo com que os empregados acelerem, posteriormente, as atividades para colocar o serviço em dia.

Conseqüências – postura anti-natural, torções freqüentes da coluna e do pescoço

d) tecnologia desatualizada

A tecnologia existente não permite a condensação dos dados de forma que em apenas poucos movimentos o empregado colete e transmita informações de forma mais segura e confiável

Conseqüências para o organismo – fadiga e cansaço por esforço excessivo na troca freqüente do direcionamento da atenção, em vistas também, das informações não estarem centralizada e serem de fácil acesso.

Legislação/Norma Técnica – NR-17 e Código de Obras do Município de São Paulo

IV - Conforto Térmico

As principais fontes geradoras de calor existentes no local, são: equipamentos elétricos, lâmpadas e reatores das luminárias, incidência solar, irradiação de calor pelas paredes que recebem a ação direta do sol. No local encontramos: um aparelho de ar condicionado, dois ventiladores (tipo pedestal, que estão quebrados) e um circulador de ar, porém estes equipamentos não estão sendo eficazes para proporcionarem um bom conforto térmico. Pela extensão da área, pela ausência de outras entradas de ar além das janelas e pela insuficiência de equipamentos de refrigeração constata-se uma inadequação do sistema de ventilação e equilíbrio térmico apontados pelos empregados do setor.

Conseqüências para o organismo – aumento da temperatura corporal, ressecamento da garganta e esforço maior das cordas vocais, aumento da pressão arterial, etc,

Legislação/Norma Técnica – NR-17 (17.5 – 17.5.2 Alíneas “b”, “c” e “d”)

V - Iluminação

A medição do nível de iluminamento, registrado com luxímetro digital, em 06 pontos ou áreas de trabalho apurou os seguintes valores: 599 lux; 474 lux; 426 lux; 483 lux; 614 lux e 616 lux. Observa-se, a partir destes dados, que a iluminação do ambiente não é homogênea (deveria ser de 500 lux em todos os pontos do ambiente) e que existem outros fatores de inadequação, que envolvem o sistema de iluminação e que deverão ser readequados, tais como:

- a) as luminárias não estão distribuídas de forma uniforme;
- b) as disposições das luminárias provocam reflexos nas telas dos monitores;
- c) existência de incidência solar em boa parte da sala;
- d) faltam difusores nas calhas das luminárias

Conseqüências para o organismo – fadiga visual, dor de cabeça, exigência de maior atenção, esforço mental maior para discriminar caracteres nas telas dos monitores.

Legislação/Norma Técnica – NR-17 (17.5 – 17.5.3.1 – 17.5.3.2 – 17.5.3.3) e NBR 5413

VI – Ruído

Conforto Acústico

a) fontes de ruído – conversas entre os funcionários, conversas paralelas dos empregados de outro departamento com assuntos diferentes, funcionamento dos ventiladores e do circulador de ar, funcionamento do ar condicionado. Todas estas fontes de ruído podem prejudicar a comunicação e a transmissão de dados, bem como o seu fiel registro.

b) nível de ruído registrado por decibelímetro nas piores condições de trabalho está na faixa de 60 dB(A) e 78 dB(A)

Conseqüências para o organismo - desconforto auditivo, irritabilidade, exigência de maior esforço para atenção e concentração, etc.

Legislação/Norma Técnica – NR-17 (17.5 – 17.5.2 – Alínea “a”) e NBR 10152.